

1952 / 1953 - 39 / 42
29

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1952-1953 – ANO: XX-XXI - Nº 39 a 42

Revista da Academia Matogrossense de Letras

ANOS XX-XXI 1952-1953 TOMOS XXXIX-XLII

VERDE

SUMÁRIO

D. Aquino Corrêa — DOIS JUBILEUS

CADEIRA N.º 33 — MARIANO RAMOS

Posse do Acadêmico Lenine Póvoas

- 1) Abertura — pelo Presidente Mesquita
- 2) Discurso de Posse — pelo acadêmico Lenine Póvoas
- 3) Discurso de Recepção — pelo acadêmico Rubens de Mendonça

POESIAS: José de Mesquita — Novos "Ritmos novos"
Alirio de Figueiredo — Miragem, Canto Eterno, Epi-
gramas, Velho Tema, Terra
minha, Eles, O Último prato
Fidalguia.

Luis Feitosa Rodrigues — Súplica
Colombina — Fanal
Corsindio Monteiro — Incontido desejo
G. Vandoni de Barros — Lupércio (tr. Heredia)
Rubens de Mendonça — Campo Grande, Iara, Catulo
da Paixão Cearense, Enquan-
to a chuva cai, Futebol e
Os flagelados.

CADEIRA N.º II — BARÃO DE MELGAÇO

Posse do Acadêmico Antônio de Arruda

- 1) Abertura -- pelo Presidente Mesquita
- 2) Discurso de posse — Antônio de Arruda
- 3) Recepção — pelo Acadêmico Gervasio Leite

Corsindio Monteiro — Cronista ad hoc

Cesario Prado — Saudação a D. Aquino na F. A. L. B.

CADEIRA N. 5 — SILVA PONTES

Posse do Acadêmico Francisco Ayres

- 1) **Abertura** — pelo Presidente Mesquita
- 2) **Discurso de posse** — Francisco Aires
- 3) **Recepção** — pelo acadêmico Rosário Congro

V. Corrêa Filho — Revendo Cuiabá

CADEIRA N. 16 — RAMIRO DE CARVALHO

Posse do Acadêmico Wanir Delfino Cesar

- 1) **Abertura** — pelo Presidente em exercício Francisco Mendes
- 2) **Discurso de posse** — pelo acadêmico Wanir Delfino Cesar
- 3) **Recepção** — pelo acadêmico Luis-Philippe Pereira Leite

Antônio de Arruda — Dia da Cultura

CADEIRA N. 20 — JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA

Homenagens póstumas ao fundador Prof. Philogonio Corrêa

- 1) — **Palavras á beira do tumulo** — pelo Presidente Mesquita
- 2) **Palavras em sessão da Academia** — pelo Secretário F. Mendes

José de Mesquita — O dia da Pàtria e da Academia

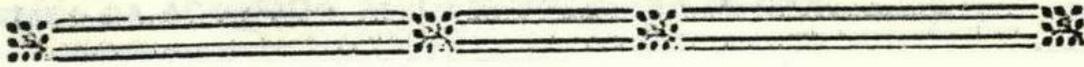
Páginas dos novos

POESIAS — de Marilza Ribeiro, Minerva Ferreira, Antidia Coutinho, Maria Cursino Curvo, Gitinha Maranhão, Newton Alfredo, Luiz Lopes de Brito, Monoel Galheiro e Agenor F. Leão.

Dois Jubileus (*)

(*) Curitiba comemorou, de maneira condigna, o jubileu de ouro da vida religiosa e o jubileu de prata na Academia Brasileira, do Arcebispo D. Aquino Corrêa, em junho deste ano de 1952.

A Revista da Academia insere, prazerosamente, neste número, como preito ao inclito Príncipe da Igreja e das Letras matogrossenses, que é, ao mesmo tempo o seu Presidente de honra, o bellissimo discurso de resposta por ele proferido, na sessão das sociedades culturais em sua homenagem.



Senhores!

Não foi por mera coincidência ou acaso, que se entrelaçaram numa só e mesma comemoração, os dois jubileus de quem vos fala, o religioso, de ouro e o acadêmico, de prata.

Digo isto, porque exerceram as letras tão suave e forte, tão decisivo influxo na minha vocação eclesiástica, que eu mesmo, de telhas abaixo, não saberia explicá-lo. Limitar-me-ei a expôr-vos simplesmente o fato.

E o fato é que, naquele tempo, pelos fins do século passado, frequentava eu as aulas do Liceu Salesiano desta cidade. Como, entretanto, faltassem aí os últimos anos do Curso Ginásial, tive que sair a continuar os estudos particularmente, e vi-me afinal reduzido à condição de autodidacta.

Aqui foi que se deu a nova e misteriosa orientação, nas tendências intelectuais do futuro noviço salesiano: livre na escolha das matérias a estudar, entreguei-me, de corpo e alma, ao latim. Tivesse isto acontecido com a língua e literatura vernácula, ou qualquer das disciplinas, a que me afeiçoara nos primeiros anos do Ginásio, nada de estranho. O latim, porém, era então a minha grande ojeriza. Dêle bem podia repetir o que do grego dissera Santo Agostinho: *Ophis me terruit*. *Ophis*, isto é, a

declinação de *ophis*, que quer dizer serpente, aterrorizou-me. Tal para mim a gramática latina. Desde as declinações, causara-me terror. Duas vezes a tinha começado, e duas vezes a deixara, com crescente enfado.

De repente, uma verdadeira paixão pelo latim. Como explicá-la? Certo que não foi com o fim de abraçar a carreira eclesiástica, que me pús então a estudá-lo. Mui outra fôra minha intenção: de todo em todo literária; não sei que ardente desejo de pôr-me em contacto directo com a poesia latina, especialmente nos poemas de Virgílio. Mas conhecer assim, de perto, as musas pagãs, não se diria preparação lá muito favorável ao ingresso em noviciados ou seminários.

Do latim ao noviciado

Deus se encarregou do resto. Antes de tudo, penso que o latim tenha dado mais seriedade às minhas pretensões humanísticas. Tão verdade é a resposta do célebre professor inglês a certo pai, que lamentando por inúteis os estudos latinos do filho, perguntava-lhe que iria o filho fazer do latim. “Não pergunte, respondeu êle, o que o seu filho vai fazer do latim, mas sim, o que o latim vai fazer do seu filho.” De fato, não sei como, rapazinho de 15 a 17 anos, que andara até então doudejando à flôr de levianos e dulçorosos versos, tive coragem de ler, no original e na íntegra, livros como a “Vida de Agrícola” de Tácito e a “Imitação de Cristo.” Além disto, colocara Deus a meu lado, mentores zelosos e amáveis, que foram os filhos de S. João Bosco e dentre êles, digno de especial, saudosa e grata menção, o atual Arcebispo de Mariana, então novel sacerdote, os quais tão habilmente aproveitaram o encantamento da minha adolescência pelos estudos clássicos, que êstes, em ação conjunta com outros motivos superiores, a 4 de novembro de 1902, davam comigo

no Noviciado salesiano, onde, aliás, fui feito, desde logo, professor de latim.

A investidura Acadêmica

Vinte e cinco anos mais tarde, em 30 de novembro de 1927, confirmava Deus, por assim dizermos, essa mimosa economia da sua Providência, com a minha surpreendente entrada para a Academia Brasileira de Letras. Surpreendente, repito, e facilmente o compreenderá quem quer que reflita em que, desde que existe a Academia, o Arcebispo de Cuiabá continua a ser a segunda e única batina, a segunda e única mitra, o segundo e único pálio arquiépiscopal, que teve ingresso naquela suprema côrte da nossa cultura literária. Realmente inesperada e incompreensível, sobretudo para mim, fôra essa candidatura, pela qual, contudo, se responsabilizaram um grande árbitro no episcopado, e dois patronos na Academia. Árbitro, a quem entreguei todo o critério, todas as sortes e azares do pleito, foi a eminentíssima figura de Dom Sebastião Leme, Arcebispo coadjutor, que foi, e em seguida, Cardeal do Rio de Janeiro. Promotores e patronos dentro da Academia, foram Carlos de Laet e Ataulfo de Paiva, aquele já morto, mas imortal na admiração das nossas belas e boas letras, êste, ainda vivo, sorridente e elegante, na sua múltipla atividade.

Congresso Eucarístico

Hoje, portanto, é com imensa gratidão para com Deus e para com todos os providenciais instrumentos da sua bondade, que rememoro ambos êsses anos de 1902 e 1927, que vós outros, sob a filial e carinhosa iniciativa do meu querido Bispo Auxiliar e da beneimérita Comissão

Promotora, houvestes por bem comemorar na pompa dum Congresso Eucarístico, abençoado pelo Santo Padre, condecorado, digamo-lo assim, pelo Presidente da República, que se dignou enviar-me, não só o seu representante, senão também, pelas mãos fidalgas do seu Ministro da Marinha, e do Almirante Espindola, uma preciosa insígnia; Congresso honrado com a brilhante púrpura do Cardeal Arcebispo de São Paulo, e com a presença altamente expressiva do Governador do mesmo Estado, com as mitras de 8 Bispos, com as palavras sagradas de D. Carlos de Gouveia Coelho, de D. Orlando Chaves, de D. Helder Câmara, de Monsenhor Castro Neri, do Padre Monteiro da Cruz e com o verbo vibrante de notáveis próceres do laicato católico nacional, como Jurandir Picanço, Ataliba Nogueira, Soares de Azevedo e outros; Congresso realçado, não só pela cooperação do ilustre Governador do meu Estado e do dedicado Prefeito da minha cidade, mas ainda, pela representação oficial de três Governos Estaduais, da Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, de várias Academias dos Estados e principalmente da minha Academia Brasileira de Letras, onde neste momento, realiza uma honrosa comemoração, a fidalga personalidade do Embaixador Macedo Soares; Congresso, enfim, em que sinto vibrar, mais do que a fina flor, toda a alma do meu povo.

E quisestes festejar as bodas áureas e argêntas daquelas datas, especialmente na imponência desta assembléa, com que hoje, ademais, só inaugura o novo e magnifico auditorium d'este Liceu Salesiano, onde fui aluno, assembléa que é um brilhante escol de autoridades e famílias, prestigiada pelos nomes conterrâneos e amigos de José de Mesquita e Ernesto Borges, e mais ainda, por antisonantes vozes vindas de longe; que são Jurandir Picanço, Gustavo Birroso Oliveira Ribeiro Neto, Monsenhor Paiva Marques e Padre Dr. Resende Costa.

Nem sei como agradecer-vos, porque tudo isto me vai dando a impressão de que tenham ocorrido aqui, de

vários recantos do Brasil, uns como gigantes, apostados paradoxalmente em esmagar o pobre Arcebispo de Cuiabá, erguendo-o nos robustos braços, para deixá-la tombar, em seguida, na realidade crua da sua miséria.

Como quer que seja, bendito seja Deus, e benditos também vós, todos quantos contribuis para o brilhantismo destas solenidades, em que se visa, acima de tudo, glorificar a Jesus Sacramentado, nosso Rei e nosso Amigo; só a Ele, toda a honra e glória!

Documentos de saudades

Com a mesma gratidão e não menor saudade, evoco também o crepúsculo matinal desses acontecimentos, que foram os três anos, de 1900 a 1902, dedicados, quase exclusivamente, ao estudo do latim, e que assinalaram o mais importante período de transição da minha vida. Lembra-me ainda o ambiente, em que se operou essa transformação, um paupérrimo quarto de estudante, separado do resto da casa, em meio a vasto quintal, e à sombra de duas poéticas árvores, um cajazeiro e um tarumeiro, que por três primaveras, a eito, desabrocharam sobre êle, o dossel perfumada das suas flores alvas e roxas.

Ó manhãs de ouro, em que o sol nascente me encontrava já, em meio à desordem dos papéis, dos cadernos, dos livros, dos surrados tomos de Virgílio e da seleta de outros autores, e eu aprendi a saudá-lo com os versos do Carme Secular, a abrir e fechar o dia, sempre outro e sempre o mesmo, no seu rútilo carro:

Alme sol, curru nítido diem, qui
Promis et celas, aliusque et idem,
Nascaris!

Ó dias de intenso estudo e paciência, em que se me insculpeu insensivelmente o hábito da correção literária, esse

“trabalho moroso da lima” de que fala Horacio, *limae labor et mora*, se n o qual, nada se escreve, digno de relido:

Saepe stilum vertas, iterum quae digna legi sunt,
Scripturus.

Ó felizes intervalos de piedosas leituras, em que se me revelou a grandeza épica do apostolado de Dom Bosco:

Dom Bosco já alteara
Sua obra audaz e rara,
Que pasmará os séculos
E as crástinas nações..

(Versos do autor 1900—ODES)

Ó céus da minha adolescência, em cujo azul mais puro, sonhei a ingênua fantasia de uma vida religiosa sem nuvens nem borrascas, tôda sorrisos e alegrias:

E abençoando-os com ledice,
Qual se imo prazer sentisse,
Maria a Dom Bosco ri-se,
Dom Bosco à Virgem sorri.

(Ibidem)

Aí foi que sem conhecer quase nada de latinidade, sem mestre nem método, num trabalho estafante de contínuas consultas à gramática e ao dicionário, vivi todos êsses anos, fio a fio, lendo, escrevendo, traduzindo, decorando, preparando, enfim, inconscientemente, mas sob os auspícios da Providência, todo o futuro do 2º Arcebispo de Cuiabá.

E que encanto não foi o meu, quando, em revendo ultimamente os pouquíssimos papéis velhos daquela época, se me deparou um retalho tôsko e amarelido, escrito a lapis, mas bem conservado, e nêle, êste pomposo título: “Hexâmetros latinos (1ª composição em latim)” com a data de “9-7-901”, 9 de julho do 1901?

O que, porém, mais me aí encantou, foi que êsses versos, al não são, que uma ardente prece filial a Maria Santís-

sima. Como agradecer a Nossa Senhora? Há mais ainda, e é que no verso desse papelucho de .6 por 11 centímetros, acham-se gravados, igualmente a lapis, os primeiros tercetos em decassílabos, da tradução da primeira égloga de Virgílio: "Títilo e Melibeu", já publicada nos livros das "Odes" e de *Nova et Vetera*. Aí está, ao bafejo da escola de São João Bosco, a devoção à Imaculada, florindo dentre a poesia frívola do paganismo: dum lado a formosa Amarilis do poeta, do outro a Virgem Maria; acima de todos os amores terrenos, o amor a Nossa Senhora!

Pobres Hexâmetros

Desnecessário dizer que êsses pretensos hexâmetros estão lamentavelmente errados, assim na syntaxe, como na métrica. Que outra coisa esperar dum autodidacta de 16 anos? Çito-os apenas como um cimélio da minha saudade e da minha gratidão, e cimélios, ás vezes, quanto mais rudes, mais preciosos e significativos.

Diga-se, entretanto (para salvar, quanto possível, a honra do autor), que os referidos erros são devidos, em grande parte, ao descuido próprio da idade. Assim os enganos na contagem dos pés, na quantidade de algumas sílabas, no conservar breve a vogal, antes de duas consoantes e outros, que facilmente teria podido evitar. Verdadeiras silabadas são aí as finais em o, que eu d'antes entendera fossem todas comuns, isto é, longas ou breves, conforme a necessidade do versos: mas ao contrário, existem muitas exceções, que tornaram êsses erros palmares e dignos de palmatória. E aqui dei graças a Deus de ter sido autodidacta. Estas regras, aliás, vêm claramente expressas na prosódia em versos, da monumental gramática do jesuita Padre Manuel Alvares, que eu então desconhecia, e que assim reza:

O datur ambigu; graeca et monosyllaba longis;
Ergo pro causa. ternus, sextusque secundae... etc.

Feita esta apresentação *sui generis*, aqui vão os famosos hexâmetros:

Ó formosa Maria! albo pede sidera tangens,
 Moesta procellas per nigras mea carmina cura!
 Te, dulcis Mater, te, astrum regina superna,
 Te, amorem stella alens, te, super hispida vada,
 Aeger te clamat, trepidusque hic, assidue, exul!
 Tu spumâ speciosâ condidior maris ortâ
 Natâ mendace, atque puellarum tenerarum
 Et castissima et excelsissima temporis omnis.
 Tam suavis et olens calycis candor superum arvum
 Mella haurire! ab eo Apem divam lenissima suasit.
 Virgo, adeo triste euris insuper aequora icta,
 Mitia caeruleo de tecto lumina sparge!
 Saxo ratem averte inconstantem a tetrico filii,
 Filii, imcs testudinis questus candida rege!

Bem se vê que são bulbucios de musa infante, que hoje envergonham o versejador, como na idade madura, as tagarelices da infância. Assim é que, desejando, de alguma forma, reparar esse atrevimento, e renovar a Nossa Senhora, a consagração daquelas primícias, tentei substituir, conservando, quanto possível, a forma primitiva, os velhos hexâmetros por estoutros, que não são, de certo, um primor, mas se me afiguram menos incorretos e irreverentes:

O' formosa Maria, premis quae sidera planta,
 Moesta, procellas per nigras, mea carmina cura!
 Te, dulcis Mater, te, o Regina superna,
 Te maris o Stella ardens, te super hispida et atra,
 Aegrum clamat cor, dubiisque in casibus exul!
 Cunctarum quae sunt, Tu perfectissima rerum,
 Tuque puellarum castissima es, omne per aevum,
 Pulchrior et Tu falsa illa diva aequore nata!
 Tu flos, cujus olor purissimus, aurea mella
 Haurire ex te, olympicam Apem lenissima suasit.
 Virgo! feris crebrisque adeo icta per aequora ventis,
 Mitia caeruleo de tecto lumina sparge!
 Saxo averte ratem fragilem, o Mater bona, filii,
 Filii ad te rege nunc, semper testudinis hymnos.

E para que a consagração fôsse ainda mais completa, verti também os suprascritos hexâmetros, nos alexandrinos, que seguem:

Virgem Maria! Tu, que pisas sôbre estrelas,
 Ouve meu canto, em meio ao negror das procelas!
 A ti, ó doce Mãe, a ti, alta Senhora,
 A ti, do mar Estrêla ardente, clama e implora
 Meu êxul coração, nestas ondas escuras.
 A mais perfeita és tu, de tôdas as criaturas,
 Tu das donzelas, claro espelho de pureza,
 Tu mais formosa até, que a deusa da beleza!
 Tu a flor, por quem troca o azul do etéreo prado,
 A diva Abelha, e vem sugar-te o mel dourado.
 O' Virgem! sôbre o oceano, onde urra a tempestade,
 Deixa cair do céu, teu olhar de bondade.
 Salva do escolho, ó Mãe, o batel do teu filho,
 E ergue-lhe a lira a ti, num eterno estribilho!

Outro documento

Impressão semelhante tive também, ao reler, neste ano jubilar, o pobre canhenho das minhas lembranças do noviciado, que abre justamente com uma frase latina, a marcar a fase nova da minha vida: *Jesus, Maria, Joseph sunt amores mei!* Jesús, Maria, José são meus amores! Sempre o latim ligado aos surtos mais nobres da minha adolescência! Deus louvado!

Demais disto, porém, tais foram os sentimentos, que ao cabo de meio século, me despertou a leitura dêsse voto juvenil, que espontaneamente procurei expandi-los nas seguintes sextilhas já divulgadas:

Com que emoção, meu Deus, abro, após cinquenta anos,
 O album dos meus ideiais e dos meus desenganos,
 Que, noviço inda em flor, eu assim comecei,
 Inspirado por ti, e quando justamente,
 Tantos amores vãos me incendiavam a mente:
Jesus, Maria, Joseph sunt amores mei!

Quanta infidelidade e quanta cobardia,
 Na rota dêsse ideal, que tanto então me ardia,
 No coração votado à tua santa lei!
 Mas graças, ó Senhor, misericórdia imensa!
 Que hoje posso exclamar, no ardor da mesma crença:
Jesus, Maria, Joseph sunt amores mei!

Passou a primavera, e vem caindo o inverno;
 Foge êste mundo breve, e se aproxima o eterno,
 A cujas portas, dentro em breve, chegarei:
 Dai-me então, ó Jesús, ó José, ó Maria,
 Repetir, no estertor da última agonia:
Jesus, Maria, Joseph sunt amores mei!

Glória ao latim

Diante do que fica dito, bem podeis avaliar o meu entusiasmo, ao ler o elogio perfeito da lingua latina, que em poucas linhas, na sua sábia e elegantíssima alocução aos Professores Carmelitas Descalços, em setembro do ano findo, teceu o Nosso Santo Padre Pio XII, magnificamente reinante.

E é exatamente, com rápidos comentários a essa gloriosa página, verdadeiro hino ao sacro idioma, que vou ter a honra de encerrar estas palavras de saudades e agradecimentos.

Salve, augusta lingua do Lácio! lingua latina, lingua imperial, como lhe chamavam os gregos, basilikè glōssa! lingua dos césares e imperadores! lingua da majestade e da soberania.

Salve, maravilhosa língua! que não só enuncias, mas esculpes a verdade, tu, a quem pertencem, por assim dizermos, a ordem e a clareza, ou essa luminosa ordem, *lucidus ordo*, de que fala o teu poeta, ordem, que é fôrça e beleza: *ordinis virtus et venus!*

Salve, gloriosa lingua! tu, a quem é tão natural a fórmula breve do império e do comando, a *imperatoria brevitatis*, de Tácito; tu que tens a concisão lapidar das inscrições em ouros, mármore e bronzes, a par da grandiosidade imponente e sonora dos períodos oratórios, a trovejarem na tempestade dos rostros populares, batidos pelas vagas da liberdade!

Salve, formosa lingua, que tanto esplendes na gravidade venerável das sentenças, dos preceitos e dos brocados, como no estilo brincado e lèpido dos teus vates líricos, satíricos e comediògrafos.

Salve, majestosa lingua, em que Cícero culminou na defesa do direito e da justiça, tornando-se, no dizer de Quintiliano, o rei da tribuna forense, ceeste orador e uma como personificação da própria eloquência!

Salve, maviosa lingua, em que cantou Virgilio as doces bucólicas dos seus amores pastorís, as elegantes geórgicas dos campos cheios de flores, de trabalho e de vida, a sublime epopéia dos seus ancestrais e dos seus guerreiros: *cecinit pascua, rura, duces!*

Salve, lingua ideal da filosofia, a qual, na esplêndida nudez das tuas formas, sem artigos, nem tantos sinais diacríticos, nem preposições, encontrou a expressão adequada das verdades nuas e diáfanas, que iluminaram, na idade média, o zênite do pensamento humano!

Salve, hierática lingua, que Deus mesmo parece ter preparado ao catolicismo, lingua do Papa e da Igreja, desta, que é coluna e sustentáculo da verdade, *coluna et firmamentum veritatis*, farol divino, maravilha do mundo, muito maior que o de Alexandria, donde a doutrina que salva, irradia pelo universo, na vibração das tuas sílabas venerandas!

Salve, língua católica, eclesiástica, litúrgica e universal! precioso vínculo de unidade para o cristianismo! glória dos sacerdotes, a quem deparas incomparável resouro nos escritos magníficos dos Santos Padres, nos altíssimos mistérios da liturgia, no estilo sagrado da Missa e do Bre-

viário! Infeliz do padre, que te menospreza, que te ignora e permanece no lamentável esqualor dessa ignorância! *Sacrorum administer, qui eam ignorat, reputandus est lamentabili mentis laborare squalore.* Feliz o que te sabe ler e falar correntemente! *Nullus sit sacerdos, qui eam nesciat facile et expedite legere et loqui!* E mais felizes ainda, os que têm a honra de escrever-te com precisão e elegância! *Utinam oriantur... qui etiam presso et eleganti dicendi genere eam scribere valeant!*

Sejam, Senhores, êstes pensamentos augustos do Pontífice, a chave de ouro da vossa esplêndida sessão magna de letras!

Cadeira n.º 33

Sessão solene de posse

DO

Acadêmico Lenine Póvoas

Palavras de Abertura

pele Presidente José de Mesquita.

A Academia Matogrossense de Letras engalana-se, nesta noite festiva, em que comemoramos, uma das maiores efemerides dos nossos fastos militares, para receber, na cadeira nº 33, o jovem e brilhante intelectual Lenine de Campos Póvoas. Há, nos sedalícios culturais, poltronas que parecem marcadas por uma predestinação, obedecendo, na sucessão que vai do Patrono aos titulares, como que a uma afinidade ou uma sequência vocacional. É o que ocorre com a cadeira nº 33 do nosso Silogêo, cadeira que bem se poderia dizer a poltrona parlamentar, pois desde o patrono — Mariano Ramos — passando pelo fundador — Nicolau Fragelli — e vindo ter ao recipiendário de hoje — Lenine Póvoas — vimos sucederem-se, em tres gerações, numa notável harmonia, figuras de prola da nossa política com marcante projeção nas corporações legislativas. Curiosa coincidência esta, de figurarem os tres como representantes do povo matogrossense, justamente nas tres Assembléias constituintes, que assinalam as etapas da nossa história no regime republicano: Mariano Ramos, na de 1891, Nicolau Fragelli, na de 1934 e Lenine Póvoas, na de 1946. São, assim, num vivo simbolismo, a que se associa a data, com muita felicidade escolhida — que é

também, a da instalação do nobre Poder Legislativo — a afirmação eloquente de que, nas tres etapas da sua evolução a nossa Política vai buscar na inteligência e na cultura, os elementos que a enobrecem, no serviço da comunidade. Vale notado que em todos êles se não limitou a atividade apenas à politica, estendendo-se ao jornalismo e aos estudos, homens de imprensa e professores que foram o Patrono e os dois ocupantes da Cadeira n.º 33. Vai, assim, a Academia, fiel às suas tradições, prossequindo, galhardamente, a sua nobilitante tarefa primeira, agasalhando, em seu seio, os lídimos valores de nossas letras.

E é com a mais grata satisfação que me incumbe, como diretor dos trabalhos desta Casa de Melgaço, que é o solar da Cultura Matogrossense, abrir esta belíssima tertúlia, honrada pela presença das mais altas figuras do Governo, da sociedade e da cultura matogrossense, para a recepção de Lenine Póvoas, amigo e afilhado dileto, hoje ligado por mais êste paraninfado agosto das letras. Também me desvanece profundamente ter de declarar inaugurado, na galeria dos nossos companheiros que passaram à posteridade, o retrato do meu querido e boníssimo amigo Nicolau Fragelli, figura de prol de nossa inteletualidade. Para Fragelli, como para o Patrono ilustre da Cadeira, Mariano Ramos, amigo de meu pai e pai do meu amigo, o nosso confrade Oscarino Ramos — e também para o recipiendário, a quem Rubens de Mendonça vai dizer do nosso carinho e simpatia — peço ao distinto auditorio uma calorosa salva de palmas.



Discurso de Recepção

pele Acadêmico Rubens de Mendonça

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado.

Exmo. Sr. Representante de S. Excia. Revmo. D-
Aquino Corrêa.

Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa.

Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça.

Exmo. Sr. Presidente do Tribunal Regional de Justiça
Eleitoral.

Exmos. Senhores Secretários de Estado.

Exmo. Sr. Prefeito Municipal.

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal.

Exmas. Senhoras. e Gentis Senhoritas.

Meus Senhores.

Senhores Acadêmicos.

Senhor Lenine Póvoas:

Ao certo, não sei se foi Oscar Wilde, o imortal romancista do «Retrato de Dorian Grey», quem, escrevendo sobre os costumes norte-americanos, nos deu conta de uma praxe que bem poderíamos adotá-la no Brasil. Dizia o grande escritor inglês, que nos banquetes, nos Estados Unidos, a questão dos brindes é regulada de modo inteiramente diverso do que ocorre entre nós. Entre nós, qualquer conviva se levanta, toma um ar inspirado e, garantindo

que o momento é solene, diz tudo que se lhe passa pela cabeça.

Nos Estados Unidos a regra é que, em cada banquete, haja um chefe de brindes — encarregado de dar a palavra a quem entender que deva falar. Ninguém a pede, e, em compensação, ninguém a pode recusar.

Confrontando êsse salutar habito americano com os nossos costumes latinos, onde, por mal da raça, a verborragia tem tantos cultores, como vítimas, e constitui moléstia generalizada e de persistência endêmica, creio que ainda o grande erro é êsse vício de oratoria. Não se pode reunir em qualquer assembléa dez latino-americanos, sem que haja onze oradores.

Aqui, porém, Sr. Lenine Póvoas, há alguma diferença. O orador que vos saúda ao transpordês os humbrais da mortalidadé, o faz com satisfação e prazer. O nosso chefe de brindes, que é o nosso illustre Presidente, honrou-me com a designação de vos receber em nome da Academia.

Não houve, certo estou disso, u... a rigorosa seleção para a escolha de quem vos deveria receber nesta Casa. A Academia foi, como sempre o é, magnanima ao conferir esta distinção ao seu mais obscuro membro.

Não possuo, estou convencido, a eloquência exigida para desobrigar-me de tão importante missão, e como conhecido escritor colombiano, sei que «la Eloquência es un don; el más alto don que la Madre Naturaleza puede conceder a los escasos hombres dignos de levar este pedazo de Sol, sobre la tierra»

E essa eloquência, Sr. Lenine Póvoas, não podeis esperar de mim.

MARIANO RAMOS

Observastes; e muito bem observastes a afinidade que existe entre vosso patrono, vosso antecessor e vós. Constituintes foram todos; missão relevante, sublime e nobre; que, sem dúvida, destaca um cidadão no seio da so-

cidade em que vive. Além dessa afinidade, Mariano Ramos era, como sois, jornalista, advogado e professor, havendo fundado, ainda como estudante, o jornal literário «O Argos», tal como fundastes a «Centelha», em 1936.

A respeito do vosso Patrono, já escreveu Estevão de Mendonça: «Eleito Deputado à Constituinte Matogrossense, tomou parte nos respectivos debates, revelando-se habil argumentador.

Filiado ao Partido Republicano, foi por este escolhido e eleito Deputado Federal, e o seu nome era bastante cotejado para suceder ao Dr. Antônio Corrêa da Costa na Presidência do Estado». Mas infelizmente a morte roubou êsse ilustre varão não só aos seus, mas a Mato Grosso.

NICOLAU FRAGELLI

Andastes bem, na escolha da data em que ingressarias nesta Casa, porque ela constitui uma dupla homenagem ao vosso antecessor, que veio ao mundo na mais simpática cidade matogrossense que é Corumbá, que hoje comemora a sua libertação do jugo paraguaio.

Nicolau Fragelli, como vosso patrono e como vós, foi político, constituinte, professor e jornalista. E é bom que se diga: jornalista de alto quilate, como nos fala o Rei dos Boêmios, Emílio de Menezes, referindo-se a Me-deiros e Albuquerque:

«É sem tirar nem pôr, um grande jornalista;
Quando erra, ou quer errar, erra com matema-
[tica.

Faz uma escaramuça e o jogo salta à vista
Mas não há resistir à formidável tática».

E Nicolau Fragelli era um jornalista de valor. Conheci-o em Campo-Grande, em 1938. Aliás, já o conhecia desde quando aqui estive, como Deputado, mas em Campo-Grande, com ele privei mais intimamente. Lem

brô-me de que certa vez o Dr. Fragelli me disse com toda a convicção: leia isso, porque é do maior poeta de Mato Grosso e deu-me a poesia CORAÇÃO, da autoria de Pedro Medeiros. A poesia efetivamente é magnífica e por isso a incluí no meu livrinho «ANTOLOGIA BORÔ-RO». Ei-la:

CORAÇÃO

«Coração, Coração!...
 Leito de plumas luxuriantes,
 — macio, veludoso calmo e brando...
 De quando em quando
 — um vulcão!
 Um Vesúvio de lavas crepitantes,
 Em plena erupção!
 Coração Para beijos; coração Para-raios;
 Antena, — muita vez para meros ensaios....
 Relicário de tantas ilusões!
 Ninho de fantasia,
 Escrínio de Alegria
 — Cofre de Emoções!
 É o Solar da Desgraça e o Castelo da Fé;
 Câmara-mortuária; Sala de Cabaret!
 Torre do Altruismo e Gruta da Miséria,
 Lacaio d'Alma e escravo da Matéria,
 Alberga o Crime, o Vício, acoberta inquietude.
 Coração, Treva e Luz,
 Glória e Horror!
 É um posto para a Cruz;
 — Um vaso para Flor!
 Coração, ora Jardim, ora triste hospital,
 Antro. Caverna, Alcouce, — Catedral!

Depois de Fragelli haver me indicado esses versos, perguntei-lhe: já fez versos Dr.? — E êle respondeu-me seriamente: já tiz alguns. E' um direito que assiste a toda gente fazer versos, mas esses tais versos futuristas, sem pé

nem cabeça, nunca os fiz. Sou da velha guarda. Gosto de ler versos, mas versos parnasianos e cito Bilac:

“Quero a estrofe cristalina,
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.”

E passou a dizer páginas de Flaubert, Anatole e outros escritores Franceses.

Perdoai-me, senhores, se me alonguei nesta evocação mas tratando-se de um ilustre confrade como Nicolau Frageli, a Academia dirá, como o poeta:

‘Nem sempre se vai de todo
Quem fica numa saudade’.

Sr. Acadêmico Lenine Póvoas:

Necessário não vos seria indagar o motivo da vossa eleição para a Casa de Melgaço. Bastaria, apenas, percorrer a vossa obra, quer como jornalista, conferencista, professor e parlamentar.

Soubestes aliar a política às letras. Nos vossos discursos parlamentares existem peças literárias, que vem destruir a má vontade, a desconfiança que reinava entre literatos e políticos. Sentenciou o Sr. Getulio Vargas, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: “os literatos reclamavam o isolamento, a torre de marfim, a impassibilidade marmórea, e essa atitude se refletia na própria preferência pelas imagens do reino mineral, tão do gosto do poetas mais celebrados do tempo. Os homens de ação, dedicados às tarefas práticas, descreditavam, por seu turno, a possibilidades reais dos que sabiam pensar e dizer.

Não há novidade em declarar, por conseguinte, que a primeira fase da Academia decorreu à margem das atividades gerais, enquanto o Estado, a administração civil,

evoluíam e se transformavam. Só no terceiro decênio deste século operou-se a simbiose necessária entre homens de pensamento e de ação. Hoje vemos nas Academias, compartilhando a imortalidade com os poetas e romancistas, representantes das profissões liberais, juristas, historiadores, políticos e até industriais. E' admirável que isso aconteça. Os valores da inteligência são multiformes, resultam de múltiplas e fecundas aplicações. Os modernos processos de integração social não podem malbaratá-los e todos disciplinam, num sentido útil, para maior bem da coletividade».

Estamos de pleno acôrdo com essa maneira de pensar, porque Sr. Acadêmico Lenine Póvoas, o vosso primeiro livro — «Introdução ao Estudo de Geografia Humana» é uma obra digna de todo aplauso, porque embora não seja obra literária puramente, constitui um verdadeiro livro de cultura, além de seu crescido valor didático. Escrevestes um trabalho para a mocidade estudiosa do Brasil, e a livros assim como o vosso, é que se ajustam perfeitamente estes versos do genial Castro Alves

Porisso na impaciência
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Ó, Bendito o que semeia
Livros... livros á mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo nalma
E' germen — que faz a palma,
E' chuva que faz o mar!...

O vosso trabalho é de professor para aluno. Mas, nem por isso deixastes de imprimir-lhe um cunho literário, e isso comprova não só as elogiosas referências das autoridades em assuntos geográficos, como as opiniões sobre êle emitidas pelo jornalista Cândido de Campos, quando escreveu: A «Introdução ao Estudo da Geografia Humana» é obra de alto mérito, recém publicada, na

qual o brilhante autor se revela senhor do assunto escolhido. Trata-se realmente de um livro em que o Professor Lenine Póvoas se afirma ao mesmo tempo um especialista notável e um escritor de envergadura, dominando a frase com desenvoltura e raro fulgor de expressão. Não lhe faltam qualidades de estilo, clareza e força de convicção, que vem da cultura.»

E assim foi recebido o vosso livro pela crítica nacional. Falando sobre êle, Lemos Brito disse pela « Vanguarda »: « O pequeno volume do Professor Lenine Póvoas revela da parte do autor pleno conhecimento da difícil ciência. Folgo, portanto, em fazer o registro d'êste livro em que se dá o verdadeiro conceito da Geografia Humana, à luz dos modernos tratadistas.»

E ainda ouçamos sobre o vosso trabalho, a autorizada opinião do nobre confrade Rosário Congro: « O livro, Introdução ao Estudo da Geografia Humana é daqueles que a gente lê com verdadeira satisfação espiritual. O estilo, — correntio e castiço, prende pela beleza da forma, dando ao motivo, relativamente novo, especial atração. E' uma radiosa promessa e dela se orgulhará a terra matogrossense.»

E para finalizar estas referencias, citaremos ainda a crítica do Professor Angelo Bitencourt: « Devo dizer-lhe que seu livro me agradou sôbremodo. O sentido da ciência foi plenamente focalizado, nos seus aspectos gerais, na sua verdadeira finalidade. Com êsse trabalho está enriquecida a literatura sôbre o assunto.»

Além dessas referências, outras existem não menos autorizadas, como as do Professor Amorim Girão, da Universidade de Coimbra, recomendando o vosso trabalho ao seu colega Professor José Barata, do Liceu de Lisbôa, para que o adotasse naquele estabelecimento de ensino.

Quanto a outros trabalhos de vossa autoria, embora inéditos como: « Síntese Geográfica dos Estados Unidos », « Retalhos » e « Discursos », são todos primorosos, interessantes e bem atestam a vossa cultura de escol.

Senhor Lenine Póvoas:

Sois o mais moço membro desta Companhia, pois nascestes a 4 de julho de 1921, nesta mui heroica Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Aqui fizestes o vosso curso ginasial, no antigo Liceu Cuiabano, fundastes o jornal «Centelha» e o Grémio Literário «José de Mesquita.» Em 1939, dirigistes o jornal «A Batalha» e em 1945, pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, obtivestes o vosso diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na «Turma Presidente Roosevelt». Quando ainda aluno da Faculdade de Direito fizestes parte do «Centro de Conversações Geográficas», sob a direção do Professor José Verissimo da Costa Pereira, que mais tarde transformou-se em «Centro de Conversações Culturais» e ocupastes a Cadeira número 14, que tinha como Patrono o Visconde de Taunay. Mesmo na Capital da República, na Cidade Maravilhosa, não esquecestes o vosso Estado Natal, escolhendo para vosso Patrono o Visconde Taunay, matogrossense, que se não o fôra pelo nascimento, o era pelo coração.

Ingressastes na politica em 1945 e a 19 de janeiro de 1947, o povo desta terra vos conferiu o mandato de Deputado Estadual, à constituinte matogrossense, e, em 1950, fostes reeleito para o mesmo cargo.

Senhor Lenine Póvoas:

Tomai posse de vossa poltrona; sois imortal, mas guardaí sempre na vossa mente as palavras do «Eclesiastes», não se deixando dominar pela imortalidade academica, que não passa de vaidade das vaidades. Tudo nela é relativo, se não quizerdes prestar, com a colaboração da vossa cultura, os excelentes trabalhos que temos o direito de esperar de vossa inteligência. Que os méritos, assim relevantes de vossa personalidade, se alinhem nesta vanguarda da cultura matogrossense, que batalha, sem fadigas, pela grandeza de sua terra e de sua gente.

Sede benvindo, Senhor Lenine Póvoas.

Discurso de posse

pelo acadêmico Lenine Póvoas

Por mais que perquirisse, por mais que indagasse, não atinei, senhores acadêmicos, com a razão pela qual me trouxeram os vossos sufrágios a esta poltrona aureolada, nesta data magnífica de nossa história.

Não seriam, por certo, predicados de inteligência, nem revelações de erudição ou talento literário.

Por tais requisitos, não estaria agora, tomado de inzenso júbilo e de profunda emoção, ascendendo às culminâncias de tão ilustre cenáculo, repositório de tantas e tão gloriosas tradições, templo respeitável da cultura mato-grossense.

Pela rigorosa aferição de méritos intelectuais, não estaria agora, por entre as galas desta noite inolvidável, recebendo as láureas da imortalidade acadêmica.

Certo, deve ter havido, além da fidalguia e da tolerância dos diletos confrades, outro motivo da benevolente escôlha.

Nas palavras com que há quatro anos declarava aberta a solene sessão de posse do saudoso Acadêmico Nicolau Fragelli, o ilustre Presidente da Academia, Desembargador José de Mesquita, frisou o critério de escôlha da Casa, procurando ligar, na gloriosa imortalidade das letras, por laços de afinidade, o Acadêmico e seu patrono.

Eis porque, tendo a cadeira nº 33, como patrono a Mariano Ramos, que em vida honrou a profissão de mestre, enalteceu a arena jornalística e dignificou a atividade política, teria como seu primeiro ocupante a Nicoláu Fragelli, também mestre, jornalista e político.

A circunstância de termos sido, durante alguns anos modesto professor; a paixão que temos demonstrado pelo jornalismo; a circunstância de sermos político, talvez tenham sido razões de nossa escôlha para suceder a Nicolau Fragelli.

Certo desejou a Academia, ao proferir o seu *veredictum*, que a poltrona que tem como Patrono um Constituinte de 1891 e como fundador um Constituinte de 1935, tivesse como atual ocupante um Constituinte de 1947, que muito nos honramos de ser.

Senhores Acadêmicos:

Nas páginas de suas admiráveis "Memórias", refere-se Humberto de Campos à sua passagem, como tipógrafo, pelas oficinas do "Jornal da Manhã", uma fôlha diária que aparecera no Maranhão de sua meninice.

Comunica-nos as emoções que o assaltaram quando pela primeira vez recebeu uma caixa de tipos e duas notícias para compôr. Revela-nos o drama que, então, viveu, vendo-se, simples aprendiz, entre profissionais experientados, que trabalhavam numa agilidade quase assombrosa. Descreve-nos a sua tragédia quando, cheio o componedor, segurou a primeira composição, sob as vistas curiosas do chefe das oficinas, para deitá-la s'bre a tábua da matéria composta ...

"Não estava ela, porem, ainda, narra o autor das "Memórias", à altura de um palmo, quando me falta o equilibrio da mão, e ... a composição se desfez entre os meus dedos trêmulos transformada num tumultuoso pulh apo de tipos!.. Empalidecí. Era o pastel. Era o desastre. Era o insucesso. Era o emprêgo perdido. Vi-me tomando o meu paletó e o meu chapéu, despedido no mesmo instante ... Levantei os olhos para o chefe

das oficinas, a fim de ler, no seu rosto, a sentença fulminatória. E tive uma surpresa. O rapagão sorria, de bom humor. Os outros operários também sorriam, mas com simpatia.

—Ele está nervoso, disse o chefe. Mas é assim mesmo ...

—Comigo foi a mesma coisa, obtemperou outro. Mas é assim mesmo que se vai adiante.

Não me recordo se chorei nessa hora. Se o fiz, não foi de pavôr; não foi com a emoção do meu desastre. Foi de gratidão. Foi de reconhecimento àqueles homens de trabalho, que amparavam daquela maneira carinhosa, quem vinha corajosamente trabalhar com eles, e conquistar, ao lado deles, um pouco de técnica e um pouco de pão."

As mesmas emoções do maranhense insigne assaltam-me nesta hora, quando me vejo, aprendiz das letras, entre pensadores de escól, entre mestres consumados na arte da palavra, entre literatos consagrados.

Se, a exemplo do ocorrido ao goroto de Miritiba, um sentimento agora eu possa ter, será o da gratidão aos que tão carinhosamente me acolhem no mais alto cenáculo da cultura matogrossense.

Profundamente reconhecido, aqui me tendes, senhores Acadêmicos!

Ao agradecermos, de coração aberto, tão generosa demonstração de benevolência e tão confortadora prova de confiança, devo manifestar-vos a segurança de que não trago o intuito de adormecer na poltrona honrosa, de me entregar ao "mutismo da glória".

Se algo possa dar em paga de tão imerecida consagração, há de ser o empenho, o carinho, o amôr com que continuarei a lavrar a seára das letras, na esperança de que, no ilustre convivio, possa, de futuro, legar á cultura de nossa terra contribuição que venha justificar a minha presença na casa gloriosa de Melgaço.

Confio em Deus não me faltará a fôrça de vontade com que tenho vencido as mais duras batalhas da vida,

para retribuir, com o meu esforço e a imnha cooperação á vossa fidalguia e generosidade.

**

Trago, senhores, o indeclinável dever da praxe, de fazer o panegírico de meu antecessor, de falar-vos da personalidade de Nicolau Fragelli.

Na bela e prospera Corumbá, onde se radicaram italianos de bôa têmpera, veio Fragelli ao mundo, aos 13 de Novembro de 1884, do casal José Fragelli-D. Tereza Provenzano Fragelli.

As primeiras letras recebeu-as nos bancos escolares de sua cidade natal, fazendo, em Cuiabá, os estudos secundários. É êle próprio quem, na sua magnífica oração de posse na Academia, nos diz que aqui passou os "quatro melhores anos de sua meninice".

Já em plena floração das dezenove primaveras, resolveu o pai mandá-lo cursar a tradicional Escola Militar de Porto Alegre. Chegando á Capital gaúcha, entretanto, o jovem Fragelli, que não sentia pendores pela carreira das armas, decidiu-se pela medicina.

Cursando a afamada escola do velho educador Inácio Montanha, habilitou-se, em dois anos, a prestar exames vestibulares na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, na qual ingressou.

O Rio Grande vivia, ainda, nessa época, sob a inspiração dos ideais castilhistas. E a mocidade tem sido, em todos os tempos, a vanguarda heróica dos grandes movimentos pela liberdade. Com outros companheiros de escola, entre os quais Mauricio Cardoso, Isauro Regueira, João Neves da Fontoura, fundou Fragelli, em Porto Alegre, a República "Bento Gonçalves" que, em 1907, se transferiu para o Rio de Janeiro, acompanhada de quase todos os seus integrantes.

Ao iniciar-se o ano de 1911, recebia o jovem corumbaense o diploma de médico, regressando, em Junho, a sua cidade natal, onde se dedicou á clinica.

Menos de três anos depois, ou seja, a 18 de janeiro de 1914, unia-se pelos laços do matrimônio a D. Maria Fontanillas, fina moça que havia pouco concluíra estudos em Montevideo.

No mesmo dia das núpcias, realizava Fragelli outro grande sonho de sua existência: seguia para a Europa, com o objetivo de aperfeiçoar-se em cirurgia, em Paris.

Após um ano e meio de estudos na «Cidade Luz», estudos que vieram familiarizá-lo ainda mais com o idioma francês, que tanto apreciava, e do qual se tornara, posteriormente, dedicado mestre, regressou a Corumbá, onde viveria, feliz, até 1929.

Ali nasceram os três filhos do casal: José Manoel Fontanillas Fragelli, hoje ilustre Deputado à Assembléia Legislativa do Estado, Beatriz Fragelli de Figueiredo, esposa do Tenente Coronel Crisanto de Figueiredo, e Cláudio Luiz Fragelli, conceituado médico na cidade de Campo-Grande.

Mil novecentos e vinte e nove reservaria ao nosso ilustre antecessor emoções antagônicas; nesse ano seria eleito, pela primeira vez, Deputado à Assembléia Legislativa do Estado; nesse ano sofreria o rude golpe da perda da Esposa, motivo pelo qual se decidira a transferir residência para Campo Grande, já, então, em grande surto de progresso.

Em 1930 veio a Revolução de Outubro decretar-lhe a perda do mandato, devolvendo-o à clínica, ao magistério, ao jornalismo.

Retornando o país à legalidade democrática, em 1934, voltou à Assembléia Legislativa, eleito pelas hostes do Partido Evolucionista.

Mas... estava escrito que Fragelli não haveria de concluir nenhum dos seus mandatos... E o golpe de 10 de Novembro, dissolvendo o Poder Legislativo, levou-o, novamente, de volta a Campo Grande.

Têmpera de lutador, mal reiniciadas as atividades políticas, em 1945, ingressava Fragelli nas fileiras da União

Democrática Nacional, tendo sido eleito, na pugna eleitoral de 2 de Dezembro, Suplente de Senador.

A 19 de Junho de 1947 tomava assento neste sodalício, na cadeira que ora ocupamos.

Aí, em breves palavras, uma síntese de sua vida votada ao progresso de sua terra, aos interesses da coletividade, uma existência plena de virtudes, como aquela exigida pelo filósofo chinês, para que a humanidade alcançasse a felicidade terrena.

* * *

Falando de Mariano Ramos, disse Fragelli que «a política se chegou, muitas vezes, pelos degraus do magistério e do jornalismo».

Outra não foi, seguramente, a escada que galgou para ascender à arena política.

Por duas vezes teve assento no Parlamento Estadual. Da primeira, foi guindado à Assembléia Legislativa como representante do Partido Republicano Conservador, na Legislatura interrompida com a vitória da Revolução de 30.

Passada a fase do «Govêrno Provisório», e chamado o povo a manifestar-se, novamente, pelas urnas, foi o nosso predecessor elevado, sob a legenda do Partido Evolucionista, à segunda Constituinte Estadual.

Da tribuna parlamentar revelou os princípios que nortearam a sua existência, os ideais que encheram a sua alma, demonstrando a sua irresistível vocação política, o seu invejável talento, a sua aprimorada cultura.

Instalada a segunda Constituinte Estadual, logo numa das primeiras sessões pronunciava Fragelli seu discurso de estréia. Nele se percebe a preocupação de tornar o corpo legislativo mais profícuo, de mais aproximar o povo dos emissários de sua soberania, como natural resistência de sua formação genuinamente democrática contra o espírito dominante na época. Nessa oportunidade, declara:

«Há, pelo mundo das revistas, jornais e livros, muita coisa escrita sôbre a inutilidade dos

Parlamentos na solução dos prementes problemas que interessam à coletividade. Mas espíritos eminentes defendem ainda a continuação do instrumento institucional a que ora servimos, dizendo, mesmo, como Ortega y Gasset, que não se confunda a possibilidade e a urgência de reformar profundamente as Assembléias Legislativas, para fazê-las ainda mais eficazes, com declarar a sua inutilidade».

Sentia Fragelli, como nós outros, que o problema, tão palpitante no Brasil daqueles dias, não era o de nos aventurarmos à procura de novas fórmulas de Governo, senão o de nos aperfeiçoarmos na prática da democracia, inspirados na grande lição da América, onde se cultua o valor e a dignidade do homem e o valor e a dignidade do povo.

Sentia, como hoje a sentimos, a verdade proclamada por Jacques Maritain, quando adverte que a questão não está em encontrar-se um nome novo para a democracia, mas realizá-la, na sua essência; a questão está em passar-se, da democracia burguesa, saturada de hipocrisias e de vícios, para a democracia integral, humana; da democracia frustada, para a democracia real.

Leva-nos a atualidade do tema às reflexões de Spinoza, quando proclama o filósofo judeu que apesar de ter a democracia, como defeito, a tendência de levar ao Poder a mediocridade, é ela, ainda, a mais razoável das formas do Governo, porque nela os indivíduos submetem ao controle da autoridade apenas as suas ações, nunca, porém, o seu critério ou a sua razão.

Compulsando-se os Anais da Assembléia, descobrimos a intensa atividade de Nicolau Fragelli, através dos debates ali travados e da cooperação que emprestou à feitura da Segunda Carta Magna Estadual.

Médico, e, por isso mesmo, «simplex veranista do Direito Constitucional», como êle próprio costumava chamar-se, as emendas que apresentou ao projeto do nosso Estatuto Básico revelam, ainda uma vez, sua profunda

convicção democrática e seu agudo senso de observação. Diversas delas visavam a corrigir lapsos e a preencher lacunas que haviam escapado aos argutos membros da Comissão encarregada de elaborar o projeto de Constituição. Uma, pelo menos, não me furtarei ao desejo de transcrevê-la, com sua breve justificação. Nela se percebe o professor, o amigo e orientador da mocidade. Trata-se da emenda oferecida ao artigo que estabelecia condições para a investidura de Deputado, assim redigida:

«Ao parágrafo 2º, do artigo 4º, onde se lê 25 anos, redija-se 21 anos. *Justificação.* — A idade prescrita no projeto não se assenta em nenhuma razão de ordem científica ou moral. Um moço de 21 anos pode ser tão útil a esta como a qualquer outra Assembléa, pode cooperar com o seu esforço intelectual e idoneidade moral para a eficiência desta corporação, como qualquer sexagenário ilustrado».

Mestre que era, tinha o nosso ilustre antecessor, pela mocidade, aquele devotamento de Ruy, porque também acreditava que ela «crescia ao contrato das coisas ilibadas e vibrava ao sôpro das aspirações santas».

Vencida a sua emenda, Fragelli haveria de vêr, entretanto, vitorioso o seu ponto de vista nos textos das atuais Constituições da República e do Estado, que prescreveram a idade de 21 anos para a investidura de Deputado.

Outra feição do seu caráter haveria de revelar-se durante os debates travados em torno do projeto da Constituição Estadual: a sua formação religiosa.

Quando se discutia o preâmbulo da nossa Carta Constitucional, e entendiam alguns que a presença do nome de Deus naquele prefácio significava um retrocesso na separação entre a Igreja e o Estado, interferia Fragelli nos debates, manifestando, claramente, o seu pensamento:

«Digam o que disserem, a humanidade encaminha-se cada vez mais para Deus. Taine e Renan escreveram páginas encantadoras, não

obstante o espírito católico, sobretudo do último, nas quais reconhecem que sem Deus não pôde haver a felicidade suprema. A religião é, ainda, o mais sólido cimento da ordem social e da coesão de um país civilizado.”

Assim se externando, sentia aquilo que hoje cada vez mais intensamente sentimos: que se a Igreja há de viver separada do Estado, por força de um dispositivo legal, nem por isso a Democracia há de viver afastada do Cristianismo. Pelo contrário, Democracia e Cristianismo são duas expressões que cada vez mais se confundem no panorama social do mundo moderno, unidas pelos mesmos princípios, enlaçadas pelos mesmos objetivos, irmanadas pelos mesmos ideais.

Participava Fragelli da opinião de Bergson, de que a Democracia é de essência evangélica. Dir-se-ia que, naquela época, já interpretava êle o pensamento de Henry Wallace, quando, naqueles dias angustiosos de 1942, proclamava que “a Democracia é a única expressão política verdadeira do Cristianismo”, pensamento também manifestado por Chateaubriand, no ocaso de sua luminosa existência.

Nada mais exato, nada mais perfeito que tal afirmativa, pois como observa Berdiaeff, o Cristianismo não se conformará jamais com a extinção da consciência, da razão e da liberdade individual do homem.

Em toda a sua atividade política, dois traços sobressaem, como marcantes de sua personalidade: a firmeza de atitudes e a lhanza do trato.

De sua independência e firmeza de atitudes posso, eu próprio, dar o meu depoimento pessoal. Encontramos, numa bela tarde de Março de 1945, na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, ali na aprasível esquina da “Galeria Cruzeiro.” Começava a efervescência política com a famosa entrevista de José Américo ao “Correio da Manhã” Muitos dos nossos antigos políticos não haviam, ainda, tomado partido, e observavam, cautelosamente, e direção do vento... Fragelli já havia tomado posição.

mentos, estarei ao lado do Progressista", disse nele, com segurança.

Nos debates tribunicios da Assembleia, procurava situar-se dentro dos rigorosos limites da ética parlamentar.

"Faço timbre em tratar com a máxima urbanidade todos os colegas, não distinguindo, nesse propósito, os da minoria dos da maioria."

De fato, suas referências aos demais Deputados, quaisquer que fossem as suas bancadas, eram sempre as mais respeitosas, corteses e elegantes. Decorre daí que sempre colocava em nível elevado as discussões de que participava.

* * *

Tão áspera passou a ser a luta pela vida, nos dias que correm, que a atividade literária tem sido exercida, por todos, ou quase todos, como mero diletantismo.

Embora assim a exercesse, nos momentos roubados à medicina e à política, sua produção literária foi intensa e brilhante, como nô-lo atesta sua atividade jornalística.

Fragelli teve, sem dúvida, a paixão do jornalismo.

Durante os anos de residência em Corumbá, dedicara-se, já, ao magistério, entregando-se, também, à luta da imprensa, como colaborador assíduo de diversas folhas, sendo de notar-se a sua preferência pelas colunas de "A Cidade."

Transferindo-se para Campo Grande, de cujo progresso sempre se mostrara um dos maiores entusiastas, e para o qual concorrera com grande parcela de sua atividade profissional, de sua inteligência e de sua aprimorada cultura, prosseguiu na sua dedicação ao jornalismo, tendo sido um dos fundadores do "Progressista", em cuja redação militou até o último dia de sua existência,

Dos discursos que pronunciou, na Assembleia Legislativa, ficaram-nos dois, impressos em folhetos: um, pronunciado a 26 de Agosto de 1936, a propósito do transcurso

9
Cam

estante
sobre-
e sedutor.
na sua oração de 20 de Agosto:

«Campo Grande é bem a cidade encantadora de Mato Grosso, o centro económico de todo o Sul, de cujas cidades, vilas, burgos, fazendas e herdades, recebe êsse influxo vital que faz a grandeza do fóco convergente. A natureza de Campo Grande empolga. Ela de per si há constituido sempre um atrativo inelutavel, pelas variadíssimas condições que apresenta. É que dizer dos seus campos, ondulados de outeiros e colinas, e adornados, aqui e ali, com êsse verde carregado de vegetação das cabeceiras, deixando perplexos todos os viajores que lhes podem contemplar a oceânica verdura das suas pastagens privilegiadas! Como nos sentimos pequenos, diante da magnificências da criação, que se ostentam nos campos do Sul!

Com o conhecimento que tinha da língua francesa e com a facilidade com que manejava o espanhol, adquiriu, sem favôr, vasta cultura, sobretudo das literaturas francesa e espanhol:

Constante notavel em seu estilo é a citação amiudada de autores estrangeiros, principalmente dos clássicos franceses, em cujo inesgotavel manancial abeberou-se sua fina intelligência.

Tão profunda foi a sua admiração pela França e tão acentuada a sua inclinação pela língua e pela literatura francesas, que um cultor do idioma pátrio, certa feita, lhe fez uma observação, ao saber que iria pronunciar uma conferência sôbre o idioma de Rousseau:

«Porque não fala sôbre a nossa lingua?»

A resposta veio na própria conferência, pronunciada no Grêmio «Castro Alves», da cidade de Campo Grande, a 14 de Julho de 1943, sob o título «*A lingua francesa, ontem e hoje*», na qual declarava:

«E assegurar-vos podemos, senhores, que o apêgo que temos pela França, a essa França que não pode morrer nunca, porque ela vive da seiva da imortalidade, essa dileção pela França não pode jamais enfraquecer o amôr que a natureza nos ligou à lingua de nossa Pátria, língua que desde os primeiros balbucios, si tanto fala ao coração, é, também, um dos mais caros e inalienáveis atributos do espírito».

Sua produção espiritual foi, sem dúvida, das mais apreciáveis. Contudo, em seu discurso de pósse, falava Fraggelli na «floração outonal que ainda poderia vir», mas que, infelizmente, não veio, porque a morte o surpreendeu, numa triste madrugada de 16 de fevereiro, menos de dois anos após o seu ingresso nesta Casa.

Recebeu a morte serenamente, de consciência tranquila, na certeza de haver cumprido sua missão na terra.

A quem vive a vida que êle viveu, aplicam-se aqueles versos do poeta José de Mesquita, coração e alma da nossa Academia :

«Vivendo bem, nem mesmo a morte te apavora,
Pois, ao justo, ela é como si a porta fosse,
Que se abre, após a noite, a uma eternal aurora.

A bôa vida faz à morte bôa amar,
E vêr nela tal como um sono amigo e doce,
Após um dia de penoso labutar...»

José de Mesquita

A Resposta única

Só uma palavra responde a todas as perguntas.

Essa palavra, Amor, é AMOR.

Para tudo o que pensamos, falamos ou imaginamos,

para os nossos desejos possantes,

para as nossas ternura suaves,

para as nossas magua, doídas

e até para as nossas dores angustiosas

só ha uma resposta — AMOR.

A tudo o que pergunto e a que perguntas,

a tudo o que eu não digo e que tu calas,

ao que vive em nosso sub — consciente,

no supras real e na subrealidade,

ao que foi, a que é, e virá a ser,

mesmo ao que não é, nem foi, nem será

e nem podemos supor que seja,

a tudo de bom e de ruim, de melhor ou de pior,

e a tudo e a nada, ha uma resposta unica,

imperativa, inevitavel, absoluta:

e essa respota, Amor, é simplesmente o AMOR!

Seremos sempre crianças..

Les femmes m'ont aimé comme on aime un enfant
Si, si, l'enfant qu' on craint, qu' on gate e qu' on
defend . . .

(E. Rostand — L'Aiglon)

No meu modo de amar e me fazer amado,
eu tenho muito de criança.
Mas foram vocês mesmas
que me fizeram dêsse geito.

Todas as que amei ou que me amaram,
viram em mim êsses traços
sinceros de infantilidade
Todas me acalentaram nos seus braços,
me deram no seu peito,
um berço meigo de macio afago
e me aleitaram de ternura,
e me embalaram, na *berçense* deliciosa
do Amor, que enerva o corpo e que entorpece a alma...

Chuva no mangueiral

e me afofaram para o sono
esse colchão de plumas leve e envolvente,
em que pude estirar meus membros lassos
e aprofundar-me corpo e alma ...
e me chamaram, nessas horas:
"meu nêgo," "picurrim", "lindinho amado";
e me abraçavam e beijavam tanto
que eu sentia
como um colo de mãe a que eu voltasse ...
E quando, muita vez, batido, hostilizado,
pelo ódio de seres inferiores,
eu via dura a vida e o mundo negro,
sempre encontrei no seio
de uma Mulher, amante ou amada,
a evasão salvadora
que me fazia crer e confiar na vitória.
E por isso saí sempre vencendo,
Todas as que encontrei nas estradas da vida,
foram-me sempre maternais e amigas.
E é bem por isso,
que, diante das mulheres e do amor,
fui sempre uma criança
mimada, ingênua, coprichosa mas submissa
que elas acariciam entre os joelhos ...

Chuva no mangueiral

Que som é êsse, doce como uma carícia,
leve como um sonho, que escuto desde cêdo ?
E esse cheiro de terra húmida, impregnada
da lenta infiltração da água fecunda ?
E esse friosinho, que convida ao aconchêgo
e pede quietação e sugere ternuras ?

.....
Dormimos com o calor exasperante e tórrido.

O ar era fogo, o céu luzia, o solo arfava.

E eis que, óra, ao despertar, ouvimos, lenta e grave,

da janela do oitão, a surdina da chuva

— chuva amiga, benevôla e carinhosa,

a se espargir, mansa como uma benção,

ou um afago de amor espiritual e meigo,

que não fala aos sentidos, só ás almas . . .

.....
Que de vezes te ouvi a plangente balada,

a suave cantilena entorpecente,

chuva macia, maternal e amiga ?

O acalanto que trazes á minha alma,

é bem o que eu senti na ante-manhã da vida

e ainda hoje, ouço, modorrante e suave,

ao embalar o sôno dos meus filhos . . .

Essa nênia sentida que desferes

na capa verdiscura das mangueiras

é bem êsse refrão de amor e de saudade

que eu vim ouvindo, no correr dos anos,

e ha de embalar-me o sôno derradeiro,

no grande seio maternal da terra . . .

(Out. 49)

Lirismo

Lirismo é ingenuidade,
intuitismo, espontâneo e bom.
Algo de casto, primitivo e puro,
que lembra o Eden, e os Pais primeiros,
nós, antes de pecarem...

Lirismo é a única e eterna
forma da Poesia soberana:
Por isso, você, criaturinha simples,
inspira e faz lirismo
mais que podem os líricos do mundo!
Agora há pouco,
voce veio pra mim, risonha e linda,
e, ao ver-me, num extase a fitando,
(minha ternura e meu desejo juntos
como que a observam toda...)
Voce (foi tão natural aquêlo jeito
em que se desnudara!...)
erguendo o braço nú, maravilhoso,
para agitar as reixas do cabelo
deixou-me ver a leve e sugestiva
pubescencia alourada das axilas:
— e eu fiz este Poema lírico...

A balada da longa esperança

Tu me esperaste, com a longa paciência mansa
com que, noutras éras as que te antecederam
esperavam o que se foi para as minas,
o que se embrenhou nos sertões, na marcha heróica
[das bandeiras,
o que partiu, nas monções, de rio em rio, rumo do Ignorado...

Tu me esperaste com a doce, quieta e plácida confiança
com que, em tempos mais distantes,
outras do teu sangue e da tua raça,
esperavam o que se foi para o Ultramar
nos veleiros de velas brancas e pandas, nas viagens sem fim,
em busca do país do mistério e do fascínio,
de riquezas e belezas que ficam para além do além,
onde havia palmeiras, e índios e aves exóticas...

Tu me esperaste com a meiga, dorida e mística ansiedade
com que, ainda mais longe, no passado remoto,
tuas Irmãs, filhas, como Tu, da mesma estirpe,
cheias de resignada doçura cristã e latina,
esperavam O que se foi para a Terra-Santa,
bater-se pela Fé, entre a mourama bruta,
tendo no gonfalão a Cruz de Cristo
e, impresso no coração, o nome de sua Dama.

E te sonhava de todo o geito e de todas as fôrmas:
— grande Dama imperial, coberta de brocados e adereços,
Pastorinha, num vale, entre ovelhinhas mansas,
meiga Enfermeiras, nos corredôres frios e longos dos sanà-
[tórios
ou visão mística e macerada de Monjos, nos claustros soli-
tários...

Vieste uma, duas, dez, cem, mil vezes.
E não éras Tu. E eu me, logo, desenganava,
porque, quando, através das aparências que velam o Corpo,
ou, no fundo dos mistérios que ocultam a Alma!
eu te buscava, em todas élas,
via que não éras Tu, que éram tão diferentes!

E onde fui te encontrar, afinal, doce amiga e amada,
quando, desiludido, descrente e fatigado,
já quasi não te esperava?

Fui encontrar-te numa hora mansa e quieta,
dentro da tua solidão, do teu esquecimento,
no desprezo do mundo e na tua humildade anônima...
dentro de ti mesma...
numa revelação que a vida reservava
para a deliciosa surpresa do meu sonho
e como Recompensa a esta longa, inquieta, e deliciosa
[Espera...

A canção da inquieta procura

Ó como, a quanto tempo e em toda a parte,
minha alma inquieta procurou tua alma!

Procurei-te em todas as horas longas da vida dissipada,
em todos os quadrantes por onde meu ser se projetava,
nessa longa, ansiada, desesperante Procura.

Ouvi bater as horas em todos os carrilhões do mundo.
Quedei-me, desnortado, em todas as encruzilhadas da terra.
Esperei-te em todas as esquinas cosmopolitas do planeta.

E vi-te, nas igrejas, como Petrarca à Bela de Noves,
nos castelos, onde Henrique encontrou Gabriela,
nos tumultos das avenidas, no silencio das enfermarias,
na loucura dos Cassinos, nas praias ensolaradas,
nos trens que corriam, no bojo balouçante dos navios,
e entre o ruido dos motores dos aviões e dos automovei.
[velozes

Interpretação

E busquei-te nas cidadezinhas coloniais de ruas tortuosas, en-
[velhecidas,
nos vilarejos perdidos entre as bocainas da Serra,
e entre os arranha-céus e as chaminés altíssimas
das metrópoles-pólvo, das capitais tentaculares...
e por onde quer que eu arrastasse a minha angústia e a minha
[miséria...

Tu me esperaste...
E quando eu vim de todas essas distâncias no tempo e no
[espaço,
dos longes do Passado, dos combates ásperos
com monstros, feras, dragões e gnômos,
vendo-me vencedor de todas as batalhas,
Bandeirante, Cavaleiro, Herói, Marujo ou Cruzado,
Tú, que me esperavas,
não olhaste as prêas, o ouro, as laureas e os trofeus...
Abriste-me, apenas,
num gesto manso e bom, suave e enternecido,
teus braços que me esperavam
e me estreitaste docemente de encontro à tua Alma...

(jan. 45)

Mulheres

O Homem

pôs-se à margem da sua própria vida
a contar as Mulheres que cruzaram
o seu caminho, em mais de quarenta anos . .
E viu as que o amaram e êle não amou.
E as que êle julgou amar e se iludira.
As que lhe deram o goso efêmero de um dia.
E as que o enganaram e as enganadas.
(Quais as mais infelizes?)
E quando quis contar
as que êle amou e das quais foi amado
não achou sinão uma . . .
(F. essa mesma, vivia no seu sonho).

Interpretação

Quão difícil não é fixar meu interior!
Ele é movel, instavel, transmutante
como as nuvens do céu
e as vagas do oceano.
Minha letra reflete o meu carater.
Firme como um penhasco
na hora rude da dôr, da provação, do embate,
sou, todavia,
volúvel e andejo, como as aves,
como as falenas e os pensamentos.
Não me prende,
nem consegue niuguem escravizar-me.
Livre nasci, sou filho da floresta,
e não me domestico a tirania alguma.
Por isso certamente,
uma das coisas mais difíceis dêste mndo
deve ser, minha Amiga,
interpretar minha alma, através do que escrevo.
No entanto,
esse espirito livre, eterno revoltado,
contra a maldade e a estupidez humanas,
e contra os preconceitos e *tabus*
deixa-se facilmente aprisionar-se,
e torna-se um brinquedo de criança
nas mãos pequenas e aliciantes
de quem o prende e engoda com carinhos...

A oferenda da vida

A vida é uma Fada
que, quando somos novos,
nos oferece tudo, tudo, e tudo.
Nos passamos, porém, por seus banquetes,
e seus pomares enfrutecidos,
displicentes
muitas vezes, sem dêles nos servirmos.

Mais tarde,
Ela sorri do nosso açodamento,
da febre com que corremos
empós das suas oferendas:
Glória — fumaça vã que se evapora . . .
Fortuna — um pouco de ouro a se esfazer em lama . . .
Amor — visão estonteante mas efêmera . . .
E sorrindo,
ironica,
a vida, então, nos dá, quando pedimos tudo,
como última oferenda
e fruto doce do Repouso
colhido no Pomar sombrio do Mistério

Canto eterno

Viver

Aprende, Amigo a viver
Como si fosse, agóra, a hora de morrer..

E quando tiveres de morrer,
convenças-te que vais começar a viver..

Miragem

Certo dia sonhei - pobre beduino —
Sobre aridas deserticas areias;
Perdido, e, assim sem rumo, ao desatino,
Infinitas distancias contemplei-as

E, num deslumbramento de menino,
Vi, nas nuvens, palacios reais e ameias;
e mulheres lascivas e sereias:
Todo um lindo arabesco bizantino.

Seduzia-me o ignoto; porem, mudo,
Olhei ao derredor-deserto tudo . . .
E outros desertos áridos havia.

Voltei. Busquei-te, após, consciente e forte,
Mas senti que a conquista do teu porte,
Bem como a dos desertos, me fugia.

Alyrio de Figueiredo

(Do livro a sahir — Sonetos e Epigramas)

Canto eterno

Velhos ja, nos irrita o que é moderno;
Radio, cinema, avião, estranhas gentes,
Produtos certamente la do inferno.

E ouvimos, sem protestos, a toda hora,
As cigarras bohemias e estridentes,
Numa folia desesperadora.

Dá-se contigo o que se dá comigo;
As cigarras são outras, todavia,
Cigarras novas mas de canto antigo.

* * *

Vem depressa, como louca,
Ah! vem tirar-me este fel:
Que ha mais doçura em tua boca
Do que num favo de mel.

* * *

Uma existencia-setententa anos!
Ah! bem valera não viver.
Que prazo longo para enganos!
Que dois minutos para ler!

Epigamas

Vale mais o vistoso, a pose, a claue.
E, mais que tudo, a posição; em suma,
Bom vencimento, chapéo-coco, e fraque.

Não ter cultura sólida nenhuma,
Literaria ou cientifica, que importa,
Si o oceano é coberto pela espuma?

Assim pensas e pensas com razão,
Pois, afinal, de contas uma porta
Tem muito mais prestígio que um portão.

Opudor visto de dia
É como o mais visto assim:
Fóra de tempo e lugar;
Mas confia e desconfia
Até o dia descambar,
Pois que a clareza de tudo
E a noite que vai mostrar.

Na rua. Deixa de parte
O tabú-vem me abraçar.
O amor, menina, é como a arte,
Que é nobre em qualquer lugar.

Velho tema

No meu tempo de criança, ao meio dia,
Cabeça ao sol, aos trancos e mais trancos,
Para pegar cigarra eu subia
Altas arvores e ingremes barrancos.

Depois, ja moço, em tarde quente e queta,
Sob o abrigo de uma árvore sombria,
Eu as ouvia, então, eu as ouvia
Já com o ouvido nostalgico de poeta.

Agora, não n' o sei, se acaso o ouvido
Ouve as cigarras na alta ramaria
Ponho-me a meditar, de comovido.

E isso escutar sem comoção quem ha-de?
Ah! cigarras de outrora, que alegria
E ah! cigarras de agora, que saudade!

Terra minha

Não te vi, pulcra e bela, nessa idade
Quando o olhar de ninguém te vira ainda;
Que bom me fôra ve-te, moça e linda,
Linda e moça, na flor da puberdade.

Não te vi quando, outrora, de repente,
Gente extranha possuiu-te, terra virgem,
E nem quando cahiste na vertigem
Des desejos e gula dessa gente.

E quando assim vivias, escondida
Em teu mato, em teus campos, em tua serra,
Ah! bem fôra eu teu violador, querida.

Mas quando assim vivias, e sosinha,
Si não eras ainda a minha terra,
Bem havias de ser a terra minha,

Eles....

Gramatica e gramaticos, que tolos!
Para alingua aprender não temei bolos,
Não li regrinhas nem ouvi lições:
Aprendia-a cantando com Camões.

* *

O U.timo Prato

Diplomatas, doutores a mulheres;
Cristais de bacarat, regiois talheres,
Que lindas flores e que vinho bom!

Bebidas e iguarias, das melhores;
E antes que venha o arrote: "meus senhores",
Faça o favor, o meu chapeo, garçon.

* *

Fidalguia

Fui dormir, hontem, numa aldeia,
E um grupo nú, de pelo escura,
Deu-me moqueados, deu-me ceia;

Deu-me girau e cobertor,
Só não podendo (que ventura)
Dar-me excelencia nem doutor.

(Do livro a saber: — "Soneto e Epigramas")

Súplica

Luis Feitosa Rodrigue

Si fôres, como penso, uma cristã
alma feita de luz e de bondade,
Tu deves praticar e caridade,
Ter graças como a estrela da manhã;

Dos entes infelizes ter piedade,
Tratar qualquer mendiga como irmã.
Com a tua palavra meiga e sã
consolar quem viver na soiedade.

E a mim que percorri longes caminhos,
Que transpuz, peregrino, vastos mares,
Erante e insastifeito viajor.

Deves dar-me uma esmola de carinhos
unjir-me com a Luz do teus olhares
matar-me a sêde ardente deste Amor!

A SECÇÃO DE POESIA — Segue em outro local.

Cadeira n.º 11

BARÃO DE MELGAÇO

Sessão solêne de posse e recepção

DO

Académico António de Arruda

Palavras de Abertura

do Presidente Mesquita

Com um intervalo de pouco mais de mês, se reúne de novo, em festiva sessão, a Academia Matogrossense, a fim de empossar um dos seus membros — o Desembargador António de Arruda na cadeira n. II, que tem como Patrono o Barão de Melgaço, e da qual foi fundador o nosso inolvidável confrade Estevão de Mendonça.

Da significação desta solenidade falam de modo bastante expressivo, a importância da Poltrona que ora se preenche, o alto merecimento do seu primeiro ocupante e o prestígio e merecimento do recipiendário.

A Cadeira n. II é, por sem dúvida, a Primaz desta Academia, eis que tem por Patrono o próprio Patrono da Casa, o grande Leverger, cuja vida de inestimáveis serviços à nossa terra se acha profundamente ligada a este solar da Cultura matogrossense, cenário onde se desenvolveu grande parte da sua existência modesta e fecunda, e onde se encerrou, com o último alento, o seu ciclo de trabalhos a prol de nosso querido Mato Grosso. Permitiram os fados benignos que justamente para assistir a esta festa levergeriana, viesse a Cuiabá, numa auspiciosa visita, o neto de Melgaço, nosso preclaro confrade fundador, Virgílio Corrêa Filho, o biógrafo admirável do «Bretão cuiabani- zado» cuja presença assinalo com a mais viva satisfação,

juntamente com a do nosso ilustre sócio correspondente o brilhante escritor e jornalista Carlos Vandoni de Barros.

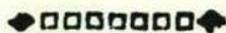
Dos méritos do fundador da cadeira n. 11, Estevão de Mendonça, não preciso dizer, pois são sobejamente notórios, dentro e fóra do Estado, e até do país e dêles, vão ocupar-se, bem como do egrégio Patrono, o novel académico, António de Arruda.

Para corôar o brilho e o alto sentido dêste festival temos ainda as credenciais do recepiendário, figura de marcante projeção, quer pelos titulos de beletista, que se lhe afirmaram desde o tempo de estudante, quer pelos seus invulgares dotes de magistrado, reto, culto e sereno, hoje merecidamente investido na Suprema Curul do Judiciário honrando-se, assim, a Academia com receber, esta noite, um intelectual que é ao mesmo tempo o Chefe de um dos tres poderes do Estado.

Vive, dest'arte, a Casa de Melgaço uma das suas horas de glorificação e de triunfo. E é ainda com a mais viva emoção que me cabe o prazer de inaugurar, na galeria dos nossos imortais, que a morte sagrou com o seu selo definitivo, o retrato do meu velho e bonissimo amigo êsse nobre varão que foi Estevão de Mendonça, a quem muito cêdo, a posteridade rende o justo preito, colocando-lhe a efigie neste Panteão de nossa Cultura.

A todos os que nos honraram com a sua presença desde as mais altas autoridades, tendo a sua frente o dignissimo Chefe do Estado, e de modo especial, aos que concorreram para o brilho na execução do programa, de variados e belissimos numeros, o muito obrigado, efusivo e sincero, da Academia.

Está aberta a sessão.



Discurso de posse

do acadêmico Antônio de Arruda

As academias resultam da afinidade que une espíritos irmãos e os leva ao amável convívio das idéias. Raros serão os que não se deixam atrair para essa tendência.

Entre os moços, sobretudo, cuja pressa os inibe de aguardar o julgamento dos contemporâneos, é comum o academismo, em que eles se consagram a si próprios. Eu mesmo, que ainda não me sinto à altura dos lauréis que ora se me concedem, já fui vítima daquela impaciência, e sou obrigado a confessar não ser esta a primeira vez que tenho ingresso em uma academia de letras. É que na faculdade de Direito, em 1932, já tínhamos também a nossa academia, onde se congregaram alguns curiosos, mas, força é confessar, existiam autênticos valores. Estava ali J. G. de Araujo Jorge, lírico, discípulo e digno sucessor de Bilac, uma das poucas vozes que ainda ressoam em nosso mundo poético da atualidade. Estava Guilherme Figueiredo, talvez o mais completo de todos, contista, crítico, romancista, teatrólogo. Pertencia também ao grupo Ivan Pedro de Matins, revolucionário e agreste como a fronteira que depois tão bem descreveu. Entre outros, lembrarei ainda Aluísio Napoleão, nosso cônsul nos Estados Unidos, autor de um livro sobre Rio Branco; Petrarca Maranhão, trovador cujas quadrinhas correm mundo nas revistas e jornais. Outros abandonaram completamente a literatura, como Alfredo Trajan, que preferiu tornar-se apenas grande criminalista.

Quanto a mim, que não deixei de ser o que era, simples amador das letras, vejo-me alçado a esta Academia, que sempre reuniu e ainda reúne a mais fina intelectualidade do Estado.

O meu receptor nesta casa, Gervásio Leite, de antemão advertiu-me do dever, que ora me corre, que seria traçar uma profissão de fé, expor os projetos que trago para este cenáculo. Entendi necessária esta antecipação para que êle complete o julgamento que deve fazer, em nome da Academia; e, escusando-se da insistência neste ponto, tem-me recordado êle a história de Eça de Queirós com o Bei de Túnis. Foi o caso que o Eça se esquecera de um artigo que tinha prometido escrever para certa revista e só se assustou quando foi buscá-lo o moço da tipografia. Eça mandou-o esperar, mas, não encontrava assunto para abastecer aquelas laudas que tinha diante de si, irônicas e vãsias. Revolveu o cérebro de toda maneira e nada! O rapaz, lá fóra, rangia as botinas, impaciente. Eça lembrou-se então do Bei de Túnis, esse venerável chefe de Estado, que êle não conhecia e talvez até a esse tempo houvesse morrido; mais, racionou, em Túnis há sempre um Bei; applicou-lhe, pois, descompostura tremenda, achando assim material para encher as malditas laudas que o afligiam. Esses compromissos que dependem do cérebro são desesperadores, mas, aqui, meu caro Gervásio Leite, não há Bei de Túnis, ou antes, o Bei de Túnis sou eu mesmo.

Começo assim recriminando-me por concorrer a uma das mais importantes cadeiras deste sodalício, ligada a dois nomes que brilharam em ramo da literatura em que sou bem jejuno. Gosto da História, mas, não tenho vazares para o seu estudo sistemático; espero por isso que, neste particular, Estêvão de Mendonça, tenha como continuadores os especialistas da casa, Virgílio Corrêa Filho, Filogônio Corrêa, José de Mesquita, Francisco Mendes e outros, inclusive Rubens de Mendonça, que herdou os pendores do pai. Cabe-me, assim, refugiar-me a outros gêneros, cabe-me sobretudo imbuir-me do bom gosto e do equilíbrio que reinam nesta Academia; disciplinar-me e espírito na tradição que ela adquiriu, nos seus longos anos de experiencia. Prometer mais que isto seria temeridade insensata.

Suponho que, pedindo um programa, queira Gervásio Leite apenas reavivar um passado que já se vai fazendo remoto, ressurgir uma época de esperanças e incertezas, em que procurávamos afoutamente o contacto com os grandes vultos das letras, obrigado sempre a compartilhar as melhores horas da juventude entre os livros e o áspero ganha-pão cotidiano. Vimos ambos realmente de uma geração que abriu os olhos para a vida ante o tumulto mental decorrente da revolução de 30. Na indecisão do caminho a seguir, através das diversas correntes de opinião que o mundo apresentava, não tínhamos, não podíamos ter ideais definidos. Sadio era, porém o nosso otimismo, e, embora nem todos o confessassem

... a mesma confiança no êxito, e êxito imediato, porque
... participávamos daquele otimismo de Daria, para quem
... não é mais triunfar, e, sim, atingir ao mesmo tempo
... e a morte. Aqui Gervásio Leite adiantou-se aos de
... porque se dispôs a conquistar, e o conseguiu, a imor-
... bem antes da morte. Nós outros, porém, vamos indo
... desafiados da brevidade do século, como diria Machado
... de Assis.

1^a Mas, que é daqueles nossos planos, daquelas reformas? E
er
1-
do entusiasmo que o meio estudantil nos comunicava? Sôbre isto
ia
se
se
c
1-
o
5
5
D
quei apenas que a sociedade é insensível a tais impulsos, que nem
se
encontram ambiente para manifestar-se, e, se o fazem, vão
c
caindo pouco a pouco de cansados. Assim, de todo aquele vasto
programa que planejávamos, não nos resta agora que vamos assoman-
do a encosta da colina, de que falava o poeta, não nos resta agora
senão uma mediania mais ou menos satisfeita. Contudo, podemos
dizer com Papini que, se na verdade estamos acabados, é porque
quisemos começar muitas cousas, e se não somos nada é porque
quisemos ser tudo.

5
e
3
3
3
1
Mas, não estou aqui para falar de mim, nem posso, como
desejaria, evocar os companheiros de jornada. Cumpre-me ainda
falar do patrono e do antecessor da cadeira, de Leverger e Este-
vão de Mendonça, duas existências tão extraordinárias que difi-
cilmente se confinariam em uma só palestra. Receio fatigar o au-
ditório, não pela matéria, que é empolgante, mas, pelo orador que
é fraco; tentarei ser breve.

Augusto Leverger

Augusto João Manoel Leverger é um filho do século passado e da França — grande destino! Nasceu em Saint Malo, na Bretanha, pátria de Duguay-Trouin, o audaz aventureiro, e de Cartier, o descobridor do Canadá. Além, disso, o pai era marinheiro. Não é de estranhar, por tanto, que Leverger enfrentasse também um dia o grande oceano, à beira do qual se criara. Assim fez. Em 1819, aos 17 anos, atravessou o Atlântico, a título de experiência, e veio para a América do Sul, acompanhando Maturino Leverger, seu pai. Passando pelo Rio de Janeiro, seguira para Buenos Aires, e, em caminho, conheceu Leverger o terrível bafano da água, pois, o seu navio naufragou na embocadura do Prata. Salvos os tripulantes, ficou Leverger em Montevideu, se-

parando-se do pai, que continuou viagem. Em Montevidéu, estando-se ocioso, procurou emprêgo na escuna francesa "Angélique" onde foi aceito como 2º comandante. Sabedor disto, o pai tentou dissuadi-lo da carreira marítima, mas, inutilmente. Nesses primeiros anos de aprendizagem, está êle velejando os mares do Sul, em 1822, ao começar a luta pela independência brasileira, encontra-se na galera "General Lecor", então pertencente aos portugueses. A tomar partido na luta, Leverger teria de opor-se contra o Brasil. Como que adivinhando o futuro, absteve-se passando quasi todo o ano de 1823 em Buenos Aires. A esse tempo, já os seus pais haviam morrido, e ei-lo órfão, em terra e tranha, com 21 anos de idade. Foram dias de abertura, conforme confessou em carta à irmã, mas, que ainda assim aproveitou para aperfeiçoar os estudos.

No ano seguinte, em 1824, capitulando-se os portugueses a "General Lecor" passou ao domínio do Brasil e Leverger voltou para ela. Nesse mesmo ano requereu incorporação à marinha de guerra brasileira, o que lhe foi deferido, no posto de tenente. Passou a servir na fragata "Niterói", onde, além de James Norton, o Comandante, havia muitos outros oficiais ingleses. Esta convivência deveria ser duplamente desagradável a Leverger, não só pelo ódio então obrigatório entre as duas raças como também porque o pai sofrera longo cativeiro dos ingleses. No entanto, dando provas de singular dominio de vontade, Leverger pôde tornar-se afeiçoado aos seus companheiros, e ainda mais aprendeu a lingua inglesa, que conseguiu falar com desembaraço e correção.

Eis que explode, porém, o conflito do Prata, que haveria de culminar na independência do Uruguai, então incorporado ao Brasil, e que a Argentina pretendia, a todo o preço, chamar aos seus domínios. Nessa refrega, de mais de três anos, áspera e indecisa, Leverger conquistou popularidade e prestígio na marinha brasileira. Ora ao lado de James Norton, ora êle próprio no comando do navio, participou de vários e porfiados combates, o que lhe valeu ser promovido e mais tarde nomeado cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

Terminada a guerra, voltou Leverger para o Rio, em agosto de 1829, e ali o aguardava imprevista comissão. Devia organizar em Mato Grosso uma flotilha para a defesa das fronteiras no Paraguai. Pouco atraente seria tal emprêsa a quem vinha do oceano largo e do estrépito das batalhas, para internar-se em tão longes e desconhecidas terras. Incapaz, porém, de queixar-se, preparou-se Leverger, e após vários meses de viagem, aqui chegou, em novembro de 1830.

parando-se do pai, que continuou viagem. Em Montevideu, estando-se ocioso, procurou emprêgo na escuna francesa "Angélique" onde foi aceito como 2º comandante. Sabedor disto, o pai tentou dissuadí-lo da carreira marítima, mas, inutilmente. Nesses primeiros anos de aprendizagem, está êle velejando os mares do Sul, em 1822, ao começar a luta pela independência brasileira, encontra-se na galera "General Lecor", então pertencente aos portugueses. A tomar partido na luta, Leverger teria de opor-se contra o Brasil. Como que adivinhando o futuro, absteve-se passando quasi todo o ano de 1823 em Buenos Aires. A esse tempo, já os seus pais haviam morrido, e ei-lo órfão, em terra e tranha, com 21 anos de idade. Foram dias de abertura, conforme confessou em carta à irmã, mas, que ainda assim aproveitou para aperfeiçoar os estudos.

No ano seguinte, em 1824, capitulando-se os portugueses a "General Lecor" passou ao domínio do Brasil e Leverger voltou para ela. Nesse mesmo ano requereu incorporação à marinha de guerra brasileira, o que lhe foi deferido, no posto de tenente. Passou a servir na fragata "Niteroi", onde, além de James Norton, o Comandante, havia muitos outros oficiais ingleses. Esta convivência deveria ser duplamente desagradável a Leverger, não só pelo ódio então obrigatório entre as duas raças como também porque o pai sofrera longo cativo dos ingleses. No entanto, dando provas de singular dominio de vontade, Leverger pôde tornar-se afeiçoado aos seus companheiros, e ainda mais aprendeu a lingua inglesa, que conseguiu falar com desembaraço e correção.

Eis que explode, porém, o conflito do Prata, que haveria de culminar na independência do Uruguai, então incorporado ao Brasil, e que a Argentina pretendia, a todo o preço, chamar aos seus domínios. Nessa refrega, de mais de três anos, áspera e indecisa, Leverger conquistou popularidade e prestígio na marinha brasileira. Ora ao lado de James Norton, ora êle próprio no comando do navio, participou de vários e porfiados combates, o que lhe valeu ser promovido e mais tarde nomeado cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

Terminada a guerra, voltou Leverger para o Rio, em agosto de 1829, e ali o aguardava imprevista comissão. Devia organizar em Mato Grosso uma flotilha para a defesa das fronteiras no Paraguai. Pouco atraente seria tal emprêsa a quem vinha do oceano largo e do estrépito das batalhas, para internar-se em tão longas e desconhecidas terras. Incapaz, porém, de queixar-se, preparou-se Leverger, e após vários meses de viagem, aqui chegou, em novembro de 1830.

Porque essas honras vãs, êsse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente;
Mais vale merecê los sem os ter
Que possuí-los sem os merecer.

Leverger estava nesse caso; todavia, aceitou a nomeação, seduzido pela idéia de ser essa a primeira oportunidade que um estrangeiro naturalizado teria para exercer tão importantes funções. Não cabe no âmbito dêste discurso a descrição minuciosa do período em que Leverger governou Mato Grosso, um dos mais longos da história imperial. Fecundo foi êle também, e inédito pela exclusão da politicagem. Simpatizava com o Partido Conservador, mas, na administração, esquecia qualquer preferência partidária. Cheio de iniciativas, provia a tudo, dentro das possibilidades da província. A Guarda Nacional, que era simples instrumento das acções, tornou-se corpo disciplinado, aberto a todas as vocações. As suas idéias, neste ponto, diz Taunay, inspiraram a Nabuco de Araujo arrojado projeto de reforma dessa corporação, em todo o país.

Nomeado também Comandante das Armas, concentrou Leverger nas mãos, em determinada época, os poderes civil e militar; contudo jamais se soube houvesse abusado de fôrça tão formidável. Ao contrário, magnanimidade e justiça sempre foram as normas dêste administrador que poucos terão igualado. Procurou-o certa vez Antonio de Paula Corrêa, moço ainda, que Leverger até então desconhecia; desejava uma cadeira de professor primário na Chapada. Leverger mostrou-lhe uma tira de papel onde estava o nome do indicado para êsse cargo. Disse-lhe, porém, que ia pôr a cadeira em concurso, e acompanharia as provas; o nomeado seria o de melhor nota. Paula Corrêa conquistou o lugar.

Nesta primeira residência de Leverger, é que se organizou a famosa missão de Pedro Ferreira, aparatosa demonstração de fôrça com o fim de obrigar o governo de Assunção à abertura do rio Paraguai, para dar-nos acesso aos outros centros do país.

tão confortadora. Detinha, pois, dos ventimentos atraindo sem exigir vantagem alguma, deixou tudo a equidade do governo que aliás soube premiar aquele desprendimento. Voltando a atividade, foi logo depois promovido a capitão-tenente, contando se-lhe o tempo anterior para efeito de reforma.

Em dezembro de 1837, estava de volta a Cuiabá, onde carinhosa manifestação lhe foi tributada. Na estadia anterior, embora não muito longa, já conquistara amigos.

No tocante à comissão que o trouxera, as mudanças políticas no Rio a tornaram quasi impossível. Não só o gabinete que o nomeara, mas, o próprio Regente haviam caído. Após sucessiva correspondência oficial de sua parte, veio a resposta que aguardasse novas ordens. Tolido assim na sua missão principal, resolveu construir um Arsenal de Marinha, projeto antigo; recrutou os funcionários e artífices que trouxera do Rio, além de outro que conseguiu arranjar. Improvisando-se êle próprio engenheiro hidráulico, dedicando-se a fundo à obra, depois de esforço considerável, levantou o arsenal e cais, cuja construção poderosa resistiu os anos e chegou aos nossos dias.

Nesse entretanto, Leverger casara-se com D. Inês de Almeida Leite; o ato foi realizado em outubro de 1843, ante a alegria e aprovação de todos os amigos. Dêsse consórcio proveio numerosa prole, que se desdobrou em vários ramos, dos Alves Corrêa, Arruda e Sá, Corrêa Cardoso, etc. Dos seus descendentes, alguns têm ocupado altas posições, como a de Presidente e Secretários do Estado, médicos, militares, engenheiros. José de Mesquita fez na Revista do Instituto Histórico, em 1926, um estudo de toda a progênie de Leverger, já agora acrescida de muitos outros membros.

Promovido a capitão de fragata, estava, porém, dispensado de sua comissão desde 1842, e era necessário apresentar-se aos superiores no Rio. Sensibilisou-o, na capital, o afetuoso acolhimento que teve do Ministro da Marinha, Holanda Cavalcante, e do próprio Imperador, com quem se entrevistou, e que o fez oficial da Ordem da Rosa. Foi também reconduzido ao comando da flotilha de Mato Grosso, o que devia ser grato a quem aqui já deixara família. Durante essa viagem, abalçou-se ainda a uma resolução que o haveria de prender definitivamente à nossa terra. Naturalizou-se brasileiro, apesar do constrangimento que a espírito bem formado deve causar a renúncia da nacionalidade de origem; em seu caso, porém, outra não poderia ser a atitude, dada a posição que ocupava em nosso país.

Em fins de 1848, estava a serviço em Coimbra, quando recebeu a notícia de sua nomeação para Presidente da província.

rio do seu tempo. Nos primeiros tempos, sua residência
Viante e dois meses passou no forte de Coimbra, transformando a
sede do governo-condigna sede de um governo austero. Sua
situação era precária para a província, desguarnecida de todos
elementos materiais de defesa. Bem que Leverger os pediu ao
governo central, mas, as dificuldades eram grandes, e maior ainda
era a inércia administrativa, que neste país tudo esteriliza. Em
circunstâncias perduraram até a invasão paraguaia, e o resultado
todos nós sabemos qual foi.

De regresso a Cuiabá, sentiu-se cansado Leverger, e solicitou
demissão, reiterando pedido anterior. A custo e com pesar, o
governo lhe dá a dispensa, mas, o nomeia Vice-Presidente efetivo.
O exercício do governo lhe seria familiar, daí por diante, com
essa função interina de substituto.

Exonerado,urgia voltar para o Rio. A família era, porém
numerosa, a esposa doentia. Resolveu pedir reforma, que lhe foi
dada em junho de 1.859, no posto de Chefe de Esquadra, hoje
Almirante.

Retraiu-se, então, Leverger a uma vida sossegada, entregando-se
aos livros, nesta casa, onde agora nos reunimos, e no Coxipó, na
chácara pertencente hoje à família de João Lourenço de Figueiredo.
Tauny transcreve na sua infelizmente incompleta biografia
de Leverger uma carta dêste à irmã, que coincide com o período
a que estou referindo-me: — "Nada mais posso almejar neste
mundo. Deus me deu muito mais do que eu pudera sonhar.
Estou velho, mas, não alquebrado e, si houver ainda necessidade
de mostrar a esta boa terra, que tão bem me acolheu, quanto
lhe sou grato, fá-lo-ei com toda a boa vontade. Sou feliz como
se possa ser, embora sempre inclinado à tristeza e a uma vaga e
indefinível aspiração. Que me falta? Falta-me não sei o que.
Pungem-me, às vezes, dolorosas saudades da pátria, a nossa cara
França, ou então do mar, do Oceano, com todas as suas magni-
ficiências, perigos e até horrores. Por cá, também ví temporais e
corrí, por ocasião de um deles, na lagoa Uberaba, não pequeno
risco; mas, não sei, parecia-me aquilo a furia de um anão, um
tanto ridículo. Poderia eu, porém, deixar hoje o meu agarrado
Mato Grosso, que tão bem soube prender-me a si? Não, não

os ânimos dos mais intibiados. Concentrando-se novamente em Melgaço com Leverger à frente, os defensores da cidade não passaram em outra coisa que não fosse sustar o inimigo. Desapareceu, enfim, a ameaça com a baixa no rio, todos puderam voltar com antes e tranquilos. Tal o prestígio de Leverger, que se tornou então a "antemural de Cuiabá e de todo o Brasil", na frase famosa de Taunay.

A esse feito deveu Leverger as honras de Barão de Melgaço. No braço projetado pelo seu patricio Boulanger, foi esculpida a divisa - Sempre pronto - que bem lhe condizia com a simplicidade e afeição ao trabalho. Contava então Leverger 63 anos da sua idade. Tanto que voltou de Melgaço, onde aliás fora atacado de sezões, teve de assumir a presidência, como Vice-Presidente que era uma vez que o titular do cargo e deixara nessa ocasião. Doente e julgando-se velho, instou com o governo imperial que o dispensasse de suas funções, e lhe mandasse substituto. Ao invés disto, porém, o que veio foi a sua nomeação para Presidente efetivo, que não teve outro remédio senão aceitar.

A guerra continuava, infundável; a época era de necessidades. Naquele tempo, a coluna que mais tarde Taunay havia de immortalizar, começava a sua esteira de sofrimento. O Comandante Fonseca Galvão, desviara-se do itinerário sugerido do início por Leverger, e logo se viram as consequências desta teimosia. As privações desnortearam os expedicionários; e o seu Comandante voltava-se para o Presidente da provincia, em termos desabridos. Leverger, com a paciência habitual, respondia, aconselhando, informando, sugerindo medidas; entre estas, a recomendação que fez do guia Lopes que depois se tornou a figura central da expedição.

Logo, porém, foi Leverger obrigado a deixar o governo. Desgostoso com a orientação estritamente partidária que o Barão de Aguapeí imprimia à Guarda Nacional, solicitou-lhe a demissão. Negou-a o governo, e Leverger passa então a presidência ao substituto legal. E aqui surge um episódio que veio provar o alto conceito em que na Côrte era tido o Barão de Melgaço. Antes, ao surgir o incidente, Paranhos interviu a seu favor, junto a Nabuco: "Um *paraguai*, escrevia êle, não tem direito de pedir favores a um Ministro, mas, pode ser ao menos portador de petições razoáveis". O Ministério não atendeu e manteve Aguapeí no cargo. Mais tarde, no entanto, quando, em conselho de Ministros, se tratou de substituir Leverger, interveio o próprio Imperador em prol de sua causa, e o governo teve de ceder. Aguapeí foi exonerado e Leverger reconduzido à presidência.

Contudo, ao chegar-lhe a noticia destes sucessos, caíra o gabinete, ficando sem execução os seus atos. Posteriormente, ain-

de guerra. Levenger a percorreu pela última vez, a no fim da guerra, a vida, com grandes vicissitudes, teve de abandonar a carreira de voluntário.

Emquanto a final da vida pública, vários anos passou Levenger dedicado ao doce aconchego da família e dos amigos, até 14 de janeiro de 1910, data do seu falecimento. Morreu tranquilamente, sendo antes dispensado qualquer honra fúnebre. Apontou por gestos e palavras ao lado do seu leito de enfermo; o genro, Cel. Cesário Correia da Costa, fez-lhe ver com os dedos que eram duas horas da tarde e indicou mais meio dedo, dando a entender que às duas horas estaria morto. Assim aconteceu.

Analisando esta longa vida, pergunto qual seria o seu ponto culminante. Dir-se-á que foi quando, ancião, e a deshoras, correu a defender a cidade. Trata-se realmente de episódio marcante, que teria caído na legenda popular, como o de António de Almeida, se tivesse o seu batismo de sangue. Todavia, êste ato, posto que supremo e heroico, nada é em comparação com a trajetória luminosa que constitui a existência inteira dêste bretão que aqui chegou, estrangeiro e obscuro, grangeando depois as posições de honrarias das mais brilhantes no império brasileiro. Fê-lo sem intrigas, sem solicitações, sem rebaixamento de qualquer espécie. Neste ponto, a sua vida foi exemplo cotidiano de esforço, devotamento e humildade; o heroísmo não lhe consistiu apenas no destemor com que sabia enfrentar o perigo, mas, principalmente, na perseverança com que cultivava as virtudes. Se a nobreza verdadeira reside menos no aca o do nascimento que no caráter, o barão de Melgaço foi um dos mais legítimos e autênticos dos nossos nobres. Bem mereceu êle, portanto, a estima dos contemporâneos; e hoje em que o valor dos homens em geral se afere pela marca dos seus automóveis, é dever indeclinável ressucitarmos êstes grandes vultos do passado para que nos inspirem com seus exemplos, e nos impeçam de cair no cáus em que pretende afundar-se o mundo hodierno.

Estêvão de Mendonça

Urge, porém, falar de Estêvão de Mendonça. Todos vós o conhecestes, pelo que me permito condensar a sua biografia, salientando-lhe apenas os trabalhos essenciais. Nasceu no Natal de 1869, no distrito de Melgaço, Santo António do Rio Abaixo, hoje Leverger. Seus pais, João Anastácio Monteiro de Mendonça e D. Hermé-

negilda Maria das Dores de Mendonça, mudaram-se em 1871 para Miranda e êle, aos 11 meses, muito doente, foi entregue aos tios Nuno Anastácio Monteiro e D. Maria da Conceição Monteiro de Mendonça, que o educaram como filho, em Cuiabá.

Assim, Estêvão de Mendonça se tornou cuiabano. Aquí estudou, casou-se, trabalhou. Funcionário dos Correios durante muitos anos, abandonou o emprêgo para fundar, em 1896, o Collegio Augusto Leverger. Iniciava, diz êle, o culto leverger ao, a que deve dedicar-se durante toda a vida.

Em 1898, Estêvão de Mendonça fez-se catedrático de Geografia e História no Liceu Cuiabano, lecionando até 1906, data em que se aposentou. Daí por diante dedicou-se à advocacia, e a fazer que tinha, conta Floriano de Lemos, era a de que raramente perdia a causa. Um dia, foi a bordo despedir-se de um rapaz que ia para S. Paulo, estudar Direito, e dissera-lhe, entre a comoção da família:

— Volte logo e vamos trabalhar juntos.

Concluindo o curso, que êle acompanhara de longe, voltou o rapaz, que foi nomeado Procurador Geral, após ligeira passagem pelo magistério. Mas, por uma dessas artimanhas da política foi suprimido o cargo; desgostoso, o bacharel pensou em voltar para S. Paulo, onde, além de tudo, certa pequena de Osasco lhe deixara funda impressão. O velho amigo foi então buscá-lo, recordando-lhe a promessa antiga. E assim Estêvão e José de Mesquita montaram escritório de advocacia na praça da República, e, para comemorar a instalação, o Batinga fez vir jarros de folhagens.

Mesquita deixou, porém, o colega, entendendo que isso de justiça, melhor é distribuí-la no planalto que pleiteá-la no vale; embora tenha retornado hoje à atuação da mocidade; fechou-se o círculo, mudaram-se os papéis, só a ética é a mesma.

Estêvão continuou, pois, sózinho, cultuando a profissão. Em 1920, vagou-se o cargo de Inspetor Federal do Liceu Cuiabano com a saída voluntária de Floriano de Lemos. Fábio Lima e Aníbal de Toledo animaram-se a conseguir a nomeação de Estêvão e saíram à procura de Ramiz Galvão, Presidente do Conselho Superior de Ensino. Mal tocaram no assunto, Ramiz Galvão crendo talvez estar ali um pretendente pelos menos, atalhou-os.

— Vou propor a nomeação de pessoa de minha confiança um meu amigo de Cuiabá.

E indicou o nome de Estêvão de Mendonça, com quem já mantinha relações culturais, há muito tempo.

Voltando, pois, ao velho educandário, Estêvão ali trabalhou por 1937, onde o conheci. Pediu exoneração, logo que Ramiz Galvão deixou a presidência do Ensino.

Além dos citados, outros cargos exerceu Estêvão de Mendonça especificamente, como o de auxiliar técnico da Repartição de Obras Públicas, membro efetivo do Tribunal Eleitoral e por último em 1947, membro do Conselho Administrativo do Estado. Contudo, nunca obteve as posições que a integridade, a inteligência, a capacidade de trabalho lhe poderiam fazer jus. Em parte, isto foi devido ao seu retraimento voluntário, porque ele se lembrava de que no banquete da vida os convivas não costumam esperar a sua vez, e quâsi sempre avançam nas reservas do vinho. Por outro lado, com êste alheamento das eminências do mundo sobrou-lhe tempo para o cultivo do espirito, forrando-se de uma filosofia que lhe dava a serenidade e o bom humor, que eram um dos encantos de sua personalidade.

Magnânimo, tinha facilidade de conquistar e conservar amigos. Todos nós conhecemos o amor que dedicava aos filhos, o que frequentemente deixava transparecer em seus escritos. Narrando a doença da filha, a quem chamava a princesa encantada do seu lar, assim escreveu numa página de diário: "Desapareceu hoje a febre de Bartira". E mais adiante: "As semanas que se seguiram foram para mim agoniantes. Assim como à tormenta sucede quâsi sempre um céu tranquilo, acolchoado de nuvens limpas, assim se desnublou hoje a minha alma. E só neste transe amargo pude aquilatar o doce encanto de uma vitória para o profissional que pôs todo o seu saber e dedicação extrema no salvamento de uma vida. Talvez de duas."

A êsse respeito, aliás, posso dar o meu testemunho pessoal. Quando aqui cheguei formado, as minhas relações com Estêvão eram superficiais, tanto quanto possíveis entre um colega novo e outro que se vai retirando da profissão. Certa vez, porém, em audiência, D. Bartira de Mendonça depusera como testemunha, em uma causa sôbre anulação de testamento. Finda a inquirição, um dos advogados contraditou-a, chamando-lhe mentirosa. D. Bartira ressentiu-se profundamente e com razão. Quanto a mim, que era Promotor, desaprovei aquela atitude do colega, salientando ser injusto e odioso notificar-se alguém para comparecer em juízo, especialmente uma senhóra, e desferir-lhe ofensas, quando o advogado teria outras oportunidades para analisar os depoimentos. Contaram o caso a Estêvão, e tanto bastou para que êste nos 9 ou 10 anos que se seguiram me dedicasse afeição e amizade verdadeiramente paternais.

Palestrador vivo e animado era ainda Estêvão, mas, lento muito bem Virgílio Corrêa Filho, não lhe aprazia a tribuna, ponto de adiar indefinidamente o elogio do patrono, nesta Academia; êle que sempre fôra o maior dos levergerianos, deixou o encargo ao obscuro orador que ora vos ocupa a atenção.

Tanto quanto nos escritos, intercalava Estêvão na palestra certa dose de malícia e bom humor, que lhe davam particular atração. Ainda há pouco José de Mesquita recordava-lhe alguns ditos espirituosos, que peço vênia para citar. Certa vez, um amigo acercou-se dele para oferecer-lhe um número de rifa de uns arreios, e perguntou-lhe sem mais de longas:

— Sen Estêvão, o senhor gosta de arreios?

E êle, muito sério:

— Nunca experimentei, mas, creio que não hei de gostar.

Cutra vez, falava-se em casamentos. Como se sabe, Estêvão consorciou-se muito criança, aos 16 anos, e a noiva com 11. Então, alguém perguntou-lhe:

— Se o senhor enviuar, se casará de novo?

A resposta veio ao pé da letra:

Meu amigo, o casamento é uma loucura que a gente só faz uma vez na vida.

Refere ainda Mesquita o diálogo entre Estêvão e o Senador Azeredo, quando êste se recolhia às duas horas da madrugada, e o lobrigou na janela fronteira.

— Boa noite, Estêvão!

— Bom dia, Senador!

Ainda sôbre seus hábitos de dormir cedo, conta-se que, indo uma vez ao baile do Palácio, às 11 e 1/2 da noite, o Interventor Júlio Muller, agradecido pela deferência, embora surpreso, observou-lhe:

— Resolveu dormir tarde, hoje, Estêvão!

— E êle:

— Não; apenas, acordei mais cedo.

Às vezes, não se poupava a si mesmo, quanto ao sarcasmo. Relembrando episódios da meninice, conta êle que passou três anos em Cáceres, onde um médico, amigo da família, se desagra-

... a que tinha direito como filho único. ... embalava-o no colo para dormir. O médi-

— D. Conceição, esse menino vai ficar *molóide*!

E conclui Estêvão, serenamente:

— O vaticínio não falhou.

Quanto ao labor intelectual, extensa e fecunda foi a contribuição de Estêvão de Mendonça. Seguindo costume visceralmente brasileiro, a maior parte dos seus trabalhos appareceu na imprensa. Enumerou certa vez os jornais e revista que fundou ou em que colaborou. Nada menos de dezesseis. Nunca auferiu prêmio algum do jornalismo, que comparava à túnica de Nessus. Em 1897, resolvera ir para Corumbá, dedicar-se ao comércio. Apresentara-se aos sócios da firma Barros, dois egressos da marinha, António Pedro Alves de Barros e Francisco Mariani Wanderley. Este último o recomendou ao seu amigo Coronel Magalhães, que mostrou muito amável e animado, mas, advertiu-o que devia abolir das cogitações um assunto: imprensa. Disse-lhe mesmo com firmeza e convicção:

— Só devemos cuidar aqui de cousas sérias.

No entanto, à noite, Pedro Trouy arrancava-lhe a promessa de um artigo para "O Autonomista."

História e crônica foram as suas especialidades prediletas; neste particular ajudado de paciência e perseverança notáveis, as suas pesquisas transformaram-se em obras de valor imperecível. Diz-se que diária e infalivelmente recolhia e arquivava as noticias dos jornais e da sociedade, que interessavam ao nosso Estado.

Pode-se avaliar a fôrça do trabalho organizado desta forma. Vê-se as "Datas Matogrossenses". Iniciou-as Estêvão de Mendonça no fim do século passado, por sugestão do Presidente António Corrêa da Costa, que o auxiliou nas primeiras investigações. Mas, tregou o famoso incidente do bonde, e Antonio Correa deixou o governo. Estêvão continuou no seu trabalho que esteve quasi a ser publicado na administração do Cel. António Pais de Barros. As lutas politicas de então o impediram, mas, por outro lado, a obra ganhou com a revisão que a experiência e novas pesquisas do autor lhe proporcionaram. Enfim, D. Aquino Corrêa, quando no governo, promoveu a publicação, integrando-a nas comemorações do bi-centenário da cidade.

— 84 —

Acaso feliz me pôs nas mãos as "Dadas Matogrossenses" muitos anos, quando estudante ginasial. Li e relei os capítulos d'êste livro, durante largo espaço de tempo, motivo por afação que bem poucos o terão apreciado melhor que eu; eu, naquela fase da juventude em que a paixão da leitura é intensa e absorvente. Certo, naquele tempo, não teria a cultura necessária para coordenar os acontecimentos, mas, o que me interessava era o pitoresco daquelas narrações, aqueles casos todos com os festejos e por vêzes os tumultos que ensejavam, aqueles ventos enfim toda a fragância de um passado para mim obscuro e por isso cheio de atrativos.

Estêvão de Mendonça preocupava-se com os fatos na sua limpidez, na sua singeleza, certo de que a História se faz principalmente com êstes pormenores que formam a tessitura das grandes transformações da sociedade. Quem estudar a História da república romana, e, ao deter-se por exemplo na revolução dos Gracos, não a compreenderá bem, se não extender as vistas para mais além da narração fria dos sucessos; para se avaliar o que há de belo no idealismo d'êstes moços, que perecem trágicamente por uma causa, é preciso surpreendê-los no lar materno, onde a virtuosa filha de Scipião os educara numa sociedade ao mesmo tempo austera e brilhante, em que as idéias socialistas são analisadas diáriamente como reforma inadiável. Eis porque aquilo que parece mínimo adquire às vezes importância e entra no cômputo necessário ao entendimento geral do todo. Eis porque Estêvão de Mendonça anotava os fatos com todas as minudências, formando a sua obra manancial de consulta obrigatória para todos os que hoje empreendem o estudo de nosso passado histórico. E, apesar d'êste espraiamento, como é agradável a sua leitura, como nos encanta seu estilo, simples e sóbrio! Pontilhava de vez em quando a narrativa de humorismo sadio, dando-lhe essa cousa raríssima, que a graça sem o exagêro da chocarrice.

Outros livros publicou Estêvão de Mendonça, como o "Quadro Corográfico de Mato Grosso" e a valiosa coletânea das obras de Leverger. Trata-se de apreciáveis contribuições à cultura matogrossense, mas, as "Dadas" constituem caso particular em nossas letras. São elas um dos poucos argumentos contrários à fama de ser o brasileiro incapaz de obra de fôlego, apreciando por isso versos e artigos ligeiros. Dêste modo, um livro que exigiu trabalho de investigação e trabalho, é algo de original, de sólido, que comenda o autor e a terra que lhe serviu de berço.

Termino aqui a crítica, bem que perfuntória e descolorida do meu antecessor; debuxei os traços característicos de sua laboriosa vida, após os da de patrono da cadeira que ora deve

... e das grandes políticas, não cortejaram os europeus dos
antes sempre os repeliram. Leverger só com relutância
as funções que veio a exercer no Estado, e assim mesmo
significá-las; Estêvão recuso três vezes uma cadeira de Depu-
a Assembléa Legislativa e por duas vezes a chefia do Exe-
como Interventor, em 1917 e 1932. Jamais a paixão do
invadiu aquelas almas, jamais os vícios as correperam. Daí
provinha a serenidade no comportamento, único, mas, ines-
mável preço da desambição. Se porventura uma ou outra limi-
ou fraqueza possuísse alguns deles, desapareceria ante os
predicados superiores que lhes exornavam a personalidade. Trata-
se de caracteres que se tornam límpidos, puros, porque o despre-
cimento os liberta de todos os suplicios que trazem a maldade e
a inveja.

No entanto, Leverger foi mais feliz. Viveu numa época tran-
quila, sem sobressaltos, no meio de família numerosa, com a singe-
leza, mas, também com as comodidades que se fruíam na século
passado. Quanto a Estêvão, viu mudarem-se de repente as con-
dições de vida, preso a rendimento que se tornou irrisório, quando
a velhice e a doença lhe reclamavam maior confôrto. Suportava,
porém, com indiferença, a adversidade. No limiar dos oitenta,
anos, bem sabia que a lâmpada se apagava, mas, tinha aprendido
com Renan a conhecer o Pai Celeste, aquele que se adora em es-
pírito e verdade, independentemente de seica ou escola. Ainda
nos seus últimos dias, encontrava fôrças para vir à janela, conver-
sar com os amigos, relembrar episódios desta cidade, que êle tanto
amou. Solitário sem amarguras, exausto sem queixumes, como
que se recuava no tempo para irmanar-se com aqueles grandes fi-
lósofos que fizeram da vida exemplo sem par de abnegação e re-
núncia. Ao vê-lo naqueles momentos, vinha-nos à mente sobre-
tudo a figura de Diógenes, cujo desapego às aparências do mun-
do o levava até o mais extremo desamparo. Contudo, os corin-
tanos, que sabiam apreciar os seus ensinamentos, ergueram-lhe
um túmulo com uma inscrição que serviria a todos os que ainda
hoje, como Estêvão de Mendonça, colocam os princípios acima
dos apetites. A inscrição figura um diálogo entre um viajante e
um cão de mármore, colocado no sopé do monumento.

- De quem é êsse túmulo que guardas?
- De Diógenes.
- Aquele que morava num tonel?
- Esse mesmo, mas, hoje êle está morto e mora nas estrélas.

Discurso de recepção

pele acadêmico Gervásio Leite

Sr. António de Arruda:

Dando-vos boas vindas, em nome da Academia, quando efetivais vosso desejo de participardes dos trabalhos d'este sodalício; desde logo vos advirto que foram sómente os vossos méritos que nos levaram a vos escolher para as glórias da immortalidade acadêmica.

Não nos empanou o critério da escolha, que é direito nosso, e, quase majestático, nenhum outro interesse, sinão o de encontrar entre os que nos vieram bater às portas um digno substituto de Estevão de Mendonça, glorioso fundador desta Casa, espírito extraordinário que, durante um quarto de século, dignificou e abrilhantou êste cenáculo.

Ante a perplexidade que nos dominava, vendo caído aquelle grande vulto da vida mental de nossa terra, tombadas as nossas bandeiras em funeral, julgavamos impreenchível o lugar daquelle companheiro; vencidos, afinal, pela inexorabilidade da morte, para preenché-lo fostes o escolhido e, para logo, vos assinalo a responsabilidade de que vos investis vindo ocupar o vosso lugar nêste sodalício,

... a segurança da Academia de: que
... o fundador.

... verdade temos o direito de esperar isso de vós,
... os altos e assinalados méritos de vossa formosa
... que vos levou, cedo, ao mais alto posto da
... matogrossense e vos deu, de outra parte,
... posição na vida literária do Estado. Deveis tudo
... a solidez de vossa cultura, à vossa assinalada vocação
... a trato das coisas do espírito e ao vosso refulgente
... talento que, destacando-vos entre os primeiros da judicatura
... vos marcou, muito cedo, para as laureas desta consagra-
... ção, ainda que tivésseis declarado em página viva do vos-
... so livro — “Cronista ad-hoc” que jamais pretendestes
... chegar a imortalidade porque faltar-vos-ia tempo, dedica-
... ção e *pose*, principalmente *pose*.

Ali, fixando em traços mais acentuadas as linhas de
vossa formação, declaráveis, solenemente, que não ereis
passadista, porque o passadismo é ofensivo, nem modernista
pois tivestes, “um professor de português muito bom”.

Que maneja, assim, com tamanha desenvoltura, a pe-
rigosa arma da ironia, não pode ser um *poseur* no sentido
de afetado, de presumido. Mas, tendes a posição, a postura,
a atitude de um acadêmico que, nêstes tempos rudes e
caliginosos, é o homem culto que luta pelo primado do
espírito num mundo de belicistas, negociistas e extremistas.
Assim, o bom efeito que o acadêmico consegue, via de
regra não decorre do estudo de atitudes visando produzi-
los, mas dêstes qualquer que seja a atitude.

Com isso compravamos que a láurea acadêmica não
é apenas um crachá ornamental. Antes de tudo obriga-
nos a um compromisso grave e honesto que é o de lutar
com denodo e desassombro, elevação e coragem pelo
primado do espírito e da cultura.

Não vos assusteis, portanto, pois nenhuma *pose* incô-
moda ou afetada vos será exigida para compordes a grave
figura de acadêmico, mesmo porque, Juiz como sois, já vos
...asteis com a solenidade da toga e tendes, assim, pro-
...amente, alguma das condições clássicas de um acadê-

mico: prudência, a ponderação, a calma e, até mesmo o conservadorismo que deve ser num juiz destes tempos uma condição fundamental para conter o furor inconoclastico, que é marcante traço do mundo contemporâneo.

Conservador, entendamos logo no nobre sentido; não o caturra, o formalista e antiquado, mas o juiz para este mundo, já agora em mudança prolongada e permanente como inquilinos impontuais com o senhorio. Não o juiz passadista escravo da letra da lei, fanático da arqueologia judiciária, incrustado no formulário, discípulo de Pegas e Lobão, para quem a nobre função de julgar não passa de um cacoete.

Alma de cruzado, o verdadeiro magistrado deve ter a constante preocupação de construir para o aperfeiçoamento das instituições, afim de assegurar um grau inais elevado de liberdade e de bem estar ao maior número possível de seres humanos. Não póde o magistrado ser, entretanto, um vão idealista preso às vagas elocubrações de quem não participa das atividades do grupo social a que pertence. Deve ser, ao contrário um realista perspicaz capaz de distinguir a parte que cabe ao espírito de conservação e a que toca ao espírito de renovação numa política destinada a atender, simultaneamente, as inelutáveis necessidades de equilíbrio e de progresso da sociedade civilizada.

Vindo do Pretório para o Cenáculo encontrareis aqui, palpitando no desejo de realização, todos aqueles princípios que constituem o ideário do verdadeiro magistrado e, assim tereis identificados, na realização de ideais e de anseios comuns, o magistrado e o acadêmico.

Vindo ocupar o vosso lugar nesta Casa, Sr. António de Arruda ao vosso mistér de Juiz acrescentareis as láureas acadêmicas e, assim, acadêmico e magistrado, tendes altas credenciais para colaborar nos trabalhos deste sodalicio, elevando o nível cultural de nossa gente.

Os acadêmicos sempre sofreram a malícia a ironia e os sarcasmo de seus desafetos. Para os que dos mistéres desta Companhia não participam, somos criaturas mumi-

ficadas, prudentemente, segregadas nos sarcófagos desta Casa de Melgaço. Ora, dos juizes muito se tem falado neste mundo, desde que os interesses e as vaidades não podem ser, tôdas elas, contempladas e premiadas no Fôro.

E sofrem os que se dispõe a julgar os seus semelhantes desde a ironia polida, educada até a descompustura rude e brutal. Desde Anatôle France com a satira imortal de — “Os juizes integros” até Rui com o imperecível libelo que é “O justo e a justiça política”, têm os de vossa classe sofrido muito com o inconformismo dos homens.

Para consôlo dos magistrados devemos lembrar que dos advogados muito mais se tem falado. Um sarcasta chegou a dizer que não podia compreender como Santo Ivo chegou a Santo, sendo advogado.

É a maledicência humana!

Insisto aqui em falar de Juizes e advogados, isso porque o acadêmico que vindes substituir nesta Casa posto desdobrasse a sua intelligência por outras provincias do saber foi como advogado que viveu largo periodo de sua vida e, ainda, porque é um advogado que vos recebe, nêstes pórticos da immortalidade, representando a corporação em que vindes de ingressar.

De confrade para confrade podemos aqui conversar sôbre a ciência em que labutamos, cotidianamente, confrontar suas grandezas e esconder, tanto quanto possível, as suas misérias. É que a banca do advogado se aproxima da tribuna do magistrado; um e outro lavrando na mesma seara se irmanam na realização da justiça. De sorte que, juizes e advogados, dois ramos da magistratura embora se desentendam na trivialidade do fôro acabam por se irmanarem na busca do alvo comum de sua missão.

Util é, por isso, insistir para que os juizes resignadamente se disponham a cumprir, por sôbre todos os sacrificios, sem amizades, sem interesses, sem ressentimentos, os mistêres de seu officio. Participan. es, juizes e advogados, de uma relevante missão que é a defesa intransigente da liberdade, o respeito à lei e a realização, para todos, da justiça. Se os advogados devem ser parciais, o Juiz tem

como dever primeiro a imparcialidade mais rigorosa. Nem o medo, nem a amizade, o ressentimento ou a mágoa, o respeito pessoal ou as razões de Estado, os interesses de parentes ou as seduções do Poder podem afetar a consciência do juiz de forma que quando sentir toldar-lhe a serenidade ante aquelas solicitações, deve, como o sacerdote bater humildemente no peito e proferir o "domini non sum dignus".

Falando para um Juiz intrego, digno, austero, culto e incorruptível como sois, magistrado que só ama a Lei, escravo da Verdade e do Direito, sereno distribuidor da Justiça, posso-vos confessar que sois dos raros juizes dos bem julgados por nós outros os advogados, porque, como sabeis os advogados são os inflexíveis e rigorosos juizes dos juizes.

Conhecendo-vos desde os bancos acadêmicos, desde cedo aprendi a admirar a integridade do vosso caráter, a nobreza de vossas atitudes, a vossa dedicação ao estudo, e as vossas excelentes qualidades de escritor. Hoje nesta noite festiva e memorável, justo é que destaquemos o grande juiz que sois e, que me seja permitido vos confessar, que não é só o homem de letras que celebramos mas, também o Juiz que dignifica a sua magistratura.

Não acolhendo, em seu seio somente os homens de letras mas, atraindo as eminências de todas atividades, a Academia, nesta noite, vos abre, de par em par, as portas da imortalidade, para vos consagrar como intelectual e como Juiz.

Sr. António do Arruda

Embora estejamos vivendo rudes dias, de provações e sofrimentos, com o mundo oprimido entre as tenazes de tremendos problemas e o país martirizado pelos desajustamentos com que, os políticos que os ocasionam, se asseguram nas vantagens materiais do poder; embora êste seja um mundo sem grandeza empolgado pelos primitivos mecanizados da expressão de Keyserling; embora a maioria dos homens sofram as misérias de um mundo em ruínas

e todos podem lamentar-se dramaticamente como aquele estudante de Julien Green que "por se ter instruído perdera todas as suas *chances* de triunfar", fora das conquistas espirituais e culturais não há mais nada. Além disso só o passado nós poderemos consolar.

Se voltamos o olhar para o passado, por certo, ganharemos novas energias contemplando vultos do porte de Bação de Melgaço que evocastes agora em linguagem tão viva, nesta casa em que êle viveu e que, ainda hoje sentimos tão fortemente impregnada de sua exponencial personalidade.

Êste filho da Bretanha, país misterioso, situado junto de um mar sombrio, ericado de rochas, "toujours battue par les orages" e que Renan descreveu nas páginas inesquecíveis das "Souvenirs d' enfance et de jeunesse", foi revivido esta noite em vosso formoso discurso, onde destacastes, com mãos hábeis, tôdas as suas marcantes qualidades e os seus exemplos que, infelizmente não tiveram seguidores, tanto os homens públicos atuais fogem da experiência e da lição dos nossos maiores.

Homem público completo, como o Brasil imperial teve tantos, Melgaço embora filho de outra plagas aqui ficou, marinheiro perdido na hinterlândia, construindo para a posteridade a obra que todos admiramos.

Patrono da cadeira que ocupais foi Leverger uma das constantes mais altas da vida de Estevão de Mendonça que, denodadamente, lutou para que não caísse no esquecimento o bretão cuiabanizado, convencido como estava que morre para sempre, quem morre em Cuiabá.

O elogio que fizestes do vosso antecessor bem demonstra o acerto de nossa escolha. Convivendo, desde a infância e em constante admiração com o fundador de vossa cadeira, intimamente ligado a êle por laços de profunda afeição conhecendo-o no recesso de seu lar, bem o senti na fidelidade do retrato que acabastes e traçar.

Magnífico exemplar da raça humana, deu-nos com a sua vida motivos para honrá-lo e reverenciá-lo e, desmentiu com a sua imensa bondade e o seu agudo sentimento

de lembrar-se o ditado: "o homem de ferro de hoje vive quando afirmava que "o mais gentil dos homens atravessa a vida de punhal na mão". Vivendo uma longa vida de oitenta anos - a idade perfeita dos antigos, na opinião de Joaquim Nabuco - nunca trocou de maneiras ou de convicções. Sempre polido, sempre fiel aos seus princípios, constante na nobreza de atitudes, irreduzível nas crenças e nos ideais. Discipulo de Renan e de Eça ganhou no convívio com êsses mestres aquela suave e doce ironia e aqueles traços de desencantamento, sem amargura, com que contemplava o espetáculo do Mundo e da Vida.

Livre pensador e discipulo de Renan, Estevão de Mendonça armou-se, muito cedo, para o espetáculo admirável que é uma vida de oitenta anos. Chegou ao final como um personagem shakeaspeareano convencido da inutilidade das coisas e dos homens, que êle os viu sem beleza e sem grandeza nos asperos embates do cotidiano.

Dele, não apenas ficaram as impressões de uma criatura de eleição, de coração purificado ao calor de belas virtudes, de alma grande e generosa. Os seus livros, a monumental contribuição ao nosso desenvolvimento cultural, à história e à geografia de nossa terra, legado precioso às gerações futuras, bem dêmônstram a vida fecunda do acadêmico que vindes substituir.

Podendo ter tido influência na vida politica e administrativa do Estado, chamado reiteiradas vezes ao posto máximo de nossa administração a tudo resistiu, não se deixando arrastar pela política. Convencido como tantos outros que há mais amarguras e misérias, de que brilho e gloria na atividade politica como, infelizmente, praticamos entre nós preferiu a essa gloria efêmera, a outra, a verdadeira gloria da inteligência, da cultura e do trabalho.

Assim foi, Sr. Antonio de Arruda, o confrade que vindes substituir nesta casa. Os louros do triunfo que colheis nesta sessão magna são o prêmio justo às vossas destacadas qualidades.

Honrem prudente, pu-estes logo, na abertura do vosso formoso discurso, a resignada declaração de que estais pronto

para o mesmo pagamento. Este todavia, já foi feito quan-
do tratamos a nossa porta varões pezar, com o nosso sufrá-
gio, um lugar nesta casa. Na consagradora maioria de
votos que recebestes está a nossa sentença, pois como disse
nosso querido confrade Otavio Cunha, já pertenciais a esta
compania mesmo antes da vossa eleição.

Festejado por entre triunfos e aplausos podeis tomar
o vosso lugar neste cenáculo da intelligência matogros-
sense, para a continuação do vosso e do nosso trabalho
que é o engrandecimento da cultura de nossa terra.

Dando-vos, cordialmente, as boas vindas, recebendo-
vos, jubilosamente, a Academia espera, Senhor Antonio de
Arruda, que proveitosa seja a vossa atividade entre nós.



“Cronista Ad Hoc”

Corsíndio Monteiro

Acabo de ler um livro inédito. Ora, direis, um livro inédito! Certo perdeste o senso . . . E eu vos direi, no entanto, que a mim coube êste privilégio. Embora contenha o livro algumas páginas já publicadas em jornais matogrossenses, continua êle praticamente desconhecido. A edição foi limitada a dois únicos exemplares batidos a máquina pelo próprio autor e posteriormente encadernados, com o objetivo de “grangear ao autor as palmas acadêmicas” ao ensejo de sua candidatura a membro da Academia Matogrossense de Letras (1950).

Tive a ventura de ler a reler êsse belo e harmonioso livro de crônicas, pois que seu autor — António de Arruda—gentilmente mo franqueou. As crônicas datam já de algum tempo, havendo algumas que foram publicadas pelo meu jornalzinho de estudante — “A Batalha” — minha luta, meu sonho e minha glória! . . . As crônicas de António de Arruda, muitas vezes, foram o seu tributo à sociedade — da qual foi êle defensor legal em certa época, tributo à arte, à beleza, à literatura e à vida.

António de Arruda fala sobre o que pretende em sua crônica: “Inútil dizer-te quem sou: basta confiar-te o que

pretendo. É e pouco, ou melhor, é simples. Fazer o comentário análogo sobre as cousas que passam e também, às vezes, trazer o meu depoimento sobre as cousas eternas. Tudo de mistura com um riso sadio de jovialidade, e, quem sabe! com um pouco de lágrimas disfarçadas, brilhando na pena, à guisa de tinta... Como vê: as minhas intenções são bem modestas. Não pretendo, nunca pretendi chegar à imortalidade. Faltar-me-ia tempo, dedicação, *pose* — principalmente *pose*. Outrossim, é bom que saibas, não tenho preocupação de escolas nem de estilos. Ficaria triste se me chamassem passadista, pelo que de ofensivo já vai adquirindo esta palavra. Mas, também não chego a ser modernista.”

Nessas palavras iniciais, está a definição do homem e do escritor. Nada mais se precisaria acrescentar. Revela-se aí um habitual dos grandes autores, um leitor infatigável, um analista fino, um observador arguto. Não o mero espectador, como queria Machado de Assis, quando escreveu: “O cronista não tem cargo de alma, não evangeliza, não adverte, não endireita os tortos do mundo; é um mero espectador, as mais das vezes pacato, cujo bonomia tem o passo tardo dos senhores do harém”, e sim o que censura, o que critica, o que corrige, o que confirma, embora numa forma polida e, quase sempre, amável.

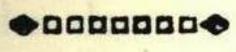
O título do livro é sugestivo — “Cronista *ad hoc*”, e já nos deixa antever o humor do literato que vive às voltas com as lides forenses. Substituindo eventualmente a um cronista efetivo, teve oportunidade de ocupar sistematicamente uma coluna de um hebdomário, o que lhe permitiu mostrar, mais uma vez, as excelências de seu talento e a graça de seu estilo.

Dir-se-ia estar o leitor, certas vezes, apreciando trechos de Machado de Assis, tal a influência que o subtil criador de Capitú parece ter exercido em António de Arruda. Seu estilo enxuto, conciso, sêco, sem exigir do leitor mais que um breve sorriso, a revelar um espirito dextro e ágil, não escondendo a amarga ou um tanto desolada compreensão das coisas, dos homens e da vida... A ale-

gría nele é mais ornamental, e não se trata de uma obra machadeana de boa parte de suas crônicas não por assumir um caráter artístico intencional e sim que se trata de obras profundas e sem artificio.

O que há de peculiar em Antonio de Arruda - hoje uma das figuras mais expressivas do nosso Egrégio Tribunal de Justiça — é a sobriedade de seu espirito, a temperança de seus atos, a segurança e a coerência nas suas atitudes, o seu cavalherismo, o seu ideal de justiça, de bondade e de harmonia. Seu livro — “Cronista *ad hoc*” — livro simples e despretencioso, merece, por certo, uma edição tipográfica ampla e estamos em que será bem recebido pela critica. O autor desse livro de crônicas, mais psicólogo do que moralista, mais um humanista estoico do que um metafísico, é um dos mais belos ornamentos de nossa cultura literária e jurídica. A todas as manifestações de seu espirito empresta êle a meditação, o estudo, a graça, a propriedade, a singeleza, a elegancia, a distinção, de um talento superior destinado a mais amplos horizontes e a uma realização maior.

De António de Arruda poderíamos dizer, como o fez Graça Aranha de Machado de Assis: “aristocratizou-se silenciosamente” E mal não fica acrescentar a êste passo aquilo que dêsse aristocratismo machadeano escreveu Barreto Filho, que “assentado sòlidamente numa base moral, pôs a vida a serviço da obra, a sensibilidade sob a disciplina da intelligência e conseguiu na vida e na obra a medida clássica”.



POESIAS

—Continuação da página 64—

Fanal

COLOMBINA

(Ide Schlombach Blumenschein)

Tu foste para mim a estrela mais distante,
a sempre desejada, a sempre inatingida,
que apenas entrevi num passageiro instante
de sonho, a me apontar a Terra prometida.

Foste crença e obsessão; o *leit-motiv* cantante,
que ora sombra, ora luz, me acompanhou na vida:
taça onde imaginei um netar embriagante,
enseada, que busquei, nas amplidões perdida.

Foste a glória falaz! a radiosa esperança!
Nas lutas que travei, tu foste escudo e lança.
Foste esplendor e pó... Exaltação e dôr...

Foste a noite sem fim, sendo a eterna alvorada,
e talvez, porque tu nunca me deste nada,
foste o fanal da minha inspiração — A môr!

S. Paulo, Nov. 1950.

Incontido desejo

Corsíndio Monteiro

Desejo da humilde liberdade!
Da liberdade de vagar pelas ruas,
sem horários e sem destino...
Liberdade de ser pobre
e de ser triste.
Liberdade de amar,
liberdade de ficar em silêncio
e de padecer minhas dores...

Ah! ainda o incontido desejo de ser isento,
de ser eu mesmo:
tranquilo, plácido, vago,
tênue e ausente...
na doce serenidade do desencanto. .

Lupércio

— HEREDIA —

(Trad. de Gabriel Vandoni de Barros)

Lupércio, até de longe, ao ver-me: — Caro poeta,
Seu último epigrama é um primor latino;
Farei um portador amanhã, pois me inclino
A pedir que me empreste a sua obra completa ...

— Não. Seu escravo arqueja, é já velho e perneta;
Minha casa é distante e a escada sobe a pino;
Não reside você perto do Palatino?
Atrecto, meu livreiro, assiste na Argileta.

Tem êle a livraria ao pé do Forum. Juntos,
Volumes lá se vêem de vivos e defuntos
De Virgílio, Terêncio e Plínio, Sílio ou Fedro;

Bem visível ali, nos primeiros armários,
Em púrpura, polida e num ninho de cedro,
Põe-se à venda Marcial: custa cinco denários.

VERSOS

DE

Rubens de Mendonça

Campo Grande

Lá de Maracajú, no planalto, floresce
entre "Présa" e "Segredo", a mais linda cidade...
Campo-Grande, gentil, que altivamente cresce
tão cheia de vigor, de progresso e ansiedade...

É a rainha do Sul e disso se envaidece,
orgulhosa e feliz, ostenta a majestade...
Cada dia que passa; ela mais se embelece
embalada ao fulgor de intensa alacridade!...

Trepida no seu solo o fecundo trabalho...
Estua no seu seio o ritmo do malho...
De Mato Grosso é bem a filha sem rival

Ó sonho encantador de José Luís Pereira,
que embalando ao nascer - a cidade fagueira -
sentiu que ela ia ser grande, bela e imortal!...

Cantata da Iara

No Amazonas em noite enluarada,
Conforme reza a lenda, o pescador
Ouve da Iara a voz enamorada
Que vai cantando uma canção de amor!

E ao som da melancólica toada
Surge-lhe a Iara em mágico esplendor,
E a Deusa do Rio-Mar - alma encantada
Nos seus braços embala o sonhador!...

Tu tens também da Iara a formosura,
E os teus olhos tão cheios de ternura
Tem um encanto tal, mulher querida,

Que ao contempla-los sinto o coração
Dizer baixinho, cheio de emoção:
Olhos mais lindos que eu já vi na vida!

Catulo da Paixão Cearense

Já não tem o luar tanta beleza,
a lua não possui o antigo encanto,
soluça um violão — seu negro pranto
cobrindo vai a terra de tristeza!...

O "Luar do Sertão" já com certeza
irá banhar apenas o recanto
do seu túmulo, e mesmo assim, no entanto
vivem seus versos pela natureza!...

Vive na alma do povo sua poesia...
História comovida que fazia
soluçar o bandido mais hostil!...

E o violão por toda a eternidade
há de lembrar seu nome com saudade:
Poeta das florestas do Brasil!...

Enquanto a chuva cai

Abro a minha janela! Olho Santa Tereza...
Maninho a chuva cai envolvendo lá fóra
O morro. E vem da chuva essa imensa tristeza
Invadir o meu peito onde a saudade mora.

Denso véu de garôa envolve a natureza
Cresce a melancolia... E a terra toda agora
Parece padecer no inverno atra crueza..
Tem saudade do Sol... E de saudade chora!

No entanto a chuva cai neste dia cinzento..
E eu só.. Longe de ti. Só no meu sofrimento..
Na tortura cruel da mais horrenda dôr!

Sinto-te junto a mim... E invade-me a saudade
—Tu que és só para mim toda felicidade—
Enquanto o chuva cai, penso em ti, meu amor!..

Enquanto a terra toda é requemida,
 E o sol abrasa os campos e a amplidão,
 Até a relva daninha foi esmagada,
 Esta gente sofredora, torturada,
 Implora chuva aos céus por compaixão.
 O gado vai de sede perecendo,
 Somente o negro corvo o bando
 Dos pilanthes que vão padecendo.

130 XVI Futebol (supra)

Enquanto o povo torcia,
 Ontem, pois, no Campo, alguém
 A minha atenção prendia,
 Que eu não via a mais ninguém!

O time todo corria,
 Eu absorto, porém,
 O que passava não via,
 E só te via, meu bem!

O Campo foi invadido,
 Eu estava embevecido,
 Que nada vi, minha flôr!

Depois do jogo acabado,
 Eu me senti derrotado,
 Vencido por teu amor!..

Os flagelados

A-Exma. Sra. D. Darcy Vargas

DD. Presidente da Legião Brasileira de Assistência

Os rios já não podem mais chorar
O Sol bebeu-lhes lágrimas dos olhos!...
Arde por toda a parte a luz solar
E vai crescendo em furia de abraçar
Nas estradas de urzes e de abrolhos!...

Em grupos vêm marchando os retirantes
Qual se fêra uma enorme procissão,
A tristeza em seus palidos semblantes,
Reflexos cruéis horripilantes,
Por toda a parte é só desolação!...

As «estradas que andam» vão morrendo
Num desespero atroz de causar dó...
De margem a margem é um deserto horrendo
E a areia no seu leito vai crescendo —
Onde foi rio, resta apenas pó!...

E quem não sente a angústia ao contemplar
Um rio que morreu. É triste, vêde:
O seu leito parece suplicar
A Deus e céus que venham lhe aplacar
Esta ansiedade de morrer de sede!...

Enquanto a terra toda é requeimada
E o sol abrasa os campos e a amplidão,
Até a relva daninha foi esmagada,
Esta gente sofrendo, torturada,
Implora chuva aos céus por compaixão...

O gado vai de sede perecendo!
Somente o negro corvo o bando segue
Dos retirantes que vão padecendo...
Na terra adusta tombam, vão morrendo,
E o corvo o seu banquete então consegue!...

Estorcendo seus galhos com pavor
As arvores esqueleticas, desnudas,
Sem ter passaros, flores, vida e amor,
Como se fossem sentinelas mudas
Suplicam chuvas para o Criador!

No campo abandonado o sol a pino
Destruiu a colheita e com imprevista
Fúria cruel e louco desatino,
A fome faz a guerra de conquista
Na boca do caboclo nordestino...

E vai crescendo em fúria de abraçar
Nas estradas de urzes e de abrolhos,
Arde por toda a parte a luz solar...
Os rios já não podem mais chorar
O sol bebeu-lhes lágrimas dos olhos!...

**Saudação de Cesário Prado, ao Arcebispo D. Aquino Corrêa,
na Federação das Academias de Letras do Brasil.**

Exmo. Sr. Representante do Exmo. Sr. Presidente da
República.

Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo D. Aquino Corrêa.

Excelentíssimas e digníssimas autoridades.

Exmo. Sr. Presidente da Federação das Academias de
Letras do Brasil.

Exmos. confrades, Exmas. Senhoras e Senhores

Conta-se que nas ascensões a visos de elevadas re-
giões montanhosas, sucede muitas vezes parar, de súbito, o
excursionista pelas íngremes veredas, atônito ao rumor e
ao rufo de possantes rêmiges, que desatam vôo de algum
píncaro vizinho e em majestosas evoluções, rumo ao mais
alto do firmamento, prendem, com enamorado encanto,
os olhos do viajante, a despertar do seu êxtase, pela voz
do guia solícito e experiente, que exclama, a guisa de
dispensável explicação:

— E' uma águia, senhor!

Lembra-me êsse caso, ao vir-me à fantasia, a noite engalanada, em que o Instituto Histórico Brasileiro, que é como o panteon do culto à memória das glórias nacionais, recebia no seu quadro, o eminente Arcebispo de Cuiabá, já então um nome de projeção no âmbito nacional, não só pelo seu destaque na Igreja Católica, apenas entrado nos primeiros anos da maturidade, mas pela pacificação política, que com tacto, descortino e brilho, conseguira dar à sua, à nossa terra natal, no período, que vinha há pouco de terminar, de sua magistratura suprema, a que fôra levado por sufrágio unânime dos partidos adversos, a conselho sábio do govêrno dêsse eminente estadista, o Dr. Wenceslau Braz, que ora sai de honrado e voluntário ostracismo, com as glórias de um Cincinato.

Saudando o novo consócio, e exalçando-lhe, não só os méritos de eminente pastor de almas e prudente estadista, mas, de igual, os dotes de tribuno e poeta, o orador oficial, que outro não era, senão o erudito helenista, Barão de Ramiz Galvão, esmaltava o seu formoso discurso, com trechos descritivos da Roma dos Papas, profusa dos mármorees da Renascença, e da Roma pagã, dormindo o pesado sono dos séculos mortos, em veneráveis ruínas da antiguidade, e à laia de explicação, concluia para o auditório enlevado: Esta página é de um perfeito, harmonioso e acabado homem de letras, esta página é vossa, Senhor D. Aquino.

Pouco depois, como Ramiz Galvão, era um Afonso Celso, um Carlos de Laet e outros expoentes ou mentores da mentalidade do país, era a opinião unânime da imprensa, que lembrava o vosso nome para as láureas da immortalidade, e a Academia Brasileira de Letras, vo-las outorgando, não agiu com menos justeza e sabedoria, de quando deu, em seu seio, um assento a outro eminente dignitário da Igreja, o clássico biógrafo de D. Viçoso, D. Silvério Gomes Pimenta, porque, quanto às galas e primores do vernáculo, vossa linguagem pede meças, D. Aquino, ao parisiense do estilista da Vida de D. Viçoso,

o auditório de discursos vossos, entre outros, o de saudação ao Presidente Justo em visita ao nosso País, e o da comemoração do centenário do Instituto Histórico, tem, com êlevo, aplaudido vossa eloquência.

Habituaamo-nos assim, de longa data, a ouvir o vosso nome, meu caro e venerando Arcebispo, transpondo os estreitos e longinques recantos de nosso cêspede natal, que a nós, vossos conterrâneos, já não causam nem trazem surpresa, todas as homenagens que vos sejam prestadas, como a que ora vos rende a Federação das Academias de Letras do Brasil, com o calor de lídimo entusiasmo, interpretativo da admiração e apreço à vossa obra, na cálida palavra eloquente de Paranhos Antunes.

Bem dispensável, portanto, seria a minha palavra, sem côr e sem som, se me movesse apenas o intuito de expressar minha veneração para com a vossa eminente individualidade, quando, de público, já tantas vezes, tenho na imprensa vo-la manifestado, ou seria também dispensável, com o intento vão de aproximar-me das autoridades máximas do pensamento do País, no côro de merecidos gabos à vossa obra, como orador de recursos peregrinos e poeta de sonoras cordas maviosas e de líricas melodias de inspiração religiosa, patriótica e cívica.

Quero apenas exprimir o quanto a Academia Matogrossense de Letras, de que sois o eminente Presidente de Honra, sente-se desvanecida com a homenagem singela, porém significativa, que ora se presta àquêle, que foi o inspirador de sua criação, traçou-lhe as normas no rumo para o Belo inseparável do Bem, dando-lhe o formoso *ex-libris* — *Pulchritudinis studium habentes*.

Para mais exprimir, sinto-me, senhores, na verdade, de tão pequeno, mais apequenado ainda. Porque, como dizer o que D. Aquino representa para a comunhão matogrossense? Ele nos enche de lídimo orgulho, como dos mais preciosos e puros valores do patrimônio moral e intelectual da nossa terra, com repercussão pelo País, quando nos analectos nacionais, deparamos com a recolta de inúmeros trechos de suas páginas oratórias e cantos do seu

estro poético, todos de florentes ensinamentos morais e cívicos; e portanto de frutos sem conta, no espaço e no tempo, e que por isso, por serem tão edificantes em religião como em civismo e culto pátrio, se repetem, assim nos juvenatos religiosos, como nos educandários leigos, acordes todos em reconhecer-lhes a profícua ação eminentemente educadora da alma em flor da mocidade nacional.

Tal a asa do pássaro, que roçando a superfície líquida e espelhante, deixa traços de círculos visíveis, porém incontáveis, de borda a borda, e como incalculáveis são as vibrações d'esses sulcos no âmago da massa movediça, assim na vastidão da nossa pátria, no presente como no futuro, não é possível medir-se a ressonância educadora da vossa poesia e da vossa eloquência, de que pude aferir cálculo aproximativo, ouvindo em festa cívica escolar, realizada em Manaus, passagens empolgantes de um discurso vosso, repetidas com entusiástico louvor, pelo então interventor do Amazonas, o Doutor Álvaro Maia, como vós, também estilista *double* de poeta e orador.

E como dizer o que D. Aquino representa para nós, como pastor de almas?

Na verdade, neste passo, eu que posso repetir, em sã consciência, a súplica do poeta das "Flores do mal":

*Où! Seigneur! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon corps et mon âme sans dégoût,*

sinto-me tomado de humildade, para falar sobre vossas excelsas virtudes, à frente da áurea retulgência da vossa cruz peitoral, insignia que a sabedoria da Igreja só confere aos varões, que são o espelho da sua mesma sabedoria e das suas mesmas virtudes. Basta-me lembrar as manhãs das minhas idas ao outeiro do Bom Despacho, para a revisão dos meus folhetins destinados a "A Cruz", porque pude (não) calcular o quanto de caridade deve haver nas audiências do nosso arcebispo a velhas matronas, a cansados chefes de família, em busca de sábios, prudentes, consoladores e edificantes conselhos do seu bondoso coração. E aqui

mesmo, nesta grande metrópole, como a sala de visitas do colégio Santo Inácio se enche de nossos conterrâneos, à procura de D. Aquino! Aguardando uma vez sua presença, e vendo-o regressar àquele colégio com ar fatigado, e olhando o número de jovens filhos de seus conterrâneos amigos, que põem os seus interesses de carreira, de situação e de toda ordem, sob o amparo e patrocínio do alto prestígio do nosso Arcebispo, tive pena de D. Aquino, por tantos passos de diligência pelas secretarias do Estado. Lembrei-me da impressão de Zweig, estudando o andar de Verharen e sentindo-se tomado de tristeza, por ver que o seu poeta envelhecia. D. Aquino, há pouco, convalecia então de grave enfermidade, e daqui a sua fadiga, e não de velhice, pois, diz o espanhol: *Cabellos blancos no és vejez, pero arrastar los pies, eso es*. D. Aquino, que, de moço, tem as cãs do estado e da meditação, mercê de Deus, entra o pórtico da idade propecta, em perfeita hizez, promitente de avançados anos, para as bênçãos do seu alto ministério e para gaudio e benefício do todos os comparecentes à sala de S. Inácio!

E que dizer das vossas excursões pastorais? Como a mim e aos vossos patrícios, parecerão nada penosas as peregrinações de D. Viçoso, através das alterosas, descritas pela pena de D. Silvério, em liteiras cômodas, diante das vossas estafantes romagens, em busca e remédio de almas, pelos ermos da serra da Chapada, vencendo, em pobres montarias, os itambés da nossa terra.

Vossa obra educadora e apostolar é para ser tomada, em seu justo valor, pelos vossos eminentes cômpanes da Igreja, que a nós, ligados, apenas é possível lobrigar os aspectos dos esforços de vossas iniciativas fecundas, em fazer ressurgir, nos longinquos rincões matogrossenses, as sementes luminosas, lançadas por missionários Jesuitas e Franciscanos nos tempos coloniais, com novas levadas desses apóstolos de S. Inácio e do Poverello, para o Alto-Paraguai e Chapada, dando-lhes também nas paróquias da Boa-Morte e Rosário, outros púlpitos de pregação evangélica.

Assim, pois, a obra de D. Malan vem sendo prosseguida, com galhardia, pelo seu dileto filho espiritual, que lhe decanta a glória em sonoras estrofes:

Mais de vinte anos faz, que à nossa encantadora
Ribeira, onde o ouro aflôra,
Sorrindo às seduções desta luz tropical,
Ele aportava, envolto em seu burel malquisto,
Ao peito, a cruz de Cristo,
E ros olhos azuis — a glória de um ideal!

Seu nome ecoa na alma harmoniosa das matas,
No gorgear das cascatas,
Nos trinos do sabiá, na asa do vendaval;
E enquanto retumbar sôbre a infinita praia,
A onda do Araguaia,
Seu nome cantará, como hino triunfal.

Esses são versos do rapsodo para os heróis da cruz, que para os heróis da espada, não são menos cálidos os poemas da "Terra Natal" dedicados aos Leonidas de Laguna e de Dourados, a Antonio João, a Batista das Neves, a Leverger, que leva a alma mitogrossense a erguer se em chamas ardorosas de amor pátrio, tanto como os versos que descrevem a nossa paisagem agreste em flôr, com os pensativos pantanais e com seus rios caudalosos ou plácidos, como o que banha a nossa pequena capital, a "Cidade Verde" de D. Aquino.

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes, sobranceiras
E lindas como alhures não as há;
Sôbre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a verde selva,
Eis a "Cidade Verde": Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes
Eternamente amantes,
Os seus dois morros, e tão verdes são,
Que até refletem pálidos verdors,
Nos lares cismadores,
Que enchem do vale a plácida mansão.

Como tu, não tem, não, tantas grinaldas
De vivas esmeraldas,
A Úmbria verde, nem a verde Erin:
Mais rica do que o fúlvido Eldorado,
Tens o encanto sagrado
De uma Canaã meliflua para mim.
.....
Salve, cidade verde! a ti, meu berço,
Melhor do que o universo,
Eu te saúdo, ao ósculo fugaz
Do rio verdenegro, que te esfróla,
Cantando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz!

Compreendereis, senhores, com que amor, o povo da minha terra ama o vate, que assim lhe decanta os sitios natais.

Já não nos lembra que escritor pessimista lamente não tributar o homem aos poetas e oradores, a mesma gratidão, que manifesta aos que lhe fabricam o pão e lhe tecem o pano. Venios nós, porém, o contrário. Ontem, como hoje, tanto nas antigas como na moderna civilização, os vates e os oradores, ainda vivos, foram e são festejados, coroados com ramos de loureiro e carvalho, e ovacionados pelas multidões, nos rostros públicos.

É que todos sentimos que eles nos dão o que mais nos falta, mais que o pão e o pano, que podemos ter pelo trabalho e esforço das nossas próprias mãos: dão-nos as emoções, que no seu conjunto e jogo, constituem a própria chama da vida. Daqui, o porquê nos aproximamos deles, com santo orgulho e santa humildade: orgulho, por sentirmos que possuímos também as mesmas emoções; humildade, por sentirmos a nossa inferioridade em não sabermos exprimí-las.

Daqui também a nossa gratidão, paga, porém, em espécie diferente da que damos aos fabricantes de pão e pano: a popularidade e a glória, tidas, por inveja, em desdém, pelos bafejados de transitórios bens de fortuna.

Ora, se gratidão, em forma de popularidade, honra e glória, é devida aos que nos fabricam o mel do Himeto, e nos comovem com os écos demostênicos, qual a nossa

dívida para com as individualidades representativas, que em si conglobam nos aspectos de poeta e orador, a figura do sacerdote? A respeito de tais individualidades, é que, com justeza, se pode dizer, que todas as homenagens que se lhes prestem, ficam muito aquém do mérito de quem as recebe. Tal é a vossa individualidade, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Aquino, a quem os poetas com assento nesta confraria e os simples homens de letras como nós, destituídos do dom das Musas, porém, sempre voltados para o Ideal, agora aplaudimos, pela vossa missão sempre consagrada ao Ideal da Beleza e do Bem, da Arte e da Moral, em que se alicerça a obra da Paz, de que tanto necessita a humanidade, nos conturbados e amargurados dias atuais.

E para essa obra de Paz, se queremos de fato, ve-la firmada em fundamentos estáveis, os artistas e homens de letras devem cercar de prestígio, amor e carinho, o sacerdócio militante nos mesmos rumos idealísticos, o sacerdócio da Igreja, que, ao tempo em que o astrolábio português traçava nos mapas do globo, as rotas marítimas, distribuiu pelos novos quadrantes da terra, os missionários da civilização moderna, toda baseada nos eternos princípios de amor e unidade humana, pregados e exemplificados por Aquele, de quem o grande Carlyle, considerando-o o *supra-sumo* do heroísmo, dizia não ousar pronunciar-lhe o nome, em assembléia profana, onde só lhe cabia a homenagem de solene e majestoso silêncio.

Nele, pelo bem da vossa palavra e pelo bem das vossas mãos, bendito sejais, Sr. D. Aquino !

Cadeira n. 5

Sessão solene de posse

- DO -

Acadêmico Francisco Ayres



Palavras de abertura

pele Presidente Mesquita

A sessão solêne que, neste momento, tenho a honra de declarar aberta, possui uma triplice finalidade: com ela, homenageamos a Pátria, no seu dia máximo, que é o da Independência; festejamos o 30.º aniversário desta Academia e, ao mesmo tempo, a posse do novel confrade, Dr. Francisco Ayres, fundador da Cadeira n. 5, que tem como Patrono António Pires da Silva Pontes. Já se constitui, por sem dúvida, uma tradição cuiabana, esta festa com que, anualmente, com o concurso de outras sociedades culturais, exaltamos a Pátria, no seu Dia, que, por feliz coincidência, é também o Dia da nossa Academia. Dia glorioso em que o Brasil—nasceu, pois as Nações, como os indivíduos, devem contar a sua vida pelos anos de independência—ao grito desse arrebatado Cavaleiro andante da liberdade, herói de duas Pátrias irmãs, que foi Pedro I, nas ribas históricas do Ipiranga. Nesta data sentimos, a Pátria viva e palpitante, quasi na sua presença real e objetiva,

qual no-la descreve, no seu éstro magnífico, Batista Cepe-
los, ao encarna-la como a

«Terra moça e louçan, morena dos palmares,
emalada ao languor de uma rêde macia,
ostentando à cabeça um tope de cocares».

Não é, porem apenas, a visão dionisíaca da belez aque a imaginamos, Afrodite tropical ostentando os seus amavios irresistiveis, mas tambem como a Juno procreadora e forte, mãe dos nossos soldados e a Minerva que inspira os nos-
sos sábios e os nossos poetas, divindades em que a mítica helênica distribuia os atributos olímpicos, que vemos enfeixados conjuntamente na figura incomparavel da Pátria. Assim evocamos a nossa grande Pátria brasileira, neste dia em que se aiam as mais nobres emoções, e a cultuamos, no mais alto dos devotamentos, na grandeza épica do seu Passado de glórias, na arrancada maravilhosa do seu progresso de hoje e nas arraiadas luminosas do seu deslumbrante Porvir.

E como bem se casam estes ideais que aqui nos associam, neste formoso sarau de arte e pensamento, a Pátria e a Academia, o mesmo é dizer a Pátria e a Cultura, eis que é na Cultura que reside a verdadeira grandeza das Nações. Não basta cuitar do seu progresso material, incentivar os seus incomensuraveis potenciais economicos, assegurar a sua posição politica e militar no continente. Fazer-se faz, sobretudo, manter essa mística sublime da Liberdade e o fogo sagrado da Cultura, que fez grandes a Grécia de Pericles e a Roma de Augusto, e sem as quais toda a prosperidade material descamba na barbarie e na anarquia. Suibamos amar o Brasil, honrando o seu Passado e preparando a seu Porvir, alicerçado na Justiça e no Bem, na Paz e no Direito, de que nascem, como fiôres esplêndidas, a sã Cultura e a verdadeira Democracia. Atinge a nossa Academia aos 30 anos, à plena maturidade duma fecunda existência, consagrada à Cultura intelectual de nos-
sa terra e nossa gente, posta de manifesto, em esplêndidas

Discurso de posse

pelo Acadêmico Francisco Ayres

Devo à generosidade dos amigos, que prestigiaram o meu nome, o prazer de poder compartilhar do vosso honroso convívio, como primeiro ocupante da cadeira número cinco, a qual concorri.

Aqui estou para vos agradecer a magnanimidade do julgamento, chamando-me para ser um dos vossos, distinção que me toca a sensibilidade e o espírito, dada a natureza peregrina dos valores da cultura matogrossense, que de há muito me habitue a admirar, e que compõem este augusto sodalício

Cuiabá, a cidade bi-secular, da qual sou enamorado e que, pela sua cultura, bem merece o título de Atenas Matogrossense; tem, para mim, atrativos que vão, desde o que resta da sua grandeza colonial à cidade moderna dos nossos dias, ligada por boas rodovias e pelo ar ao resto do Brasil, sem esquecer a gloriosa via fluvial por onde chegaram os primeiros bandeirantes. Insulada no centro geométrico da América do Sul, a cidade do ouro, de Pascoal Moreira Cabral, afirmou-se e floresceu como princesa da selva verde, cercada de fatores adversos, piores do que a própria distância. Mais de dois séculos de história correm nas veias dos cuiabanos de hoje e eu admiro, comovido, a sua fibra, erguendo no sertão bravo a invicta Capital do Estado, a *Cidade Verde*, cidade da realidade e da esperança.

Hoje, como outrora, novos bandeirantes, vindos de Piratininga, do Paraná, de todo o Brasil gigante, estão *semeando cidades*

nas terras fertilíssimas do Sul, do Norte, do Leste e Oeste do Estado.

Cuiabá, surgindo em pleno sertão, a quinhentas léguas do Atlântico, trás à minha lembrança a idéa daquelas Cidades-Estados, que floresceram no período da civilização mediterrânea e cujos centros de ação foram Cartago, Roma e Atenas. A civilização do Egito só entrou na Península Ibérica indiretamente, através dos fenícios e cartaginêses e a civilização helênica através da dominação romana. Estes, conquistando o norte da África, dominando a Grécia, e ocupando, sucessivamente, as Gálias e a Espanha aí depositaram a civilização greco-romana que os descobrimentos marítimos iriam espalhar por todo globo. A civilização mediterrânea deslocou-se para o atlântico.

Um povo, ao qual pertencemos em larga proporção pelo espirito e pelo sangue, debruçado sobre a orla lusitana do Atlântico, estava fadado geograficamente, depois de constituída a nacionalidade dentro dos seus limites atuais, a se atirar mar em fora, semeando na África, na India, na Oceania, no Brasil aquela civilização greco-romana, melhorada pela contribuição de todos os povos, e que, a disciplina militar dos romanos, deixára, na península, apesar do ciclo ininterrupto das derrotas sofridas nos encontros com os guerrilheiros viriatinos.

Na Grécia, o ramo jônico, fizera também uma alta civilização, graças à sua situação na orla marítima e ao seu cosmopolitismo étnico, enquanto os dórios aferrados à tradição interiorana deram à posteridade apenas os nomes memoráveis dos bravos das Termópilas de Leônidas.

Os homens de Plutarco não excederam em valor os navegadores e os guerreiros lusitanos, nem os seus gloriosos descendentes — os bandeirantes — que alargaram o território e com as suas incursões semearam cidades, e Cidades-Estados como Cuiabá, de onde irradiou, durante o século da mineração, o ouro inesgotável, arrancado apenas da superfície da terra e a bravura indispensável ao esforço epepeico da colonização.

Cuiabá, foi, a seu modo, uma Cidade-Estado como centro irradiador de civilização. O ciclo do ouro iria trazer o povoamento, a agricultura e a pecuária, resumindo-se tudo a Cuiabá, cujo ritmo de vida — na expressão exata de Virgílio Corrêa Filho — *compassou o desenvolvimento das localidades distantes.*

Hoje, passados mais de dois séculos, eu recordo com emoção aquelas palavras de Saint Hilaire ao dizer, referindo-se, aos bandeirantes: — *depois de se conhecerem os pormenores das jernadas intermináveis fica-se estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes.*

Foram eles que alargaram os limites territoriais, transportando a fronteira Oeste do Paraná para o Paraguai com a tomada de Guaíra, e com a destruição da povoação de Santiago de Xerez sobre o rio Miranda. E as sentinelas ficaram vigilantes no Paraguai e no Guaporé, no Apa e por toda a parte onde se escreveram as páginas epopeicas immortalizadas por Taunay, não esquecendo de Ricardo Franco aquela resposta à insolência do invasor na defesa do inexpugnável Forte de Coimbra.

Mas que raça é essa de gigantes, no dizer de Augusto Saint Hilaire? Permita-se-me recordar que o tronco racial luso-brasileiro formou-se com os esposais de Bartira, Paraguaçu e Maria do Espírito Santo, filhas de morubixabas valentes com portugueses radicados no Sul, no Meio Dia e no Norte do Brasil. No recesso da mata frondosa surgiram os primeiros tálamos nupciais sob os ósculos quentes dos lusos João Ramalho, Diogo Alvares (o Caramuru) e Jerônimo de Albuquerque.

E sem preconceitos étnicos foi surgindo nas veias dos bandeirantes de Piratininga, de Itú, Porto Feliz e Sorocaba, aquele mesmo sentido expansionista e audaz dos lusos da navegação e da conquista, alargando a pátria muito além do que preceituava o meridiano de Tordesilhas, sendo Mato Grosso o baluarte da defesa das fronteiras, e Cuiabá o berço da civilização que iria mais tarde irradiar por toda a capitania. Diga-se, de passagem, que o sentido expansionista dos novos brasileiros não lhes embaraçou o sentimento artístico e especulativo, reproduzindo-se aqui o se dára na metrópole, que, em pleno período da conquista e da navegação, em que Lisboa se tornou o maior centro comercial do mundo, os portugueses Humanistas lecionavam nas famosas Universidades de Paris, Bolonha, Salamanca e Louvain.

Sempre reputarei a civilização selvagem enquanto as guerras não forem consideradas como crimes hediondos de lesa-Humanidade. Sempre reputarei o arco e a flecha envenenada dos primitivos donos da nossa Pátria como menos perigosos do que a agressividade brutal do homem do nosso século. E para provar que o cruzamento das raças é benéfico e não degrada vou declinar o nome de um cuiabano, descendente de borôros valentes. Ele aí está mostrando à nossa falsa civilização, pela dignidade do seu exemplo, que, na pacificação dos povos, é a paz a arma que vence e não a guerra o meio de solução.

Rondon, nome do nosso general, que declino com respeito e enlevo, foi o herói das selvas matogrossenses, e seu exemplo devia frutificar no mundo inteiro, entre as modernas clans de guerreiros, que conturbam o nosso tempo. Foi seu glorioso lema — *Morrer se preciso for, matar nunca!* E os índios vieram para a comunhão dos civilizados. Rondon é a expressão nacional do crâ-

zamento do branco com o indígena. Rondon é a expressão de uma civilização ainda distante, onde deve predominar a razão, o sentimento de humanidade, e não e nunca a força bruta do mais forte.

Glória à terra bendita que nos deu um construtor da nacionalidade como Rondon, cujo exemplo deve ser apontado, pois ele prova que a fraternidade das nações pôde ser obtida pela força do espírito e nunca pela força das armas! Glória ao genio da pacificação!

Nas selvas matogrossenses um descendente de índios boróros provou que é possível obter a paz entre brancos e selvícolas sem ser preciso passar sôbre o cadaver dos nossos irmãos.

Construamos um mundo só, um mundo onde todas as raças se sintam irmãs, um mundo espiritualizado e são, onde os seus habitantes sejam realmente verdadeiros cidadãos do mundo libertos dos errôneos preconceitos da superioridade racial e redemidos também daquele nacionalismo doentio que visa sobrepor um povo a outro povo e por isso torna os seus limites geográficos em trincheiras abertas, quando o mundo a construir deve abolir todas os modos de separação a não ser que queiramos de modo próprio cavar eternamente a destruição das gerações moças nas grandes batalhas campais que assolam o planeta, acirrando ódios, complicando problemas, quando todos nós, queiram ou não, somos realmente iguais.

Agindo dessa forma estaremos unindo raças e povos, serviremos à Humanidade e, acima de tudo, honraremos o meigo Nazareno, aquele que na sua mensagem divina recomendou aos povos amarem-se uns aos outros e, por isso, não foi ainda ouvido, e em vez de ser na terra coroado de glória, foi, pelos homens, coroado de espinhos!

* *

O estudo das populações do mundo demonstra não haver raças puras e, no Brasil, o cruzamento das raças, foi o fator predominante que contribuiu para a absorção da população indígena e da raça negra, trazida dos domínios africanos para o trabalho escravo. E foi com esse material humano que os colonizadores e os seus descendentes construíram a nacionalidade, sempre acrescida da contribuição européia e depois asiática, que, no, Brasil, vem encontrando um mundo para muitos desconhecido, dada a sua liberalidade, e, sobre tudo, o respeito por todas as raças, não havendo aqui preconceitos pejorativos como ainda hoje pesam em países adiantados.

A legislação Pombalina, pelo alvará de 14 de Abril de 1755 e a lei de Junho de mesmo ano, decreta a liberdade absoluta do

indio alem de fomentar os sentimentos rancios, equiparando os indios aos demais colonos, proibindo-se sejam tratados pejorativamente.

Têm muitos, ao fazerem o paralelo das colonizações, inglesa, espanhola e portuguesa, no Continente Americano, esquecido que os portugueses ao chegarem ao Brasil encontraram um clima adverso e uma população servícola com uma civilização primária, ainda na idade da pedra, o que não ocorreu aos espanhóis, que puderam beneficiar-se de uma civilização azteca e incaica adiantada e primorosa.

O caso norte-americano há-de dividir-se na apreciação do aspecto colonizador em duas partes: o norte sempre mais democrata e o sul sempre feudal e escravizador. Contudo na sua formação colonial temos que apreciar a situação política da Europa e por isso ondas humanas se transplantaram para o clima temperado do norte, aproximado da pátria de origem, onde ergueram seu novo lar, contando obter um abrigo seguro, pacífico e cheio de liberdade, sem a intranquilidade que agitava o cenário europeu. Deve ser assinalado que o êxodo das populações do interior da Inglaterra, transformado em pastarias para carneiros, cuja lã alimentaria aos teares da nascente indústria inglesa, tinha que transbordar para fóra da pátria e o fez caminhando para o norte do continente americano. Tratava-se, pois, de *Puritanos, Quakers, Huguenotes, Morávios, Schwenk-felders e Mercenários* que vinham com suas famílias da Inglaterra, da França, da Alemanha Meridional e da Suíça, fugindo ao desequilíbrio econômico europeu, pelo início da era industrial, e também devido às lutas político-religiosas. Seu objetivo foi construir na América uma sociedade livre e nova que ofereça segurança e garantia, coisas que o continente europeu, pelas constantes agitações, ameaçara. Fundaram uma sociedade que em muitos aspectos, nada mais é que o prolongamento daquela que abandonaram. Por isso seu afastamento dos aborígenes foi absoluto e quando importaram o negro, como escravo, não o absorveram, mantendo-o à distância, coisa que até hoje se observa. No norte surgiu um tipo característico de pioneiro — o *Yankee* — dotado de maior capacidade e que marchou à frente das levas humanas que afluiram da Europa. E assim se criaram na América três modos diversos de colonização, sendo justo assinalar que a nossa foi a mais penosa, mais dura, e dolorosa, porque enquanto o norte se colonizava com os excessos demográficos que transbordavam da Europa transplantando-se uma sociedade já formada para um clima temperado, na zona tropical e subtropical vai formar-se uma sociedade realmente nova, onde o colonizador se funde com as raças indígena e africana. Saiu, pois, das florestas brasileiras, tão vastas e frondosas, que amesquinham o homem, uma sociedade como es-

... e a unidade nacional territorial, defendida, apesar das contínuas invasões pelos Governadores e nativos e seus descendentes, de modo a oferecerem, à posteridade, uma pátria unida e grande e maior do que todas pela aspécto original e próprio de não ter em sua civilização característica o preconceito de cor tão incompatível, embora ainda existente, com a espiritualidade humana.

Ligando pois, todos os obreiros da nacionalidade aí está a *Lingua Portuguesa* — na feliz expressão de Gustavo Barroso — a *grande pátria espiritual que reúne os homens que o mar separa*. Lingua admirável que falou Camões, João de Deus, Herculano, Garrett, Junqueiro, Bilac, Machado de Assis, Castro Alves, Eça de Queiroz, Santos Dumont e Osvaldo Cruz! Lingua falada hoje por mais de sessenta milhões em todos os continentes onde andaram os homens que apressaram a Renascença e fizeram do Brasil gigante o mais belo capítulo dos Lusíadas. Os três continentes do globo ouvem as carícias da nossa língua, falada na Europa, na América, na África e na Oceania!

Língua portugueza que Martins Foneses, em versos imortais, comparou à exuberância da floresta tropical:

“A que hei-de exatamente igualar-te, ó floresta?
Só posso comparar-te à língua portugueza:
porque ela é que possui os tesouros da tua
basta, e brava, e brugal, e bárbara beleza,
que a língua mãe, na terra virgem, perpetua!

Consagrando a beleza, eternizando a graça,
ela refflorirá como um verde renôvo!
— E os poetas cantarão, para glória da raça,
na língua de ouro velho, a terra de ouro novo!”

Primeiro occupante da cadeira número cinco, cabe-me, como preceitúa o regulamento acadêmico, o estudo da vida e obra de Antonio Pires da Silva Pontes, que destaco da galeria illustre dos patronos.

Nascido na Freguesia de N. S. do Rosário, na Comarca de Mariana (Minas Gerais), doutorou-se na Universidade de Coimbra,

em Dezembro de 1777, sendo um dos componentes da Comissão de Limites, nomeada em virtude do Tratado de Sto. Ildefonso.

Partindo de Lisboa em Janeiro de 1780 chegou a Vila Bela a 22 de Fevereiro de 1782, tendo prestado a Mato Grosso e ao Brasil valiosos serviços, regressando a Lisboa em 1790, sendo em 13 de Abril de 1791 nomeado lente da Academia de Marinha, com o posto de Capitão de Fragata, cargo que exerceu até 1793.

Foi Governador da Capitania do Espírito Santo, tendo, durante a sua administração, melhorando a situação dos índios do Rio Doce. Sua vida, como veremos, foi uma perene dedicação à terra brasileira, que serviu com denodo, vindo a falecer em 21 de Abril de 1805 na cidade do Rio de Janeiro.

Assinado o Tratado de St. Ildefonso em 1º de Outubro 1777, demarcando os limites coloniais de Portugal e Espanha, ambos os países organizaram comissões mixtas, com técnicos de ambos, os lados, para fazerem, no terreno, a demarcação da fronteira, segmentada em quatro setores e a cada um dos quais correspondia a respectiva Divisão. Integram a 3ª Divisão, Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, capitães do real corpo de engenheiros; drs. Francisco José de Lacerda e Antonio Pires da Silva Pontes, astrónomos, e como capelão o padre Alvaro da Fonseca Zuzarte. Além destes vinham dois desenhistas e três oficiais inferiores. Partindo de Lisboa em Janeiro de 1780 chegaram ao Pará a 26 de Fevereiro, em cuja capitania do Grão Pará se detiveram em explorações até 1º de Setembro do ano seguinte, daí prosseguindo viagem para Vila Bela, ficando, para trás Lacerda, que só alcançou o ponto de destino a 28 de Fevereiro de 1782.

Os expedicionários de 1780 iriam primeiro explorar o Amazonas, Grã Pará e Barcelos, em conjunto, separando-se em duas turmas em Janeiro de 1781, cabendo a Silva Pontes e Ricardo Franco o levantamento do Rio Branco. Novamente se reúnem a 1º de Setembro 1781 ao empreenderem a viagem para Vila Bela, entrando pelo Guaporé a dentro a 3 de Janeiro de 1782, sofrendo além da maleita que contrairam, a falta de víveres e os males decorrentes do naufrágio, peripécias que não impediram que seus nomes entrassem na galeria dos grandes servidores que a História de Mato Grosso registra pelo valor dos seus trabalhos.

Silva Pontes mais forte e rijo que seu colega Lacerda e Almeida, que a maleita derreára, manteve-se mais firme na terra matogrossense, fazendo levantamentos durante quasi dez anos "em um sertão cheio de matas altíssimas e de algum campo pela maior parte inundado e pestífero", como narra Lacerda e Almeida, contando-nos que com Silva Pontes e Ricardo Franco, passaram uma vez *"sete dias com uma pouca de farinha de milho e mandioca já moida na travessia do Lago Xavaés ao S. e O. da*

Novo Coimbra por não haver terra aonde se fizesse comida, até que ao fim de seis dias acharam lugar seco que pareceu a terra da promessa."

Silva Pontes, conquanto seja Mineiro, tem a fibra do-bandeirante e a súpula dos seus trabalhos bem revela a sua resistência física e dedicação, até que, ao raiar o ano de 1790, é dissolvida a sua Comissão, porém tal medida chega ao seu conhecimento muitos dias depois, porquanto nesse tempo se achava palmilhando os sertões dos Parecis e no dia cinco de Janeiro êle escreve:

"Chego muito molhado a êste Quartel General de Vila Bela onde achei a novidade de ter partido no dia quatro a Monção e se ter cassado toda a despesa que se fazia com a Demarcação e por conseguinte aqui está o meu individuo largado neste fim de mandado em que S. M. me fez vir para seu serviço e nomeado pela Universidade, de cuja sombra fui tirado, para passar dez anos pelos sertões do Pará e Brasil."

De volta a Portugal seu amigo e colega Lacerda e Almeida é designado para varar o continente Africano de Angola a Moçambique, não chegando a ultimar a façanha, pois sucumbe a 18 de Outubro de 1793 em Caazembe sobre o Lago Moero. Silva Pontes deixa de ser lente da Academia de Marinha para vir governar o Espírito Santo desde 29 de Março de 1800 até pouco antes de falecer.

Sua dedicação à ciência e à missão que trazia êle a revela enfrentando todos os obstáculos com a sua resistência física privilegiada e mais tarde como Governador mostrou-se compassivo e humano como o zelo com que se dedicou à civilização dos indígenas do Rio Doce.

Vejamos os seus trabalhos.

— Mapa ilustrado com várias notas, descobrimentos de rios não conhecidos e outros nunca sulcados que apresenta às vespersas de deixar Vila Bela ao Capitão General.

Carta geográfica do Brasil — feita em Lisboa, conforme da conta Varnhagem.

— Diário das explorações que fez desde o rio Branco e suas cabeceiras, na capitania do Pará, até às cabeceiras do Saraé, Juruena, Guaporé, e Jaurú.

Diário da diligência e reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajoz e Jaurú

— Memória físico-geográfica, acompanhada de um plano das lagoas Gaíva, Uberava e Mandioré

— Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados

— Diário da diligência e reconhecimento do rio Paraguai e rio Verde por ordem do Il. e Exmo Sr. Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres

— Relatório de uma parte do rio Paraguai e das lagoas de Uberava e Gaíva

— Notícias do lago Xaraés

Silva Pontes, foi, como bem diz Virgilio Corrêa Filho, um predecesor de Rondon, inscrevendo o seu nome na galeria dos grandes homens que em Mato Grosso se dedicaram à tarefa de demarcar as fronteiras, aqui ficando, a despeito de D. Rozendo Negron, 1.º Comissário da 3.ª Divisão, que devia chefiar os técnicos espanhóis, haver desaparecido na selva, sem dele haver vestígios. Mato Grosso deve a Silva Pontes quasi uma década de trabalhos no sertão, e, por isso, a Academia Matogrossense de Letras o escolheu para figurar na galeria ilustre dos seus patronos

Discurso de Recepção

pelo acadêmico Rosário Congro

As galas desta noite são para vós, snr. dr. Francisco Ayres. São para vos receber, as flores e as harmonias da messe espiritual destes momentos amáveis.

São para vós, não obstante os dois outros motivos igualmente festivos desta reunião.

Dia da Pátria!

Dia da nacionalidade, em que o Brasil, sob a bençã estelar que Deus gravou no firmamento, tomou seu grande destino no concêrto universal dos povos.

Brasil! És uma creança ainda. Que são 129 anos na vida de uma nação!

Mas qua to progrediste nessa curta caminhada, prelúdio apenas dos séculos que hão de vir, numa esplendida precocidade de civilização e humanismo!

Brasil! Terra que Moisés indicaria hoje, não só aos hedreus mas ás gentes todas do orbe!

Terra portentosa onde o estrangeiro se radica e se revê na descendência, no caldeamento forte da raça nova!

Brasil, Gigante Desperto, não deterás tua marcha!

— o —

Dia da Academia !

Está em festa, ainda; o augusto sodálicio.

Trinta anos se passaram daquele momentos históricos do

Palácio da Instrução, em que o nosso Eminentíssimo Arcebispo nos embevecia com seu clássico vernáculo, no grande Discurso inaugural do Centro de Letras.

Deu-nos então, o novo Academo, a heráldica legenda que tem sido o nosso norte: — *Pulchritudinis Studium Habentes*.

Diz-nos a consciência que nas três décadas decorridas, as coisas belas da inteligência tiveram todo o nosso esforço para que a cultura de nossa terra se elevasse aos apreciáveis níveis em que é tida.

Não é a nossa Academia como a Arcádia de Lisboa, que Pombal conceituava pejorativamente e acabou por extinguir-se após haver consumido 17 anos, estudando se os neologismos deviam ou não ser admitidos na linguagem. . .

Praticamos o bem e ouvimos o mal que dizem de nós mesmos, o que, na sabedoria de Marco Aurelio, é altamente meritório.

Aqui, como os pastores gregos, encontramos a felicidade na pureza dos costumes. E somos fieis no amor.

Aqui, na perpetuação histórica do cenáculo, transmitimos aos novos as láureas que hão de reflorir na expressão moderna do pensamento.

—o—

Senhor Acadêmico:

Designado para receber-vos neste pórtico da "imortalidade", é cheio de contentamento que vos digo: -- Entrai, sentai-vos à nossa mesa, tomai a ânfora e bebei do nosso vinho.

Delicioso falerno, ele nos transporta, em seus eflúvios, a países de supremo encantamento, como a maravilhosa Hélade, onde, dos cimos do Pindo, avistamos a doce paisagem das ilhas jônicas, rendilhadas de nitente espuma, o Peloponeso e mais longe, o Helesponto, de cujas águas sobem cintilações solares.

Ali nasceram filósofos e poetas, plenos de saber e de glória, e viveram, antes, os deuses.

Jupiter, destronado, sem mais o poder de seus raios, talvez ande ainda, errante, pelas verdes encostas da Tessália.

Galgamos a colina de Atenas e no Areópago, ouvimos a teoria das idéias. Os sábios se chocam, desde Demócrito, a emaranhar-se no movimento eterno dos átomos.

Sócrates, porém, se preocupa com a consciência humana. Conhece-te a ti mesmo, é a sua divisa.

E conclui que o mundo sai de Deus e para ele torna.

Nesse regresso voluntário e consciente está a virtude, ou seja, a ciência da moral.

Fabio, seu discípulo amado, confirma-o na sua profunda metafísica: — A verdade é o objeto da ciência.

— 0 —

A nossa imortalidade é a desses quadros de mortos que falam. Que falam pelas suas obras.

Um dia, seremos também dependurados às paredes deste Silegio, e o Guia, a percorrer suas galerias, informará: — este, foi um sexagenário pretencioso. Nem sei o que fez para estar aqui.

Este outro, sim, moço ainda, trazia já o espirito chamejante de cultura. Escreveu belos livros, e cientista, curava os olhos enfermos, tornando-os mais abertos e mais inteligentes.

Do vosso convívio muito nos orgulharemos.

Novo paladino, de nobilíssimas brações, Mato Grosso terá nos vossos talentos, na cruzada das letras, um dos mais eficientes propugnadores do seu progresso cultural.

No meu Discurso de Posse, entendi oportuno transcrever palavras de Fabio Luz, rematando seu Parecer sobre a tese de José de Mesquita no Congresso das Academias de Letras do Brasil: — “Do exposto, fica bem clara a utilidade de centros de cultura, não só nas capitais como nas cidades principais do Estado, ligadas solidariamente, sem atender-se a orientação de escolas ou seitas literárias, mas tendo-se em vista a intensificação da cultura, como educação estética, mais do que como erudição.”

É lamentável que até o presente, não tenha chegado às mais ricas e importantes cidades do nosso interior, Campo Grande e Corumbá, a influência literária desta Meca sem peregrinos, desta admirável Cuiabá, cérebro e coração do Estado

Aqui estão as instituições culturais, e são várias, que bem alto erguem o nome de nossa terra na tradicional inteligência de seus filhos.

Vexilários da idéia, cabe-vos e a Jaime de Vasconcelos, também domiciliado em Campo Grande, a fundação do núcleo de cultura de cuja falta se ressentia a metrópole serrana do sul.

Esta é, sem dúvida, uma das finalidades da Academia Mato-grossense de Letras.

Doirada como um trigal maduro, se estende a vossa seara, a prometer-nos, farto e puro, o pão da vossa espiritualidade.

Alem da vossa tese de doutoramento, mais quinze trabalhos científicos vos são devidos, entre eles, *Reumatismo cerebral*, *So-*

bre a percepção das cores, Histórico da transplantação total do globo ocular, Psiquino e Glaucoma primitivo, Demos olhos sadios ao Brasil, Prevenção da cegueira.

Em todos eles, como que a minorar a dor, o sofrimento físico, o estílo, no seu aprimoramento, se eleva ao belo, que só os idealistas compreendem.

Em *Psiquismo*, encontramos interessantes referências a acessos de cólera, que matam, como a certas emoções que fulminam, como aconteceu à sobrinha de Leibnitz.

E ainda quanto ao encanecimento dos cabelos numa só noite, caso constatado com uma enfermeira belga condenada pelos alemães, na horrível vigília que precedeu a execução.

Carrel afirma que o pensamento, somente ele, pode produzir lesões, cabendo ao médico não só o conhecimento do corpo, como o da alma.

Sei que na minha idade a higiene mental é uma necessidade.

Pensamentos há que, por si sós, produzem certos desgastes no organismo. É muito delicado o motor humano...

"Pior do que Saturno devorando os próprios filhos, declarais com louvável franqueza, a civilização, a despeito de seu progresso científico, tem um notório desprezo pelo individuo e por isso ela o devora ou o enlouquece para sustentar os seus artificios."

E passais a mencionar a instabilidade da vida, a insegurança econômica, a agitação incessante, que todas provocam estados mentais que se traduzem por perturbações nervosas e de estrutura.

Nos manicômios e sanatórios do mundo ocidental uma humanidade desequilibrada se vê, dia a dia crescente, porque não pôde acompanhar o ritmo artificial da vida moderna.

São palavras vossas, como estas outras de que na China, segundo Liu Yutang, os loucos são tão raros, que são adorados.

É melhor evitar a doença a curá-la, aconselhais.

E transcrevendo Alberto Seabra, meu amigo e vosso mestre, vos escudais na sua filosofia de que a alegria é um tônico sem igual, não havendo preparado farmacêutico que o valha.

Porque sofro desta molestia que entendo chamar o doloroso prestígio dos anos, procuro a alegria da alma, que não é mais a de viver, segundo a doutrina hedonista.

Em assim não fazendo, mais depressa caminhará para o meu engavetamento no granito róseo em que me aguarda a doce companhia que tive na vida.

Não vejo razões para apressar-me, pois só a senilidade me adiantaria os passos.

O dia há de vir, natural e certo, em que eu, batendo á porta do seu túmulo, direi: — Venho em busca do teu leite, para que, de novo, juntos como na vida, possamos dormir a noite eterna.

Afugentemos, pois, com a alegria do espirito, a doença, que nem sempre os esculápios domam.

Na literatura é também notavel a vossa obra.

Portugal das Descobertas é uma conferencia monumental, que Herculano ou Latino subcreveriam.

Bases para a construção de um mundo novo, são 235 paginas nas quais se revela o vosso idealismo, que não desesperou ainda de assistir a conversão da humanidade áqueles velhos principios que orientaram os filósofos.

Assim se externou um dos vossos maiores criticos.

O catolicismo perante a Ciencia e a Razão, é uma obra de mais de 600 páginas onde se póde apreciar a sólida cultura do autor e o aprimorado estilo em que vasou suas ideias, disse Afonso Schmitt.

Em *Krishnamurti*, desenrolais a vida e a obra do filósofo indú, que somente agora atinge á maturidade e é considerado um dos luminares do pensamento contemporaneo.

Concordo plenamente quando afirmais que o ensino de Krishnamurti não pode ser entendido por mentes estáticas, incapazes de uma critica profunda aos sistemas em que vivem, óizeis.

A libertação individual não é a negação da ordem, asseverais, porque ele mesmo, o incompreendido teósofo, é o exemplo vivo da harmonia e o emancipado espirital de todas as tutelas!

Dando-nos a frase de Goeth, "devemos temer tudo que liberta o espirito, sem nos tornar senhores de nós próprios", mostrais-nos a incompreensão, o conflito que se creou entre os prosélitos de Krishnamurti, pois para uns era Buda e para outros, o incomparavel Cristo.

Acabou o filósofo se rebelando contra todas as manifestações, mesmo contra aqueles que o tomavam para Mestre, afirmando que a verdade é um país sem caminhos.

Tudo tão fóra da nossa época, pondo o mundo já tão conturbado, num confusionismo ainda maior, que o visionário de Madras, não passa de uma grande voz que fala no deserto, como reconheceis!

Os franciscanos, não mais são os de Gregorio IX quando dizia que não eram donos dos próprios breviários, que só em usufruto os possuíam.

Mas é inquestionavel que o vosso livro é transcendente, delecta, e desperta a controvérsia.

Lamento não conhecer ainda *Cerâmica Marajoara* e a momentosa *Socialização da Medicina*, dois trabalhos que imagino importantes como os demais que vos saíram da pena adamantina.

Estou lendo *Vida de Jesus*, de Plinio Salgado.

Grande livro! Imerso o coração na luminosa suavidade de suas páginas, aguardo também o vosso *Cristo, o sublime revoltado*, que tendes em preparo.

Chego finalmente ao vosso belo romance de sentido social, *Terra Vermelha*.

A paisagem, recamada de cafésais, em que viveram os vossos personagens, me é familiar e isto me prendeu desde o início.

Acompanhei no vosso livro o evoluir estupendo da própria região.

A começar do introito, tive os olhos em Luiz Fernando, pensativo, isolado e triste, na plataforma da estação de Baurú, que áquele tempo não era o monumento arquitetônico atual.

Médico, recentemente formado, deixara o Rio de Janeiro para além das serras, e os açoites da ventania e da chuva que caía, davam-lhe a impressão, textual, de uma consciência em revolta.

Entende-se que não irei prender-vos á narrativa de 319 páginas. Adianto-vos no entanto, que o dr. Ayres, ou por outra, o dr. Luiz Fernando, partindo de Campo Grande, regressou ao Rio num dos aviões da Condor e, com seu poder descritivo, nos dá conta da viagem.

Tres Lagoas, pequena mas movimentada; logo o rio Paraná com sua ponte metálica de 1250 metros, ligando, como um hemisfério, Mato Grosso a S. Paulo...

As cidades pequenas e grandes se sucedem, mas o seu pensamento se povoa de Katucha. Na metrópole maravilhosa, ao descer, só vê Katucha entre a multidão.

"E ela aparece tal como a sonhara sempre, muito meiga, muito clara, tendo um riso amavel e lindo como as espumas das ondas e uns cabelos louros como o ouro quente do nosso sol."

Luiz Fernando vencera.

Mas devo contar aos que me ouvem, como a crítica recebeu o vosso belo romance.

Monteiro Lobato assim se expressou: "Recebi *Terra Vermelha*. Estou a lê-lo com grande interesse e maior agrado. É a confissão sincera de um médico filósofo e também sociólogo e escrita de modo tão atraente que pegar no livro e começar a lê-lo é ir até o fim. Meus votos para que seja feliz, para que veja realizada a alta socialização da medicina e nos dê ainda muitos romances sociais como esse. O campo é vastissimo e está virgem. Com o seu talento e a sua bela e rara honestidade mental, muito há a extrair dele."

José Geraldo Vieira, outro nome de alta projeção literaria: "Este romance, *Terra Vermelha*, podia incorrer na pauta e na clave de mera seqüência melódica dos queixumes proféticos da turba e com isso passaria de epifenómeno da novelística libelo.

Como, porém, o autor soube se livrar da gama naturalista, obteve com este romance não um epifenômeno literário mas sim romance alotrópico; criou, pois, algo de novo.

Soube fixar ambiente, costumes, indivíduos, ideias e está colaborando com Traven e Flink para a valência do romance libelo. Dou-lhe aqui meus parabens por sua atitude social-política e por seu valor de romancista a serviço do povo e da terra."

Da revista Leitura: "Um sólido romance, no qual o autor estuda com acuidade e veemência a vida dos imigrantes no interior de S. Paulo. Construído através das impressões de um jovem médico, dá ao leitor a colorida impressão de múltiplos problemas que asoberbam as sacrificadas populações agrícolas do país."

..

Não podia ter a cadeira n. 5, como fundador, mais digno ocupante; nem Silva Pontes, que perlustrou o caminho dos astros e florestas de nossa terra, mais brilhante patrocinado.

REVENDO CUIABÁ

Virgílio Corrêa Filho

I

Entre as apreciáveis transformações experimentadas pela Capital de Mato-Grosso, no decurso do segundo quartel do século corrente, releva a que apresenta o seu sistema de transportes.

Até ao findar o primeiro, os viajantes alcançavam-na por via fluvial, apesar da precariedade penosa da navegação, quando empreendida na estiagem.

Depois, vieram os hidros, em vitoriosa experiência e os aviões, que os substituíram vantajosamente.

Na atualidade, raro será o passageiro, que se submeta a sulcar morosamente o rio, por tres a quatro dias, nas quadras propícias, de enchente, águas abaixo, de Cuiabá e Corumbá, quando pode em hora e meia de vôo, ou pouco mais, passar de uma a outra cidade.

Uma vez estabelecida regularmente a primeira linha aérea, não tardaram outras empresas a pretender análogas vantagens de sorte que para lá estenderam as suas rotas.

Destarte, não há dia em que pelos céus cuiabanos deixe de manobrar algum avião, de chegada ou saída.

E apesar de não ser pouso de passagem, salvo para uma única, prolongada ao Acre, Amazonas, não somente compensa as atividades das agências respectivas, como ainda tende a crescer de continuo.

Há dias em que levantam vôo dois e tres aparelhos de horário regular, além dos extraordinários, destinados a percurso mais

breve, como ocorreu no derradeiro domingo de julho. Pela manhã, partiram os da carreira e, horas depois, o terceiro conduzia o Governador do Estado e o Secretário do Interior a Gatinho, cujos garimpos geraram núcleo urbano, capaz de manter grupo escolar para trezentos alunos.

Próximo a Diamantino, ao fim de meia hora de vôo, lá chegaram as autoridades que o inauguraram, em meio da natural alegria da população.

A preferência manifesta pelos que se disponham a viajar, em favor da aviação, espelha-se na exigência comum de prazo de cinco a dez dias, para a reserva de passagens.

Com antecedência apenas de quatro dias, não conseguiu certo pretendente lugar em nenhum avião das tres companhias que lhe eram do agrado.

Viu-se obrigado a adiar a sua partida, além de aceitar aparelho diferente do escolhido.

Semelhantemente, do Rio, nem sempre haverá disponibilidade de acomodações para quem se destine a Cuiabá e deixe de procurá-las com antecedência.

Cada aparelho conduzirá mais de vinte passageiros, de sorte que lhes avulta o número mensal, mais do que sucedia por meio de lanchas.

A população como que se habituou ao uso da aviação, que se lhe ajeitou a resolver o problema das distâncias desmedidas, glória e martírio de Mato Grosso.

Quasi diariamente seguem, repletos de passageiros e encomendas, os tipos mixtos, a caminho de Campo Grande e S. Paulo, ou para Guiratinga, Belo Horizonte, ou ainda Cáceres, com destino a Rio Branco.

E conforme o rumo preferido, desvendam-se paisagens diferentes, que maravilham os observadores.

Para o sul, assinalado o «Morrinho», à esquerda, e sem demora, as elevações de Melgaço, que flanqueiam o Cuiabá, abrem-se as baías, que têm na denominada Xacororé a sua maior expressão.

As águas prateiam, tanto nesses açudes naturais, que recebem e acumulam os transbordamentos fluviais nas cheias, como nos coleios dos rios debruados de mata, em contraste com os dilatados campos criadores.

Aumentam de número as reservas hídricas nas imediações do encontro com o Paraguai, que se acompanha de lagoas, muitas das quais tem o nome inscrito em diplomas internacionais.

Como acidentes hidrográficos, equivaler-se às baías, espalhadas na mesopotâmia entre Cuiabá e o São Lourenço, e as que

distinguem o pantanal do rio Negro e Taquari, de tonalidades diversas de coloridos.

E também de composição, aqui de água doce, ali, salgada, que à vista será possível diferenciar, pela vegetação circunjacente,

Depois, o planalto, que a E. F. Noroeste do Brasil atravessa, balisando a rota aérea até a travessia do Paraná, do qual se abeira o território paulista, enxameado de cidades florescentes na região assenhoreada pelos bravios Kaingangs até a primeira década do século corrente.

Entre as demais sobressai Baurú, para onde convergem outras ferrovias, que lhe estimularam o desenvolvimento.

O areal de suas ruas já não exhibe, amantado, como foi por moderna pavimentação.

Ladeadas de construções, dilatam-se progressivamente, para abrigarem os seus 53 mil habitantes.

Para diante, pontilham-se com maior frequência de povoados urbanos as piragens em que prosperou a lavoura cafeeira.

E adensam-se em torno da Capital, que vai absorvendo as mais próximas, avolumando intensivamente a população, já excedente de dois milhões.

Por fim, o vale do Paraíba, sobrevoado na região acidentada dos seus formadores, quando a vista alcança vasta área da serra do Mar, com as suas colinas desnudas de vegetação, à mercê dos agentes de erosão, que se denuncia à distância.

Diferente será o panorama que se se desloba ao olhar do viajante, quando toma o rumo de leste.

De princípio, ainda é o peneplano de Cuiabá, que se veste de cerrado, cuja folhagem aguarda as primeiras chuvas de Agosto para reverdecer.

Em breve, exhibe o São Lourenço as suas peculiaridades.

A luta dramática dos seus formadores torrentosos com o arenito vermelho, triásico, denuncia-se nas « mesas, piões, baús, balisas, colunas », examinadas por Fernando de Almeida.

O relevo acidentado afastou por longo prazo os pioneiros, até depois da pacificação dos borosos, que dominavam a região.

Mas um dia brilhou no cascalho a pedra cobiçada, que anônimo sertanista não cogitava de colher.

Tanto bastou, confirmada a ocorrência, para que os garimpeiros a palmilhassem em tolos os sentidos, esgaravatando-lhe as entranhas diamantíferas.

Dai resultou a formação dos povoados de Poxoreu, de Guiratinga, que mantêm reduzida porcentagem de população da sede em relação à total, 13,03% / 0,14-30 respectivamente.

O vôo não exige mais que uma hora, como também se dá no trecho seguinte, a Jataí, em meio do descampado.

distinguem o pantanal do rio Negro e Taquari, de tonalidades diversas de coloridos.

E também de composição, aqui de água doce, ali, salgada, que à vista será possível diferenciar, pela vegetação circunjacente,

Depois, o planalto, que a E. F. Noroeste do Brasil atravessa, balisando a rota aérea até a travessia do Paraná, do qual se abeira o território paulista, enxameado de cidades florescentes na região assenhoreada pelos bravios Kaingangs até a primeira década do século corrente.

Entre as demais sobressai Baurú, para onde convergem outras ferrovias, que lhe estimularam o desenvolvimento.

O areal de suas ruas já não exhibe, amantado, como foi por moderna pavimentação.

Ladeadas de construções, dilatam-se progressivamente, para abrigarem os seus 53 mil habitantes.

Para diante, pontilham-se com maior frequência de povoados urbanos as piragens em que prosperou a lavoura cafeeira.

E adensam-se em torno da Capital, que vai absorvendo as mais próximas, avolumando intensivamente a população, já excedente de dois milhões.

Por fim, o vale do Paraíba, sobrevoado na região acidentada dos seus formadores, quando a vista alcança vasta área da serra do Mar, com as suas colinas desnudas de vegetação, à mercê dos agentes de erosão, que se denuncia à distância.

Diferente será o panorama que se se deslobia ao olhar do viajante, quando toma o rumo de leste.

De princípio, ainda é o peneplano de Cuiabá, que se veste de cerrado, cuja folhagem aguarda as primeiras chuvas de Agosto para reverdecer.

Em breve, exhibe o São Lourenço as suas peculiaridades.

A luta dramática dos seus formadores torrentosos com o arenito vermelho, triásico, denuncia-se nas « mesas, piões, baús, balisas, colunas », examinadas por Fernando de Almeida.

O relevo acidentado afastou por longo prazo os pioneiros, até depois da pacificação dos borosos, que dominavam a região.

Mas um dia brilhou no cascalho a pedra cobiçada, que anônimo sertanista não cogitava de colher.

Tanto bastou, confirmada a ocorrência, para que os garimpeiros a palmilhassem em todos os sentidos, esgaravatando-lhe as entranhas diamantíferas.

Daí resultou a formação dos povoados de Poxoreu, de Guiratinga, que mantém reduzida porcentagem de população da sede em relação à total, 13,03% / 0 14,30 respectivamente.

O voo não exige mais que uma hora, como também se dá no trecho seguinte, a Jataí, em meio do descampado.

A excursão empreendida pelo Governador do Estado, Dr. Fernando Correa da Costa, a convite de industrial progressista, que se desvelou, com a sua digna esposa e auxiliares de administração, em fidalga hospedagem, propiciou ensejo a sua comitiva para comodamente examinar as condições locais.

Da Capital a Santo Antonio, pela rodovia de 42 quilômetros, prolongada, por mais 30, ao porto fronteiro à usina do Aricá, polvilharam-se os excursionistas de fina poeira avermelhada, no cruzamento com veículos que rodavam em sentido contrário.

Transposto, porém o cerrado, que denotava, na folhagem ressequida, a carência de umidade, agravada, não raro, pelo fogo, a lancha "Treze de Junho", de expressivas tradições, transfigurada em "Flexas", acolheu-os amistosamente.

E assim principiou a excursão memorável, que se alongou das nove horas da manhã pelo dia todo, sem que ninguém sentisse a menor fadiga, ou desinteresse pelas variações dos quadros naturais, até o desembarque, as 16.30, no porto da Usina das Flechas, para onde se dirigiam.

Jamais, em momento algum, deixariam de lobrigar, para diante, ou a ré, alguma benteitoria que revelasse a presença de ribeirinhos.

A espaços, em estirões mais propícios, amiudavam-se as residências.

O rio, tranquilo, adquiria feições urbanas, semelhante a extensa e longa avenida, flanqueada de casas, aqui toscas, ali cober-

tas de trilhas, com as paredes alveoladas de cal, acolá, ainda mais confortáveis e de maiores proporções, como ocorria nas usinas.

A breve trecho, a mais importante denunciava-se pela alta chaminé, que dominava as circunstâncias.

Símbolo do poderio e do tino industrial do seu fundador, que a inaugurou festivamente a 11 de Junho de 1895, seria estabelecimento modelar, se a sercia política não o enleiasse com seus amavios, para lhe causar a perdição fatal.

Condenada a triste fadário, como se a perseguisse maligna praga, ainda possui o edifício da fabricação de açúcar, de dimensões maiores que os parceiros, os de moradia do proprietário, dos empregados de hierarquia, alinhados esmeradamente, além dos destinados aos visitantes.

O conjunto constitui expressivo povoado, que se regia primitivamente pela decisão inapelável de forte senhor de engenho.

O seu trágico desaparecimento, em 1906, antes que se libertasse dos compromissos financeiros contraídos, envolveu a propriedade em série inacabada de pleitos judiciais, que impediram a execução cabal de eficiente plano administrativo.

E na atualidade, ainda se faz mister reparar dos efeitos impeditivos da plena produção do aparelhamento industrial, destoante dos seus minguados canaviais, embora acrescidos pela compra da plantação dos lavradores da vizinhança.

Apesar de ter figurado oficialmente em estatística do Instituto do Açúcar e do Alcool com a produção anual de 11.000 sacas de 60 quilos, a maior registrada, atualmente mal alcançará a metade, tendo variado de quatro a cinco mil, entre 1940 e 1945.

Para esconjurar a maldição, que se lhe afigurava molestar a usina, um dos seus temporários possuidores trocou-lhe o nome pelo de São Benedito, de sua particular devoção.

Não colheu o exito e teve ceder o dominador ao contendor, um de cujos primeiros atos restituiu a denominação tradicional "Itaici", indicativa do cordão rochoso, que aflora, avançando do porto, à margem direita, para o meio do rio, e em sentido contrário, à pequena distância a montante.

Águas abaixo, com uma hora de marcha, ergue-se, à esquerda, a colina de Melgaço, onde Leverger fortaleceu a defesa da Província, para impedir a aproximação das forças invasoras.

Para glorificação do feito, a que deveu a Capital, a sua salvação, contra as hostes lopezinas, o município tomou-lhe o nome, por breve prazo, mas voltou a ser Santo Antonio com o acréscimo: « de Leverger ».

E a vila, á ilharga da morraria arenítica, experimentou, ao mesmo tempo, a designação de "Chacororé", afinal substituída por "Barão de Melgaço", título conquistado ali pelo bretão cuiabani-zado.

A rápida parada permite mais atenta observação dos moradores, que se mostram sadios, inclusive as crianças, em numero avultado.

É aliás, uma das peculiaridades dos Rio Abaixo a exuberância infantil, que anima todos os sítios habitados.

A aproximação da lancha, naquele claro domingo, enfileiravam-se á beira d'água, ou mais comumente, na crista do barranco, os filhos menores dispostos em escada humana, que testemunhava a geral fecundidade dos casais ripícolas.

E para demonstração espontânea da habilidade que cedo adquirem, frequentemente cortavam as águas do largo rio as montarias monóxilas, em cuja proa, de pé, os garotos manejavam o remo, governando-a a seu gosto.

Ou, sentados, acompanhavam os pais na pescaria, que frequentemente reunia uma dúzia de canoas, tripuladas por uma ou duas pessoas, em trecho extenso apenas de cerca de uma centena de metros, presumivelmente mais piscosa, na ocasião, como tiveram os viajantes ensejo de observar.

Vários os processos de que se utilizam, conforme a época, a espécie procurada e o lugar escolhido.

Poderá ser efetuada por meio de rede, onde não haja piranha, que a esraçalha com os dentes anavalhantes, de bater, quando linha curta prende o anzol ao caniço, de sondar, se a linhada é comprida, e prescinde do auxílio da vara, da armadilha e até por ocasião das enchentes, da flecha, que nos pantanais, ainda é utilizada para colher principalmente pacús, á sombra das pimenteiras e outras árvores, cuja fruta apreciam.

Além destes, mais afamados pelos apreciadores, também vivem naquelas águas criadoras a piranha, inimiga dos redeiros e das vacas, cujas tetas abocanham, quando lhe chegam ao alcance, a pagueba, a semelhança de disco prateado, a piraputanga, de sabor especial e colorido que lembra o salmão, e os de pele lisa, pintado, casara, geripoca, bagre, a variedade infindável de menor quilate.

Piscívoros, por hábito e gosto, não lhes minguará na cozinha o alimento predileto, a que devem por ventura a boa aparência de saúde, embora descuidada, á mingua de assistência médica.

Não raro, moendas verticais de madeira, com a sua respectiva almanjarra, para a tração animal, preferentemente de bois, assinalavam as fábricas de rapadura, em que se transformam os canaviais dos seus proprietários.

Outros plantadores, em escala mais reduzida, não cogitam da parte industrial.

Contentam-se em fornecer a sua colheita para as usinas, que a solicitam.

Estão certos que não faltará pretendente, que tanto pode ser o vizinho, como solicitante mais afastado.

Às vezes o transporte, além de moroso, torna-se prejudicial, quando, por qualquer circunstância, os feixes de cana empilham-se nos portos, à disposição dos compradores, naturalmente na época ajustada.

E, mais de uma semana depois de cortada, irá passar pelas moendas, em condições redutoras do seu rendimento.

Para evitar a nociva demora, entre o corte e a moagem, cada usineiro deverá possuir a sua própria flotilha, constituída de rebocadores, chatas, batelões, que lhe garantam a condução da matéria prima, á hora precisa.

Ou fretar alguma embarcação que se destine exclusivamente ao seu serviço, durante a safra.

Nessa quadra, pelo rio que perlongar, ao forasteiro deparar-se á, a espaços, alguma embarcação, maior ou menor, em fase diversa de atividade.

Ora encostada ao barranco, de altura variavel acima de dois metros, durante a estiagem, na faina de embarque, ora navegando, cogulada de feixes de cana, ora, mais célere, esvasiada de seu conteúdo, em busca de novo carregamento.

Raras serão as usinas que não recorrem a tal expediente, para completarem a própria plantação, em geral insufficiente para a capacidade de seu engenho.

E quando não encontrem fornecedores próximos, maiores tormentos lhes refreará a atividade produtiva.

De tal circunstância deriva a causa principal do malôgro da Usina de São Gonçalo, nas vizinhanças da Capital, de aparelhamento mais homogêneo, no dizer dos técnicos, assim como do periclitante equilibrio de vários concurrentes.

De outra maneira não haverá explicação para o fechamento das outrora florescentes usinas, além da referida, de São Miguel, de São José, cujo edificio principal vai desabando, á medida que se lhe aproxima do oitão de montante a ribanceira, corroida pelas enchentes, de Santana, do Itaicizinho, do Cuiabá-mirim, de Porto Urbano e Santa Cruz.

Excluídas as duas últimas, que já não poderiam funcionar, depois que o rio as deixou em seco, ao influir á esquerda, pelo rasgão da Boca do Guató, que lhe mudou o curso no Uacurutuba,

tôdas as demais se beneficiam com extenso canal navegavel para as barcaças, que poderiam garantir o transporte oportuno, caso houvesse organização racional.

A primeira vista, é a carência dominante de que provém a depressão regional, manifesta na diminuição da produção e até na transferência de parte do equipamento para municípios distantes.

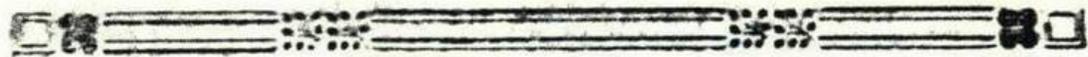
Entretanto, os estabelecimentos que perseveram em atividade queixam-se do desgaste do seu material, a que atribuem a causa principal de redução dos lucros ao mínimo indispensavel à manutenção da indústria, onerada, por outro lado, pela escassez e ineficiência da mão de obra.

Sem dúvida, o problema do pessoal, que outrora se resolvia por feudal regime de locação de serviço, engravesceu, para quantos permaneçam com a mentalidade antiga, na atualidade arrejada por outras solicitações.

Mas as mesmas condições, por ventura mais inquietantes, prevalecem para os concorrentes de fora, que logram enviar, em ocasião propícia, açúcar mais barato para o consumo cuiabano.

As causas da desmedrança da indústria açucareira ao longo do rio Cuiabá não resultarão somente da dificuldade de obtenção de mão de obra conveniente.

A carência de organização racional de trabalho, tanto agrícola como industrial, avultará como seguramente a mais descoroadora do esforço progressista.



III

Não obstante o abatimento, em que se mantém na atualidade, com a produção menor da que já obteve em quadras anteriores, à industria canavieira da Cuiabá não faltarão elementos para se reerguer satisfatoriamente.

Montadas as usinas, em maioria, à beira do rio prestante, dispõem de natural via de comunicação para trafego de seus produtos e matérias primas.

A fertilidade do solo humoso, periodicamente enriquecido pelo nateiro das inundações, permite colheitas remuneradoras, desde que obedeça a plantação às exigencias da técnica moderna.

Faz-se mister, todavia, a substituição dos processos de trabalho na roça e no engenho, para que não mais se repita o desperdício, que lhe consome boa quota das utilidades.

Assim é que, presentemente apenas conseguem 45 quilos de açúcar por tonelada de cana, ao passo que os modernos estabelecimentos pernambucanos extraem de igual carga 100 quilos, até 112.

Certo, a diminuição gritante de rendimento não correrá exclusivamente à custa do maquinismo obsoleto.

Também contribuirá a qualidade da planta e a demora em ser utilizada, tanto em pé como após o corte.

Não virá fora de proposito exame, ainda que superficial, de uma usina, Flechas, — que propiciou oportunidade para os seus visitantes.

Mais distante de Cuiabá que as demais, de igual categoria, encontra-se à margem direita do rio, na extensa ilha constituída

pelo Piraim, cuja boca superior se abre, pouco abaixo da vila de Barão de Melgaço.

A derivação, que pro segue até além do Uacurutuba, ameaçará, de futuro desviar o canal principal, naquela zona de solo inconsistente, golpeado de leitos velhos, substituídos por atalhos mais afiçoados ao escoamento, como ocorreu, neste século, com o furo iniciado pela "Boca do Guató".

Baldaram-se as tentativas, inoperantes para o seu tapamento, superadas pela abertura lateral à esquerda, que deixou em seco o leito antigo, assim aumentando a largura da ilha do Piraim em seu trecho inferior, sulcado de outras depressões análogas, que mal distarçam a perdida função hidrográfica, de quando por ali rolavam as águas transbordantes.

A propriedade, com a frente principal no rio Cuiabá, também alcança o Piraim, de que se aproximam os seus campos criadores, onde vicia o arroz do pantanal, a grama, o capim de praia e outros forrageiros, como o cipó de leite, a que se atribuem qualidades nutritivas.

Nem sempre, todavia, se abrem, limpos, os largos, que o algodão do pantanal, já invadiu em parte, denunciando destarte pisoteio excessivo.

Não obstante o gado, proveniente do cruzamento do pantaneiro com o zebú, encontra alimento bastante para manter-se sadio e bem enquartado.

À maneira de cortinas vegetais entre as clareiras mais baixas, algumas das quais ainda conservam os nomes antigos de baías, apesar de esgotadas, alteiam-se árvores, ora agrupadas, a imitação de matas ralas, em que medra a piuva preta, a canafistula, o cedro, ora mais espaçadas, à orla dos campos, que sombreiam.

A biueira, em que os biguás costumão descansar, a sardineira, o sarã de leite, cuja leve madeira os violeiros apreciam para a confecção de seu instrumento predileto, dispersam-se pela planura, a que imprimem a única feição de desnível, como o fazem igualmente as moitas de cipoal.

Arqueiam-se aqui e ali, abóbadas, oferecendo pouso propício às anhumas que, aos pares, se lhes agasalhavam confortavelmente no cimo.

Erguem-se, porém, para desferir o seu brado de alerta, ao lobrigarem qualquer caminhante.

Do alto do seu mangrullo, alargam-se-lhes os horizontes, e, vigilantes dos pantanais, não permitem que intruso algum se aproxime silenciosamente.

Dão oportuno aviso à vizinhança, e, o gado, quando arisco, apura o seu aparelho de escuta, para confirmar a presença de vaqueiros, se não dispara imediatamente em fuga preventiva.

Já lhes compararam o tamanho ao do peru médio, que tivesse agilidade para voar com desembaraço, e observar com astúcia.

Nada lhes escapa ao olhar perscrutador.

Não poderiam calar naquela manhã clara, de fim de Julho, ao perceberem a cavalgata de visitantes, entre os quais, os mais novos, estudantes em férias, pela primeira vez admiravam aspectos regionais, que jamais se lhes deparariam em suas distantes paragens nativas, ao passo que o mais velho apenas revia, com prazer, paisagens de suas querências, que lhe evocavam episódios da juventude, vívida, em grande parte, na intimidade do ambiente pantaneiro, onde oportunamente ressoa o grito vibrante da anhúma.

IV

Embora lhe fossem apenas conhecidos os campos da outra margem do rio, nenhuma substancial diferença revelavam os que se estendem pela ilha, atrás da faixa agrícola, que alimenta a usina das flechas, cujo regime de trabalho se modificou na atual administração.

Pertencam-lhe ao domínio, ou estejam em poder de pequenos proprietários, as glebas que se abeiram do Cuiabá, permitem plantações produtivas, apesar da carência de adubação.

Medem, em geral de 100 a 120 metros de frente no barranco, por 300 a 400 metros para o interior.

Incluíam-se no latifúndio primitivo, mas o fundador da usina, Coronel Cesário Corrêa da Costa, antes de transferi-lo ao seu sucessor, separou extensa faixa a montante, repartida entre os auxiliares que lhe captaram a confiança, merecendo-lhe a gratidão.

O valor evidencia-se pela oferta de 15 mil cruzeiros que o atual possuidor de lote de 220 x 420 metros rejeitou, contrariando a insistência do pretendente à compra.

Nessa região, a primeira plantação produzirá cerca da 120 toneladas de cana, que se reduzirão à metade na soca e na ressoca.

De três categorias diversas de lavradores provém o fornecimento da graminia prestada.

Uns, são donos do sólo e podem negociar sua colheita, com quem lhes aprouver.

Outros, lavram terras da Usina, a quem se comprometem a vender o produto de seu trabalho, embora pelo preço corrente na ocasião.

Finalmente, maiores são as áreas, em que labuta o pessoal assalariado.

Nestas, aplica-se diretamente a ação do administrador, que pôde mais facilmente ensaiar novos tipos de planta, importados das estações experimentais, adubação racional, a conveniência de apressar ou retardar o córte, de acôrdo com o andamento dos trabalhos na Usina, onde se manifesta a parte mais necessitada dos melhoramentos fundamentais.

O administrador, Salim Nadaf, cujo nome, acentuadamente sirião, mal disfarça a individualidade cuiabana, em que se harmonizam a primor os dois ramos de sua formação étnica, bem compreende a seção invulnerável da empresa que dirige como sócio fundador.

Procedente do comércio, a que se aplicaram com êxito os seus ascendentes paternos, decidiu também se dedicar à indústria, que lhe era desconhecida.

Não lhe custou obter os capitais necessários à aquisição da propriedade, que lhe exigia a adoção ao novo ambiente, onde o acompanhou o desvelo, carinhoso e ativo, de sua jovem esposa, descendente de tradicionais famílias cuiabanas.

De princípio, a aventura afigurava-se arriscada, para quem não se preparara a enfrentá-la com experiência própria, obtida apenas no ramo comercial, que abraçara.

A pouco e pouco, porém, os auxiliares, trabalhadores e vizinhos foram compreendendo que os dirigia personalidade que sabia querer, embora suavemente.

As ordens mais confidenciais do que impostas por vez imperativa, eram cumpridas à justa.

A sua presença não faltaria onde se fizesse mister, para melhor orientação dos trabalhos e sua fiscalização.

Sempre, todavia, discretamente, como sombra que se projetasse obliquamente, aqui, ali e acolá.

Opostamente ao tipo tradicional do senhor de engenho, cujo mandonismo por ventura justificável outrora, já não encontra apoio na atualidade, diligencia captar, pelo proceder correto e amistososo, a confiança dos colaboradores e de quantos se lhe aproximem.

E com isso, consegue prosperar, a julgar pelas conseqüências.

Economicamente, já se libertou dos compromissos financeiros assumidos por ocasião da compra do estabelecimento açucareiro, há pouco mais de um quinquênio.

O prestígio conquistado animou-o ao pleito político, para triunfar como deputado estadual.

Mas é principalmente na Usina que se observam os resultados de seus processos de atuar sem prepotência.

Vem conseguindo o máximo de instalação, muitos de cujos aparelhos já deram mais do que deviam.

Alguns contarão meio século de atividade, não havendo por ventura, nenhuma com menos de uma a duas décadas de funcionamento.

Si novos, aproveitariam melhor a *garapa* extraída pelas velhas moendas, que reclamam substituição por mais eficiente conjunto, como também os evaporadores de vácuo, o cristalizador, as turbinas, o secador.

Semelhante ao artífice destre, que, desprovido embora de ferramenta apropriada, ainda consegue ultimar obra satisfatória, também o superintendente de *Flechas*, com os mesmos defeituosos elementos de que dispunha, evidenciou saber utilizar-se dos recursos mecânicos ao seu alcance, para aumentar a produção, reduzindo quanto possível o desperdício.

V

Se tal ocorreu quanto ao material, melhores condições alcançou no tocante ao pessoal, com o qual convive amistosamente.

Prova exuberante patenteou-se na sessão festiva, que assinou a presença do Governador do Estado e sua comitiva.

Transformada a sala espaçosa de jantar, onde se reuniam, à hora das refeições, nunca menos de trinta excursionistas, iniciaram-se as danças ao som de violões.

A princípio, músicas citadinas, que atraíam os pares acostumados a interpretá-las coreograficamente.

Na segunda parte, compareceram os cururueiros, que se fizeram aplaudir em seus volteios compassados pelas rudes violas, de fabricação regional, e caracaxás, entremeados de versos, aprendidos ou improvisados.

Mais de um elogiaria os visitantes de alta hierarquia, como também o hospitaleiro promotor da festança, a que de bom grado concorreram os moradores das circunjacências.

Por fim, bailaram as moças, adstritas a ritmo apropriado, em rodas mais abertas, que as do cururú, de que participam apenas os homens, um tanto macambúzios, diversamente da animação do siriri, também inspirador de quadrilhas de sabor popular.

Era como exibição, em ambiente propício, de danças folclóricas da região, tanto o cururú, eivação de melancolias, evocativas de suas origens raciais, quanto o siriri, de alegria comunicativa.

Conseguiu realizá-la a afabilidade cativante do organizador, mercê do trato compreensivo que mantém com os auxiliares e vizinhos de vária categoria, causa da sua prosperidade.

Tanto apreciaram a reunião, que na seguinte noite pretenderam repetí-la, com aprazimento da assistência forasteira.

O programa, porém, estipulava diferente horário, com os preparativos de viagem na madrugada imediata, quando ianchas menores sulcaram o Cuiabá, águas abaixo, através da Boca do Lemos e do Tarumã, pelo qual se escoa a contribuição do rio Madeira, que perde o título, ao desembocar na baía da Mariana.

Acidente comum na região pantaneira, abre-se por mais de uma légua de largura e o dobro de comprimento, e orla-se de vegetação peculiar, como a pimenteira, cujos frutos atraem os

Certo vulto magro, com o cabelo, e o rosto, de Alacocé, que mantém no título o tal vez o nome indígena da tribo indígena, encontrada nos arredores pelo Bandeirante.

Torna-se-lhe arriscada a travessia, quando sopra vento capaz de levantar ondas ameaçadoras, que os prudentes canoeiros evitam, refugiando-se entre os água-pés das margens, onde os haja, ou abicando nas praias arenosas, de suave declividade.

Seria aqúde adequado ao desenvolvimento da piscicultura, como já foi sugerido, se, nas cheias, não se lhes misturassem as águas com as dos campos inundados, que deixam, nessa quadra, de alimentar o gado, transferido para as zonas de terra firme.

No lugar de que se afasta, para não perecer afogado, desenvolvem-se várias espécies da fauna ictiológica fluvial, que nos pantanaes encontram o seu viveiro natural.

Na paisagem pantaneira, que se decora de cenas pastoris, figuram os dispostos moradores acostumados a viver no ermo, distantes dos centros populosos.

Contentam-se com pequena gleba, de sua propriedade, ou de empreitimo, que lhes permita criar algumas dezenas de rezes, como o possuidor do porto de Uacurizal, onde à comitiva se depapou local sobremancia aprazível e apropriado à hospedagem à sombra do arvoredo.

Ultimada, pela tarde, a excursão, era tempo do regresso a Cuiabá, iniciado na manhã seguinte.

Embora apresentasse o rio declividade suave, que lhe reduzia sobremedo a velocidade de escoamento, alguma havia, para refrear a marcha da lanha, em sentido contrário.

Eram assim revistos com maior przo de observação os sitios ao longo do rio, que mansamente se contém entre barrancos argilosos, de cerca de dois metros de altura, assinalados pelas erosões da correnteza nas enchentes.

Nessa época, avoluma-se-lhe a vasão, com aumento da velocidade, e aqui e ali, o ímpeto das águas transbordantes vai alagar as planuras acessíveis, ilhando, não raro, as casas erguidas na faixa marginal, relativamente mais alta.

Todavia, resistem estoicamente os moradores às provações periódicas, satisfeitos com a fartura, que lhes proporciona o rio com a sua opulência piscatória e a adubação natural causada pelas inundações.

Arraigam-se fortemente em suas quêrencias, em que lobrigam indícios da "Terra da Promissão".

Rio, agosto de 1952.

Palavras de Abertura

Cadeira n. 16

Sessão solene de posse

— DO —

Academico Wanir Delfino Cesar

Palavras de Abertura

pe'o Presidente em exercicio

Prof. Francisco Mendes

Engalana-se a Academia Matogrossense de Letras nesta noite, para receber solenemente em seu seio, o jovem beletista conterrâneo, Wanir Delfino Cesar, um dos expoentes da moderna geração intelectual de Mato-Grosso, que vem ocupar no Silegeu da cultura matogrossense, a cadeira nº 16, que tem a paraninfá-la o espírito de Antonio Augusto Ramiro de Carvalho.

"Ainda uma vêz se confirma — como bem acentuou José de Mesquita em solenidade semelhante— o alto e constante critério desta Casa, ligando o acadêmico ao seu Patrono, na gloriosa imortalidade das letras, por laços de uma afinidade, que faz a obra daquele continuar a deste, nessa maravilhosa sequência imprimidora de unidade e harmonia, entre as diversas gerações no terreno da cultura".

É que, senhores, entre Ramiro de Carvalho e Wanir Delfino Cesar, há essa constante analogia da alma, reveladora dos traços predominantes do carater dos homens de letras, que os irmanam e os identificam no culto sublime do espírito e do pensamento.

“Há nas obras literárias uma fisionomia, que retrata ao natural as tendências do escritor”. Jornalista, poeta e educador, vemos no recipiendário desta noite, essa tendência literária, tal um traço de união, ligando-o ao nome, e á memória saudosa dos dois primeiros ocupantes da Cadeira, Franklin Cassiano e Ulisses Cuiabano, cuja lembrança, sentimos pairar em espírito neste recinto, que tanto honraram e muito dignificaram.

Franklin Cassiano e Ulisses Cuiabano, arrebatados violentamente do nosso convívio, se irmanavam pela vocação espiritual e pelos ideais do coração, neste labor, que distingue o homem e o eleva na consideração e no respeito da sociedade — professor e educador.

E na atividade profissional, para mais acentuar a relação de afinidade existente entre ambos, vale lembrado que, na administração do ensino matogrossense, alcançaram ocupar o mais alto posto, legando aos coêvos os exemplos de uma vida útil e digna, a serviço da Pátria.

A missão da Academia, é, principalmente, perpetuar a arte, de que é o estilo a suprema perfeição.

“O estilo é o homem, sem que, por isso, todos os homens tenham estilo”, — disse-o um pensador.

“É preciso primeiro ser homem, distinto dos outros homens, afirmando uma personalidade, na posse de um caráter. Muita gente escreve; mas o artífice jamais chegará a artista, se não fôr, se não tiver sensibilidade”.

Essa sensibilidade, que tem origem no coração, que a transmite ao cérebro, tem forçosamente, que estar bafejada pela crença e pela fé, que são as virtudes ornamentais da alma do artista.

O recipiendário de hoje, traz no hábito sacerdotal, que veste, o emblema da crença e da fé religiosa, a cujo influxo edificante os homens de letras não podem evitar, — em que pese o negativismo da matéria -- para realce e esplendor do espírito que permanece e vivifica perenemente.

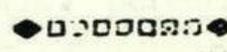
A fé, é a adesão do espírito às verdades reveladas por Deus á humanidade, e a crença é a convicção que

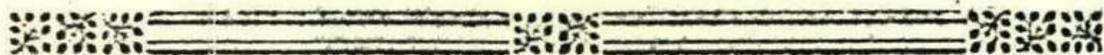
eleva o coração e o exalta aos olhos de Deus. Sem fé, não ha, não pode haver convicção, e onde não há crença, falham os princípios e falseiam as idéias.

Voltaire, o proprio Voltaire, no seu Ensaio sobre os Costumes, afirmara categoricamente, que a religião de Cristo, é sem duvida a única e boa, porque, inspirada na crença e na fé, de que é o cristianismo a fonte e a suprema verdade.

É como vos acoihemos, senhor acadêmico Wanir Delfino Cesar, ao entrardes definitivamente nesta Casa, na certeza de que, sereis como estilista e escritor, o continuador das obras dos que vos precederam na cadeira que vindes prelustrar, digno entre os mais dignos, para honra e glória da cultura e do bom nome matogrossense.

Está aberta a sessão.





Discurso de posse

• pelo academico

Wanir Delfino Cesar

Exmo. Sr. Governador do Estado.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano.

Exmas. Autoridades.

Exmo. Sr. Presidente em exercício da Academia Matogrossense de Letras.

Senhores Acadêmicos.

Distinto Auditório.

Ao tomar posse, como nesta hora me é dado fazê-lo, da Cadeira nº 16, sob o patrocínio do insigne jornalista Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, neste colendo Siloga, que reúne e congrega os elementos mais representativos da cultura matogrossense, deveria confessar, como soem fazer todos, numa como praxe de posse, a indignidade de participar de tão elevada companhia. A tanto, porém, levou-me a benignidade de alguns amigos, membros dos mais conspícuos desta Casa e que são, sem favor algum os luminares da Academia Matogrossense de Letras. Isto sobremaneira me desvanece e confunde, servindo-me, contudo,

de estímulo e conforto ao árduo desempenho, na carreira luminosa e difícil das letras. Não ocuparei, portanto, a vossa atenção preciosa, com circunlóquios de modéstia, que podem tocar, e muitas vezes tocam, as raias da vaidade.

Em todos os ramos da atividade humana, um sem número de empecilhos se antolham ao homem, votado à tarefa ingente de superá-los. E se assim é, essas dificuldades crescem de ponto, em se tratando, por certo, da sublime arte de escrever, não sendo sem razão que o poeta buri- lou em versos de ouro, estes profundos conceitos:

... o escrever, tanta perícia
tanta requer,
Que ofício tal, nem há notícia
de outro qualquer.

Esta maravilhosa arte é dos mais altos dons, com que a Providência aquinhou o homem, nascido para os vãos sublimes do espírito, num prelúdio constante daquele vão infinito, que é a imortalidade, a que aspira e para a qual nascera.

É óbvio que, em se tratando da arte de escrever, se tenham em mira as concepções magníficas da alma, fielmente traduzidas na forma peregrina, que é, por assim dizer, a sua roupagem, e formando ambas as duas, a eloquente expressão do engenho humano que é o singular objeto dessa difícil, sublime e desprestigiada arte de escrever.

Arte, como nô-lo ensina a filosofia, é um complexo de conhecimentos certos e coordenados, segundo os quais alguma coisa deve ser feita, para que seja bela ou ao menos útil. Desta definição geral de arte, inferimos que a arte literária possui também regras que se devem observar, a fim de que o trabalho "saia da oficina sem um defeito", ou então, se a tanto não chega, que sejam as falhas do cinzel compensadas pela veracidade e utilidade da obra, isto é, que o fundo tenha o nobre cunho da moralidade. A beleza, a perfeição e a utilidade, certamente, devem imperar-se no trabalho literário. Perfeição e beleza para

atrair, elevação e utilidade para mover. Isto porque, conforme definiu o estatário do Parnasianismo:

... a beleza gêmea da verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É força e graça na simplicidade.

Fatores intrínsecos e extrínsecos tem concorrido para deslustrar a beleza dessa arte consagrada. Ora são os seus profanadores, que, sem a vocação bendita, se arrogam o direito de tudo corromper, a fim de em meio da confusão, terem foros de elegância as suas heresias, e assim deturpam o estilo com arrogâncias de reformadores, substituindo com algaravias, a nobreza do que na definição de Pio XI é: *loquendi genus, pressum, locuples, numerosum, maiestatis plenum et dignitatis* — gênero conciso, rico e variado de falar, cheio de majestade e dignidade.

Outros ainda, conquanto sejam galardoados com talentos suficientes a dar-lhes destacado lugar na carreira das letras, malbaratam esses dons preciosos da Providência, enveredando-se por uma literatura, a que falta o fim precípuo, que deve orientar uma obra literária, qual o de elevar o homem, deparando-lhe, em cores de harmonia, as suas altas finalidades.

Finalmente, ainda vemos o lamentável descaso e dolorosa frieza, que cercam aqueles que se consagram ao nobre e árduo apostolado das letras, máxime em se tratando de literatura elevada e séria que, sem o amparo das leis, que a tais cuidados não chegaram, e sem a necessária correspondência do público, só se restringem aos apóstolos abnegados, que se dispõem a arrostar a miséria e a fome, em prol de um ideal superior.

É com o pensamento nessa crise intelectual, que vai dando na fantasia conseqüência do materialismo crasso, que domina os espíritos e empolga as altas camadas e incute a queles sobre os quais repousa a grave responsabilidade do futuro, que venho trazer o meu deslustrado, mas sincero apêlo, para que se arregimentem as energias espirituais e para que os homens de governo olhem com

mais atenção e carinho para esse problema vital da nacionalidade.

Precisamos de leis, leis eficazes e exequíveis, que se não fossilizem nos códigos, que amparem e estimulem o desenvolvimento cultural, a partir dos bancos escolares, porque estas se vão tornando em estudos mecanizados de regras e princípios, sem que se proporcionem o completo desenvolvimento e a profunda elaboração da alma.

E estas considerações é mister que se façam em momentos como estes, em que se reúnem as mais ilustres autoridades e os proceres do movimento intelectual da nossa terra. Aqui nos reurimos para o culto d'esses altos predicados que exornam a inteligência humana, consoante o dístico desta Casa: *Pulchritudinis studium habentes*. Peroremos, portanto, essa nobre causa, que a ela se vinculam outras, de aparência, talvez, mais importante, devido à inversão dos valores em nossos dias, porém que na essência não passam de secundárias. A maior distinção de um povo é o seu elevado nível cultural e a herança intelectual que transmite às gerações futuras, por isso que, através dela, os homens falam, ainda que mortos, à posteridade — *defunctos adhuc loquitur*.

* * *

É obrigação do novel acadêmico, fazer o estudo da obra literária do seu antecessor. Eleito para a Cadeira n.º 16, na qual já se assentaram dois grandes poetas, que honraram as Musas matogrossenses, eu me sinto vacilante ao ter que apresentar-vos, como me compete, uma apreciação da inspirada obra literária de Ulisses Cuiabano, o 2.º ocupante desta Cadeira, fundada por Franklin Cassiano, Poeta de peregrina inspiração e pura forma, enquadrada ainda nos métodos perfeitos da Escola em que se “trabalha e teima e lima e sofre e sua”, o meu antecessor apresenta-nos a “estrete cristalina dobrada o jeito”, consoante o querer do mestre da poesia brasileira, que deixou cinzeladas em versos de ouro, as regras máximas da arte divina das Musas. Regionalista admirável, era profundo co-

nhecedor do folclore matogrossense, traduzindo em poesias os mais interessantes contos, que animam as noites enluaradas e festivas dos nossos sertanejos. Inspirado num profundo e reto senso de patriotismo, onde, conforme dissera o genial Macedo, existe "uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao império", Ulisses dedicou as vibrações da sua lira delicada a todos os graus desta escala, como iremos vendo, através da leitura de seus versos, que, infelizmente só foram publicados nas folhas volantes dos jornais e não se enfeixaram em volume, para satisfação de quantos têm no verdadeiro conceito, a beleza literária.

Ao falar do apuro da forma, de que foi zeloso artífice, dessa forma hoje em dia tão vilipendiada pelos falsos preceitos de um modernismo desvirtuado, faz-se mister que se diga que Ulisses Cuiabano aderiu ao movimento modernista encabeçado por Graça Aranha, o qual entretanto, não foi compreendido, mesmo por muitos dos que se arvoraram em seus fautores. A propósito dessa febre de renovação depreciativa, não me posso furtar ao desejo de ler-vos uma página de Plínio Salgado, elemento bem intencionado e de primeira hora, naquele movimento, e nome dos mais eminentes nas letras patricias. Caracterizando um dos personagens do seu romance "O Esperado", assim fala ele de Gavião Teixeira:

"No meio dos intelectuais, Gavião andava cheio de cautelas. Sua leitura era limitadíssima. Seus conhecimentos literários não iam além de Eça de Queirós, contos de Artur de Azevedo, umas traduções de contos franceses. Foi lendo revistas e jornais, que organizou um pequeno caderninho, abecedários, que sabia mais ou menos de cor, para as citações. Mas Gavião Teixeira teve o seu grande momento. Instala-se a revolução literária e, de todos os recantos do país, vózes jovens gritavam: "incendiem as bibliotecas! guerra à velha cultura!" Para Gavião Teixeira aquilo era a salvação. Não suspeitava que todo o movimento chamado futurista, anti-cultural, era uma revolução em prol de uma

cultura mais profunda. Para Gavião Teixeira, era a libertação de um pesadelo. A morte ou soneto que nunca soubera fazer e do estilo sério, que jamais soubera compor.

— Abaixo a língua de Camões! berrava o Gavião, superiormente. Viva o calão da Favela!

Agora podia doutrinar, gloriosamente.

— Deixemos de conversas pedantes, de citações e erudições passadistas.

E o curioso é que Gavião tomou lugar notável entre os avanguardistas. Fez versos...

Brilhou como um *nouveau-riche* da literatura inaugural. Deu empurrões, ficou na frente...

Seb certos pontos de vista, dizia Edmundo a Marcos, a ignorância é uma condição de êxito. Gavião é temido."

Esta página que, a despeito da sua fina ironia, define muito bem a situação de tantos, que aderiram à nova Escola, com o tábua de salvação. Entretanto, sabemos que elementos exponenciais das letras, filiados ao movimento renovador, conservaram o apuro da forma e a elevação de idéias, sem se perderem nos meandros fúteis de uma literatura, que carece dos elementos precípuos, característicos da verdadeira beleza literária: o fundo, a forma e a finalidade.

Ulisses Cuiabano, apesar de sua adesão ao modernismo, conservou sempre o apuro da forma, que se revela nos belos sonetos que compôs e nos outros gêneros poéticos, que constituem as várias coleções das suas obras inéditas; "Grupiaras" — "Somente para Você" — "Sonhos de Outono".

Cantou o nosso poeta, como ficou dito, os nossos contos regionais, com admirável felicidade. Em tudo existe, a par da graça donairoza do estilo, com que se reveste, a mesma naturalidade distintiva da credence interessante e simples dos nossos cablocos. É a "lenda do Rio Abaixo", em que nos conta a fábula do pescador que invocara o demônio, para conseguir boa pesca e pescou a própria mãe, como castigo, enlouquecendo-se. É o septenário folclórico, de sonetos que relatam a história do "Pé de garrafa". São

as lendas do "Negrinho d'água" e da Iara. Todas essas abusações de abantesmas são perpetuadas, com delicada expressão, nas dobras cativantes da poesia

Amou a natureza, traduzindo em lindos versos os seus encantos. Canções maviosas são as em que nos fala do "Amanhecer" da "Primavéra", do "Ocaso". Como se contemplam as cambiantes emotivas, com que a natureza muda as encenações dos seus quadros. Também a fauna ele soube engrandecer nas cordas da lira. Dos animais não desprezou nem o urubu nem o sapo, que este também,

»na mudez sepulcral da treva fria,
descanta seus aquáticos amores,
numa canção monótona e sombria.»

Gozemos o lirismo de «A alma da flôr» :

•A natureza,
nos seus caprichos arrebatadores,
fez do conjunto da arte e da beleza
as lindas flores.

Deu à corola de brilhantes cores
a macieza
e os esplendores
da forma, e singular delicadeza.

Os estames formou, fez o pestilo,
e num estilo
incógnito talhou o calix belo.

Depois criou com máximo desvelo,
o doce olor ;
—a alma da flôr.

A sua formosa coleção patriótica é digna de nota. Carme aos grandes vultos da nossa história e às cidades matogrossenses, o que bem traduzem o seu amor à terra natal.

Perlustremos uma das suas coleções, que traz o nome de «Sonhos de Outono». E de um lirismo encantador.

Transpira a doce nostalgia dos ocaso amarelentos de outono e o poeta se revê na fase da existência, em que:

«... o sol da vida já declina,
mostrando-nos a nós as sombras do poente.
é-nos doce parar na encosta da colina
e volver para trás o nosso olhar plangente;
para trás, para trás, para os tempos remotos,
tão cheios de prazer, tão cheios de embriaguez:
porque ai! a juventude é como a flor de lotus.
que em cem anos floresce apenas uma vez.»

Para nessa encosta banhada em cores de sangue, pelos derradeiros raios do sol, que já tramonta, ele pouso o olhar «Na Estrada da Vida» e exclama:

«Ai! quantas veredas tenho palmilhado,
Neste triste val de lágrimas e dor;
Venho bem de longe, de um cruel passado,
Já quase perdido, quase que olvidado;
—Trago o peito meu deserto e sem calor.»

É a saudade característica do vate, que lhe vem tanger as fibras sensíveis de coração. A nostalgia do infinito, como já foi definido o sentimento misterioso, que é, por assim dizer, o "leit motiv" da maioria dos poetas e, principalmente, dos poetas brasileiros. Sentimento que se não explica, que mal se traduz, como o fizera Bilac, ao cantar os seus "Cabelos brancos":

«... esta melancolia sem remédio,
Saudade sem razão, louca esperança,
Nascendo em choros e findando em tédio;

Esta ansiedade absurda, esta corrida,
Para fugir o que meu sonho alcança,
Para querer o que não há na vida.»

Nessas horas em que a saudosa recordação das quadras cantantes do passado, se lhe avivam em aquarelas cintilantes e talvez as desilusões da caminhada cresçam de ponto em paralelo com os encantos dos verdes anos da vida: nessas horas, em que vivia na lembrança, as

noite, poéticas de São João, ele ia consolar-se ao som cólto da sua lira, pois como nos ensina Machado de Assis:

O poeta é assim: tem para a dor e o tédio,
Um refúgio tranquilo, um suave remédio:
És tu, casta poesia, ò terra pura e santa!
Quando a alma padecer a lira exorta e canta.
É a musa que, serrindo, os seus bálsamos verte,
Cada lígrima nossa em perólas converte.

Quadra formidável, sem dúvida, é o declinar da vida, quando, em meio às agruras que lhe são inerentes, falta o doce lenitivo da Fé. Esta é semelhante à luz de uma vela, como nos canta maravilhosamente um poeta italiano Tiago Zanella. Recebe-no-la cintilante, na manhã da vida, quando por entre o lusco-fusco do amanhecer a sua chama brilha e ilumina; vêm depois os raios do sol, que tudo alagam e como que se descolora e amortece a chama vacilante; finalmente chega a noite, muitas vezes tenebrosa, e à medida que se esvaem os esplendores das luzes causticantes e efêmeras do sol, que se declina, aquela mesma chama, que se nos afigurara morta, recobra o seu fulgor capaz de guiar através daquelas horas cheias de apreensões em que

*... in nero
si tinge l'orizzonte.
A tremolar distinta
Torna la fiamma ch'ei credeva estinta.*

*Torna il bel raggio, e torna
Lontana ricordanza
D'una chiesuola adorna,
D'una solinga stanza,
Ove materna fede
La lampa accese che al partir gli diede.*

Infelizmente para o nosso poeta esta lâmpada se apagará, aos raios candentes do meio dia da vida e à hora tristonha do crepúsculo, quando as ilusões da vida se desvanecem com os últimos raios do sol, que a embelecia, vemo-lo extravazar sua tristeza sem esperanças, nestes ver-

...os desalentados, ao sentir aproximar-se o mês de Maio,
...com o cortejo de poesia e piedade, que o acompanha:

Maio, o mês das boninas, da alegria,
de madrugadas lindas e cantantes,
celebra, com ardor, as fascinantes
festas, que se dedicam a Maria.

Bimbalham sinos pela tarde fria,
conclamando os fiéis. Nes-es instantes
sinto no coração, inebriantes
saudades de um perdido e longo dia.

São cousas de um passado quasi extinto,
lembrança que se esvai no pensamento,
como nuvens que o vento vai levando.

Maio... mês dos aromas que não sinto;
de devoção, que não possuo... lento
vai passando e tristonho me deixando.

Além da poesia, na qual nos legou belíssimas gemas,
que pitenteiam ao vivo a sua rara inspiração, não nos
sendo possível, nos rápidos momentos de uma cerimônia
como esta, examinar as fascinantes pedrarias do seu rico
escrínio; além de tanger a lira, manejou ele, com elegân-
cia e atração, a prosa, colaborando em diversos jornais,
deixando-nos contos interessantes, focalizando cousas de
atualidade, especialmente numa numerosa coleção que in-
titulou de "Notas ligeiras". Nesses trabalhos ele focaliza
os fatos mais importantes da sociedade, bem como assun-
tos literários. Uma das suas crônicas dedicou-a ele a quem
dez anos após, deveria suceder-lhe na Academia.

Exerceu com proficiência o magistério e, nesse apos-
tolado, nunca assás louvado pela sua nobreza, conquanto
seja a mais desamparada das atividades, Ulisses conquistou
sempre a simpatia dos seus alunos, em cujo número se
conta quem tem a honra de falar-vos neste momento.

Eis, pois, em rápido apanhado a atividade literária
daquela, a quem a vossa gentileza me convida a suceder

nesta Casa. Aqui estou, e embora quase inerte, para cerrar fileira convesco na falanx dos que se propõem pugnar pelo progresso intelectual da nossa terra, para a elevação da nossa literatura, a fim de mantermos bem alto o nome de Mato Grosso, de tão gloriosas tradições no concerto da Literatura Nacional.

* * *

Antes, porém, de concluir estas palavras, que já se fazem longas, abusando da vossa gentil e benigna paciência, peço vênia para render aqui, de público, as minhas homenagens ao ínclito Metropolita Cuiabano, cujo ano jubilar de religião e de letras, como que se abre com esta solenidade. A ele, que é o Mestre inconcusso das nossas letras, cuja palavra tem sido a clarinada de despertar para as lições alcandoradas do espírito, para a grandeza cultural de Mato Grosso, primeiro filho destas gloriosas paragens, a tomar assento no silogeu máximo da intelectualidade brasileira, Pastor zelantíssimo da Igreja Católica, em cuja hierarquia ocupa lugar preeminente e em cujo serviço de valiosos frutos vê correr, felizmente, meio século; ao Imortal e ao Arcebispo, como filho que lhe segue, embora de longe, as gloriosas pegadas, à semelhança do frágil Ascânio, empós dos passos agigantados de Eneas *sequiturque patrem non passibus aequis*, a seguir o pai com passos desiguais, nesta hora significativa da minha vida, ofereço, dedico e consagro toda a horna, que esta investidura acadêmica me possa conferir.



Discurso de recepção

pele acadêmico

Luis-Philippe Pereira Leite

Praz me, senhores, traduzir ao novél acadêmico, nesta hora de glorificação e de triunfo, as bôas vindas do sodalício, em que pese a

“amizade sem fim que nos irmana”,

amizade que a década vencida permitiu mais se estreitasse, ainda. Ser-me-ia fácil por isso mesmo, à escolha do meu nome, opôr aquilo que em linguagem judiciária se denomina exceção de suspeição, fôra outro o julgador, que não o insigne e benemérito Presidente da Academia Matogrossense, José de Mesquita, cuja ausência empalidece, de certa maneira, o fulgor e o brilho desta solenidade de recepção acadêmica. E êsse espirito de escól, que honra as letras matogrossenses, teve por improcedentes as razões alegadas de saúde, trabalho e amizade. Cumpria-me acatá-lhe o *verdictum* inapelável.

A cadeira n.º 16, da Casa de Melgaço, sôbre a qual demora o espirito fulgurante do seu augusto patrono Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, traz consigo predestinação à poesia. O patrono, como os dois primei-

ros ocupantes, tão cedo roubados à vida, Franklin Cassiano da Silva e Ulisses Cuiabano, foram poetas de sensibilidade e inspiração, e legaram-nos páginas de encantadora beleza. De Ulisses, o recipiendário traçou-nos belo perfil, e evocou a vida literária e a obra valiosa legada à posteridade, e o fez com a felicidade digna dos mestres consagrados, muito embora a sua condição de estreante das lides acadêmicas.

Sucedê-lhes, agora, a figura moça e irradiante de WANIR DELFINO CESAR, o primeiro acadêmico mais novo que a própria Acadêmia, nascido quando o antigo Centro de Letras se aprestava para celebrar o seu primeiro aniversário.

À sombra das nobres e gentís palmeiras do Ipiranga aos 26 de agosto de 1922, o sexto filho do estimado e saudoso casal Cesário Sezostris Cesar — e da Carmen Cardoso Cesar, via a luz do dia. A contemplação cotidiana da góitica paisagem da Igreja do Bom Despacho, com suas ogiva, harmoniosas e arrojadas, muito há contribuído para a sua formação literária, porque

“No coração do vale a natureza
Faz refletir sua imortal grandeza
Desde o nascer do sol, na rósea aurora,
Por entre a vibração bela e canôra,
Do passaredo, em álaçre harmonia,
Na saudação vibrante ao novo dia,
Até de tarde, quando o sol expira,
Tudo lhe fala, tudo move a lira.”

E éle mesmo o confessa, que os seus versos, os quais, modestamente, chama de pobres, são pedaços da própria alma dispersos sem pretensão alguma, pois apenas foram um lenitivo às próprias penas:

“Quer nas horas de dôr, quer de alegria,
Fui vertendo minha alma na poesia.
Inspiraram-me a verde natureza,
A Pátria, a Fé, a dúlcida beleza
Da amizade mais pura e mais sincera,
Que me enflorou da vida a primavera.
São como o espelho do que tenho sido;

Nas suas linhas deixo refletido
 O meu triste viver acidentado,
 O meu saudoso e humilíssimo passado,
 O doce lar da minha infância terna,
 A imagem bela da mansão materna
 A amável companhia dos meus manos,
 No saudoso folgar daqueles anos,
 Os parentes e amigos, os recantos
 Do meu torrão natal cheio de encantos,
 O repique do bronze cristalino,
 Que poetizou meus tempos de menino."

Folheio êsse admirável "Versos e reversos de coração" ainda inédito, e, um a um, como que vou reconstituindo, em comunhão com o poeta, os acontecimentos e fatos que lhe inspiraram os versos, que,

"Do coração e da alma são nascidos,
 Pela alma e coração devem ser lidos."

No prefácio dêsse magnífico livro de versos, oferece, aos leitores, uma síntese feliz dos pensamentos mestres, que dominam a sua poesia. E quem lê os versos de Wanir Cesar, não pode deixar de reconhecer-lhe a espontaneidade, expressão viva do verdadeiro sentir do autor, porque a poesia, como a prece, na definição atáideana, é o encontro que fazemos de nosso irmão mais íntimo, ou, como quer o recipiendário,

"A poesia é mistério, eflúvio doce,
 Que nos penetra o ser, como se fosse
 Um crepitar, que o coração abrasa
 E dele arranca a emocionante vaza.
 É coisa estranha, que de nós se evola,
 Como o aroma de cândida coróla.
 É um não sei quê de místico infinito,
 Como das selvas penetrais o grito."

A infância e a adolescência, transcorreram-lhe

" ao beijo da cantante aragem
 Desta paisagem maternal e li da!"

Concluído o curso ginasial, no Liceu Salesiano de São Gonçalo, ingressou no clássico e, após, logrou ótima colocação, mediante concurso, no PASE, que deixou por outra, no IAPI, também alcançada em disputado exame de provas. Depois, diz o poeta néo-imortal:

“Depois, deixei meu lar e meus parentes
E fui ver outras terras e outras gentes.
Então novas saudades, na partida
A mágua que supôs tirar-me a vida;
Após a dor maior, a própria morte
Quis transpassar, com o seu dardo forte
Meu débil coração . . . foram morrendo
Os meus queridos, os meus páis . . . gemendo
Saudoso e amargurado eu — quem não há-de!
Convertia nos versos a saudade.
E fui andando além, qual peregrino,
A cumprir, sem cessar o meu destino
De sentir reviver, a cada instante,
As saudades do quadro mais distante.
Eis, portanto, os meus versos todos pobres,
Que refletem, porém, amores nobres
de Coração, que a mágua dilacera,
Mas ama e cre, e nesta Crença espera.”

Poder-se-á objetar que a sua poesia é marcada de acentuada nota de dor,

“tecida de uma trama, cujo urdimento é todo feito em fios de dor, mais ou menos intensa, mais ou menos corrigida pelo temperamento ou pela Fé, que dá sentido ao mal, pela Esperança, que marca os seus limites e pela Caridade que o vence.”

porém forçoso é convir que é na escola do sofrimento que o homem se firma ou se anula. E, neste particular, o recipiendário constitui autêntica afirmação, que o coloca em destacado relêvo, entre os da sua geração, e fez voltar para êle a atenção da Acadêmia, que em bôa hora, consagrou a sua vida literária.

Em o soneto "Minha pena", fala o poeta da escola a que se filia, em consonância com a profissão de fé contida em o seu formoso discurso de posse:

"Confidente das minhas amarguras,
Tu que traduzes meu acerbo pranto,
E cada comoção, que gemo ou canto,
Sinceramente registrar procuras;

Oh! tu que não te perdes nas loucuras
Dos estilos modernos, sem encanto,
Mas, bem simples até sabes, no entanto,
A verdade contar em formas puras;

Minha pena querida, continua
A realizar, com singeleza, a tua
Missão de traduzir, dia por dia,

Os anseios desta alma embevecida,
Entre os risos e lágrimas da vida,
No profundo mistério da poesia!"

A concepção católica da vida, ensina Amoroso Lima, não nega ou homem o direito de ser moderno. O que lhe contesta é que possa esquecer o que tem em si de eterno, invertendo o valôr real das coisas. Antes de ser moderno ou antigo o homem é *eterno*. Pode ou não ser *moderno* no sentido em que empregamos o têrmo. — mas não pode deixar de ser eterno. E isso porque não pode deixar de ser *homem*. E a Igreja não nega que as condições de *modernidade* que afetem o modo de ser e de viver do homem, mas coloca essas modificações dentro dos limites do que há de eterno no homem. Segundo essa concepção, o homem vale mais que as circunstancias em que vive. Segundo o mundo moderno, ao contrário, as circunstancias valem mais do que o homem e o modelam à sua imagem e semelhança... O humanismo cristão vê no homem a sua essencia eterna, e considera-o sempre sob êsse angulo. Isso não representa, de modo algum, uma repetição ou uma conservação de formas passadas. O eter-

no não, é a negação do moderno. Nem a negação de que a vida seja movimento e transformação. É apenas a distinção perene das coisas por seus valores hierárquicos. De modo que, em qualquer momento do tempo, o que há de eterno no homem deve, não aniquilar, mas dominar o que há nêle de moderno. E isso segundo o princípio fundamental de que o eterno é superior ao moderno por ser êste um simples acidente no homem e aquele a sua própria natureza (*in* "Idade, sexo e tempo", 1a. ed. pags. 275-6)

Falando da arte, o recipiendário chega à mesma conclusão: - o tempo não é critério de valôr, pois o que a torna perene, é a causa a cujo serviço ela é posta; são os ideais que ela corporifica; os sentimentos que interpreta e vivifica.

Acenando ao mundo, com o consciênte adeus às suas vaidades, não tergiversou o recipiendário, em abandonar privilegiada posição funcional, despojar-se de tudo, desligar-se da família e ingressar no Seminário, para abraçar a vida religiosa, porque o fêz certo do ensinamento do Mestre, de que

"O ideal sacerdotal é o mais belo ideal da existência humana; A vida monástica, longe de ser uma fuga do mundo, é o melhor dos meios para levar ao mundo um pouco de consciência da verdadeira vida. Os povos e as pátrias só são grandes e dignos quando sabem honrar os que vivem para Deus, com sacrifício de ambições mundanas, e vivem no mundo para revelar e lhe trazer o segredo dos mistérios divinos." (Alceu Amorooso Lima, "Pela União Nacional", pags. 20-1).

Assim, em Pindamonhangaba, aos 19-3-1947, recebia êsse hábito glorioso, que é todo o seu orgulho e traduzia em versos e que lhe ia n'alma :

A BATINA

«Hoje que ao som de mística harmonia'
Desta negra mortalha me revisto,
E a Cruz tomando, com meu doce Cristo,
Vou ao Calvário percorrer a via;

Entre a emoção desta hora, nêste misto
De imolação e gozo, Virgem pia,
Em vós meu pobre coração confia,
Pondo em prece, a suplicar-vos isto:

Dai que eu despreze a sedução, que ilude,
E esta batina renegada e rude,
Que ao mundo escárnio contra mim suscita,

Na eternidade ao penetrar minha alma,
Se ja penhor da imarcescível palma,
Que, ao vosso lado, a tornará bendita!

A lãurea acadêmica vem cingir-lhe a fronte, quando se prepara para continuar os estudos eclesiásticos na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, para onde segue na semana vindoura.

Familiares lhe são os clássicos da lingua, mórmente aqueles que aliam a perfeição da forma à ortodoxia da doutrina. Segue a orientação traçada pelo eminente Presidente de honra da Acadêmia, S. Excia. Revma. o Sr. Dom Francisco de Aquino Correa, honra e glória da Igreja e das letras pátrias, que neste ano celebra duplo jubileu religioso e literário, cercado do respeito, da admiração e dos aplausos, de Mato-Grosso inteiro e do Brasil. Naquela formosa oração inaugural do sodalício, o Venerando Pastor, Príncipe da Igreja e das letras, indicou-nos o roteiro seguro a quantos pretendam imprimir às letras o papel que lhe pertence, em essência e de direito — de formadora dos espiritos, incentivadora das conquistas da civilização.

Auspiciosa, por isso mesmo, a senda luminosa que o recipiendário tem, ainda, a palmilhar e, em lhe dando as boas vindas da Acadêmia, nestas palavras buriladas tão sômente pela amizade, porque o tempo não me permitiu fazê-lo de outra fôrma, auguro-lhe novos sucessos na vida literária e eclesiástica, para o engrandecimento de Mato-Grosso, que, nêle, deposita as mais fundadas e caras esperanças.

Disse.

Dia da Cultura

5-11-1951.

Discurso do acadêmico Antônio de Arruda

Ao ser convidado para falar nesta solenidade, confesso que fiquei meio aturdido. Dia da cultura, o assunto não podia ser outro senão a própria cultura — o que me pareceu ausência de assunto. Achei-me na situação daquele deputado a que se referia Ramalho nas "Farpas", que, teimando em falar em momentos dos mais inoportunos, fez um discurso que poderia caber nesta síntese: De como às vezes é necessário ficar em silêncio...

Contado, em nosso caso, haveria pelo menos um tema, e o discurso há de ter sempre o seu tema, e um só tema. Assim entendia o Padre Vieira quanto ao sermão, que ele comparava à árvore, de cujo tronco — o assunto, a matéria — saíam os ramos como bifurcação do discurso, além das varas ou a repleção dos vícios, e das flores que são as sentenças, e como remate de tudo o fruto, como o objetivo final do orador.

Dêste modo, ainda que não se possua mais que um milionésimo da força de Vieira, quando se dispõe de um tema, fáci será o caminho do discurso. E, atentando no assunto que ora nos preocupa, a cultura, remontaremos sem esforço a sua origem, e que vemos? Simplesmente a constituição de um dos mais notáveis estágios da sociedade humana, decorrente da cultura do solo. Logo que concluiu este aprendizado, sem dúvida longo e difícil, o homem pôde obter estabilidade e sair de selvaticueza em que jazia há muito tempo. Os filósofos estão acordos neste ponto, embora não consigam estabelecer a data em que isso se passou. De qualquer modo, em torno de se fato primitivo, longínquo a cultura

... e o mundo de relações,
... importantes
... não satisfizer somente al-
... e no entanto tudo que em
... para nos converge depende de cultivo. Daí a trans-
... que a palavra adquiriu, e chegamos ao ponto
que ora nos interessa. A cultura que hoje comemoramos diz
respeito evidentemente às qualidades superiores do homem, aque-
las que o elevam entre todos os demais seres, as que o fazem o
construtor da ciência e o criador da arte. Inteligência e espírito,
eis a matéria prima para esse trabalho, de conseqüências muito
mais notáveis que o outro que corresponde ao sentido material
da expressão a que nos referimos. Em toda parte, legião obscura,
inumerável, abnegada, se empenha nesta obra grandiosa, que além
de tudo satisfaz tendência inata do homem e concorre para o
engrandecimento do país.

As artes especialmente se ligam de maneira apreciável ao
progresso e à civilização. O povo que não cultiva as artes, disse
Voltaire, deve ser condenado a perpétuo esquecimento. Quem
diria que a recíproca, também verdadeira neste caso, viesse a
demonstrar-se com a pátria do mesmo filósofo que expressou
aquele conceito? Realmente, a França tem sofrido várias e gran-
des provações, perdeu quasi toda a força material que a distin-
guia no passado; entretanto, continua a ser um dos países lumi-
nares do mundo, glória autêntica da latinidade. Que é isto se-
não a supremacia da arte e da cultura que esse povo conquistou
nos dois últimos séculos?

Contemplai a Inglaterra da atualidade! Tem visto afrouxar-
se a jurisdição que mantinha sobre alguns povos, e ainda agora
acaba de sofrer considerável desfalque em seu patrimônio, consis-
tente na mais rica usina de petróleo que já se edificou até hoje.
Poderia perder todas as suas fábricas, poderia mesmo desaparecer
da face da terra, pois, o que ela já construiu no reinado da cul-
tura lhe garantiria a sobrevivência na memória de outras gentes.
Bastaria, neste ponto, o gênio de Shakspeare, cujas criações se
tornaram imperecíveis; ainda que submergisse o Império Britânico,
os porvindouros sem dúvida ainda se comoveriam com as des-
venturas do rei Lear e com os enlevos e desditas do drama da
paixão, que se resume na história de Romeu e Julieta.

Volvendo os olhos para a nossa terra, dois expoentes da
cultura se nos impõem à atenção. Em primeiro lugar, Rui Bar-
bosa, que aliás inspirou a idéia da festa que hoje se celebra. À
medida que passa o tempo e amortece as paixões que turbavam
o julgamento dos contemporâneos, mais e mais se vai concretizan-
do na consciência dos brasileiros o valor extraordinário de Rui.
Os constituintes de 1946, ao contratarem para o Estado o compro-

misso de erigir-lhe um monumento na Capital da República, proclamaram os seus serviços à Pátria, à liberdade e à justiça, que exprimem o transunto de uma grande vida. Rui Barbosa constitui o ponto culminante da inteligência brasileira, o que seria muito, mas, não é tudo. A par do progresso intelectual que conseguiu adquirir através de longos e laboriosos estudos, tornou-se também professor de civismo, exemplo sem jaça de caráter e virtude. Político, combatente, sofreu as incompreensões e injustiças a que estão sujeitos os que no Brasil se dedicam à vida pública. De Rui se disse que foi pouco escrupuloso nos negócios, quando tal era a sua honestidade que levou anos a trabalhar, no início da carreira, para saldar todas as dívidas do pai. Não lhe encontrando brechas no caráter para expô-lo ao pelourinho da opinião, acusou-o a inveja de interesseiro e egoísta, a ele que recusára, no fim do Império, uma pasta ministerial, para não abjurar as idéias federativas, que vinha então professando.

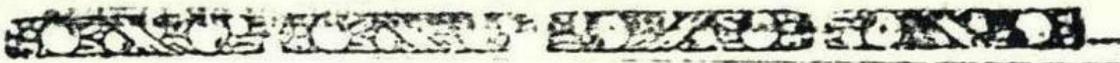
Amortecidas, pois, as lutas decorrentes das competições partidárias, o vulto de Rui Barbosa sobressai agora na sua inteirosa, grande como ser humano, maior ainda como cidadão. Representante máximo da cultura do seu tempo, teve a felicidade de poder empregá-la nas causas decisivas da nacionalidade, tornando-se o construtor jurídico de um regime, o defensor dos oprimidos, enfim a voz suprema da pátria tanto nos seus momentos sombrios, como nos de entusiasmo e de glória.

Restringindo-nos agora à cultura literária propriamente dita, que concerne ao primeiro objetivo desta casa, lembraremos a figura peregrina de Machado de Assis. Neste particular, nenhum outro nome seria mais simbólico e sugestivo. Machado de Assis representa uma das grandes manifestações do gênio latino transplantado para os trópicos, verdadeiro milagre num país ainda no primeiro século de sua independência. O aparecimento das "Memórias Póstumas de Brás Cubas", em 1881, constitui fato dos mais importantes na história da literatura brasileira; no entanto, na segunda metade da vida, Machado Assis ainda nos legou pelo menos cinco obras primas, maravilhas singulares no meio social em que viveu. Erguendo-se, sózinho, de origem humilde até a mais alta culminância das letras, nunca perdeu a serenidade e a modestia peculiares aos sábios.

Em face desses títulos, o seu nome e a sua obra devem estar presentes numa casa de estudo como esta, que pode sentir-se jubilosa em cultivar-lhe a memória. E no dia de hoje, dedicado às altas preocupações do espírito, o seu nome e o de Rui Barbosa ressurgem como exemplo e estímulo para todos os que temos neles muito que estudar e muito que aprender.

Cadeira n. 20

**Homenagens póstumas ao fundador,
Prof. PHILOGÔNIO CORRÊA**



I:

Discurso proferido à beira do túmulo, no dia 13 de setembro de 1952, pelo Presidente José de Mesquita.

Meu caro Philogônio :

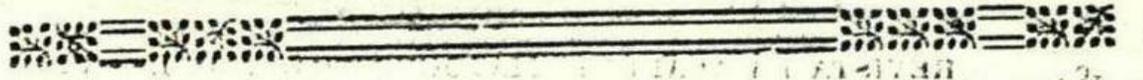
Quando às primeiras horas de hoje, recebi, transmitida por Aécim Tocantins, a infausta notícia do seu falecimento, uma viva comoção me tomou, ao ver tombar no caminho, um dos companheiros da primeira hora, veterano desta Cruzada de idealismo que, há mais de trinta anos, juntos empreendemos. E aqui estou, a trazer-lhe, nesta ribanceira que separa dois mundos, até onde nos é dado acompanhá-lo, o nosso eterno e sentido adeus, o adeus dos seus amigos da Academia Matogrossense de Letras, e do Instituto Histórico de Mato Grosso. Junto à beira da hipogêa que se abre para receber-lhe o envólucro terreno, aqui estamos, os que a seu lado lutamos a boa batalha, pelo engrandecimento da nossa terra, os que, neste momento cruelíssimo, sentimos a falta que nos vai fazer o seu concurso sempre solícito e eficiente. Fundador das duas maiores Sociedades Culturais do Estado, ocupando, em ambas, elevados cargos de direção, você jamais regateou a cooperação da sua inteligência a êsses sodalícios, que hoje deploram a sua perda.

Assíduo colaborador das nossas revistas, emprestou, sempre, às nossas tertúlias e horas literárias o brilho da sua palavra fácil, seja em eruditos ensaios, seja nas chistosas palestras humorísticas, que o consagraram como o nosso Urbano Duarte, e nas quais se revelou insuperável pela graça do dizer e pelo acerto dos conceitos.

Não é este o momento asado a rememorar a sua atuação na vida pública; na qual desempenhou a primor funções de alta relevância; o seu amor e dedicação ao magistério, de que fez um sacerdócio leigo; a sua cultura especializada nos ramos da História e Geografia, que o tornaram acatado, em mais de uma oportunidade, fóra dos lindes do do nosso Estado, nos certames científicos em que lhe foi dado tomar parte.

Quero e devo, sómente, evocar, aqui, o amigo e companheiro de todas as horas, que, a despeito das divergências de idéias, sabia manter, na linha impecável do seu cavalheirismo, as velhas amizades, tal como a que entretivemos a vida toda, desde os saudosos bancos do Colégio Salesiano Grande a falta que nos vai fazer o seu definitivo afastamento. Imenso o vácuo que você deixa no seio dos nossos grêmios de cultura. Um conforto, porém, nos fica, o de que, desaparecendo, você lega aos seus Companheiros, a par das suas obras escritas, essa obra palpitante e vivida, que é o seu amor ao trabalho, o seu sadio patriotismo, o seu espírito público que sempre soube, com despreendimento e nobreza, revelar-se. O descanso que hoje lhe é dado, após a luta àspera, é bem assim, a recompensa do seu incessante pelear, que deve servir de paradigma, de estímulo e de exemplo às novas gerações.

Que a paz de Deus — o bem supremo a que podemos aspirar — envólva, na Eternidade, o espírito de quem entre as asperezas e injustiças da vida, soube manter sempre ereto o seu pendão firme e seu arnês de Cavaleiro da Instrução e paladino da Cultura. Dorme em paz, com Deus, o seu último e grande sono. Adeus !



Prof. Francisco Mendes
em sessão pública da Academia de Letras de Mato Grosso
em 15 de Novembro de 1944, tendo sido lido e aprovado
o seguinte texto: "O Sr. Filogonio Corrêa, fundador do Centro
Matogrossense de Letras e da Academia Matogrossense de Letras,
faleceu em 15 de Novembro de 1944, deixando um legado
de honra e de exemplo para a cultura mato-grossense."
A Academia de Letras de Mato Grosso, em homenagem
à memória do Sr. Filogonio Corrêa, resolveu publicar
este livro.

II

Palavras proferidas em sessão,
pelo Secretário da A. M. L.
Prof. Francisco Mendes.

Senhor Presidente

E' cumprindo doloroso dever, que venho neste momento referir-me á memória de Filogonio Corrêa, pranteado confrade, há pouco arrebatado do nosso convívio social pela lei natural de todos os seres.

Filogonio Corrêa, foi dos primeiros intelectuais matogrossenses a incorporar-se ao sodalício da cultura matogrossense, sendo sócio fundador do Centro Matogrossense de Letras e depois, da Academia Matogrossense de Letras, em que se transformou aquele Centro de Letras.

Historiador, tendo se dedicado com entusiasmo ao estudo das coisas da nossa Pátria, com especialidade a Mato Grosso, copioso acesso de relevantes serviços nos legou. Podemos particularisar sua atuação nos estudos de demarcação dos lindes matogrossenses, já tomando parte em Congressos dessa natureza, já focalizando com a consciência limpa dos seus aprofundados conhecimentos da matéria, através de páginas brilhantes, a fisiografia particular do território matogrossense, em cuja defesa se distinguiu patriótica e entusiasticamente.

Professor emerito, atuando no antigo Liceu Cuiabano e na Escola Normal "Pedro Celestino" da Capital, sua trajetória foi das mais brilhantes, fazendo de sua missão verdadeiro sacerdocio. Na administração estadual desempenhou elevadas funções, dentre as quais, como diretor da Instrução Pública e Diretor do Liceu Cuiabano se distinguiu de maneira marcante. Como político militante, desempenhou em várias legislaturas o mandato de deputado a Assembléia Legislativa de Mato Grosso e presidiu a Câmara Municipal de Cuiabá, como vereador.

Filogonio Corrêa, como homem, teve os seus defeitos, muitos dos quais atraíram para si antipatias e inimizades. E qual a perfeição humana? O homem na sua missão na terra, deve procurar atingir a perfeição de que, só Deus é o exemplo único e infalível. Filogonio na sua vida pública, procurou ser justo, e nessa obstinação, talvez por isso mesmo, errou, como erram muitas vezes os homens públicos. Mas na sua atuação e com a sua inteligência de escol, honrou a cultura matogrossense.

Rendendo á memória do extinto confrade um preito de saudades acredito, interpretando o sentir desta Casa, na solidariedade de todos á consignaço em ata dos nossos trabalhos, de um voto de profundo pesar por esse infausto acontecimento, dando-se á família do extinto, conhecimento desta proposta.



Dia da Pátria e da Academia

Palavras proferidas pelo Presidente da Academia Matogrossense Des. José de Mesquita, na abertura da Sessão solene com que as Sociedades Culturais de Cuiabá comemoraram o Dia da Pátria e o aniversário da Academia Matogrossense de Letras, a 7-9-1952.

Comemora hoje, tal como o faz todos os anos, a Academia Matogrossense, juntamente com a magna data nacional, que é o Dia da Independência, o 31.º aniversário da sua instalação, na fase liminar do Centro de Letras. E, como das outras vezes, associam-se para essa comemoração as demais sociedades culturais desta Capital, sob a égide prestigiosa do Governo do Estado, e com o concurso dos mais destacados elementos da sociedade patriótica. É esta uma festividade que se constitui já uma formosa tradição cuiabana, representando a coroação magnífica das comemorações da Semana da Pátria na Cidade Verde. Com que satisfação, Senhores, me é dado, ainda uma vez, no posto de comando, a que acabam de reconduzir-me os meus pares, dirigir a palavra à culta sociedade cuiabana, para declarar, na forma dos nossos Estatutos, empossada a Diretoria que regerá os destinos deste sodalício até 7 de Setembro de 1954. Prossegue, assim, a instituição que vimos nascer sob os auspícios do Governo de D. Aquino, nosso eminente Presidente de honra, cujo nome declino com a reverência e o carinho que merece de todos nós — prossegue a Academia sua marcha gloriosa, paralela com os destinos luminosos da grande Pátria, nascidas que foram, ambas, sob a mesma estrela propícia, uma para a vida, outra para a Independência, que o mesmo é

que a vida, pois como bem proclamou o grande Principe condottieri da jornada do Ipiranga, para os povos, como para os indivíduos, a morte é preferível ao sacrificio da liberdade.

Crise de ponto a minha ufania, nesta feliz oportunidade, ao evocar a cena maravilhosa que, ainda ha 48 horas, me foi dado contemplar, percorrendo, nas asas do possante Beecraft Bonança, as terras da portentosa Mesopotâmia do Brasil Central, de Aragarças a Xavantina, e deste posto avançado da Civilização até Cuiabá, numa reta que se pode dizer a linha alta e ascencional do progresso. Com que viva emoção me foi dado observar, na corrida vertiginosa do "geep", cobrindo, em pouco mais de uma hora, 140 quilometros, a obra magnifica de brasilidade, que vem realizando a Fundação Brasil Central, a cuja frente se encontra, por feliz escolha do Chefe da Nação um dos illustres membros desta Casa - o nosso brilhante confrade Archimedes Lima. Essa visita que acabo de fazer num raid-recorde, que exprime bem o vertiginoso ritmo de velocidade que caracteriza a vida moderna, foi, fóra de duvida, a melhor preparação do espirito para estas festas, da Pátria. E' que me ensejou, no relance de impressões objectivas, ver a grandeza da obra que se vem processando na interlândia, impulsionando o desenvolvimento econômico dessa vasta região, onde ainda ha pouco só se ouviam o rugir das feras e os maracás indigenas e, a que, agora, os motores dos aviões e das patrôes kvam a sintonia do progresso. Ao cobrir, num vôo de 120 minutos, distancia maior do que a que fiz em cerca de 20 dias, quando no inicio de minha carreira de magistrado ganhei, ao passo tardo das alimárias, essa estupenda Promissão do Leste, a zona do Araguaia; ao observar o admiravel surto do novo bandeirantismo, que fundou Aragarças e Xavantina e já irrompe através de mais de 70 quilometros, de uma ótima estrada pioneira, rumo ao Xingú, pude compreender e sentir a grandeza dos destinos da Pátria no mais vivo e feliz dos flagrantes. E ali, tendo ao meu lado dois confrades nossos, Archimedes Lima e P. Colbachini, do Instituto Historico, esse Rondon de sotaína, desbravador e profundo conhecedor dos mi-térios da selva senti, ao vivo, que o futuro do Brasil repoura, não apenas nêsse estupendo avanço material, mas sobretudo, na sólida base da Cultura, de que esta Casa de Melgaço é a Matriz, em terras matogrossenses. Quis Deus que me fosse dado, na Semana da Pátria, assistir de perto essa obra de brasilidade, que foi o sonho de Couto de Magalhães e de Von Stein, que iluminou os ideais de minha mocidade, vendo, ao sobrevoar o Vale do Sonho, nas vertentes do Rio das Mortes, que a energia humana pode converter em realidade as mais arrojadas quimeras. No simbolismo daquele encontro, eu via como que ressurgirem, vivas e reais, as lendas dos Araés e dos Martirios, transformadas já não em visões subjectivas mas na realidade mais palpavel. E

desse conjunto harmonioso de impressões, afluía aos meus olhos maravilhados e vibrava em meu coração comovido, a certeza do porvir grandioso do Brasil e de Mato Grosso, a que a Brasil Central vem servindo quasi cem por cento, eis que seus trabalhos, os capitais e energia que investe, são quasi todos empregados no território do nosso Estado.

Eis porque, Senhores, neste dia do Brasil e da Cultura, me sinto possuído do mais nobre orgulho, vibrando ainda dessas emoções tão vivas e recentes, ao poder proclamar, mais uma vez, a confiança nos destinos da Pátria benquerida, do nosso Mato Grosso, que é o seio ubérrimo do Brasil e desta Cuiabá — berço da Cultura, onde pulsa o Coração de Mato Grosso, feito de bondade, de arrojo e de virtude.

Dia do Brasil. Dia da Academia. Que Deus continui, a cada novo 7 de setembro, a nos dar outros e crescentes motivos, de nos enobrecermos de ser brasileiros e matogrossenses, trabalhando, nesta Casa de Melgço ou fora dela, sempre com os olhos e a alma postos na grandeza da Pátria, alicerçada nas bases solidas e indestrutíveis da verdadeira Cultura.

Poesia e Tango

Marilia Ribeiro

Poesia e tango - eis duas artes supremas.
Quando a inspiração divina, pelo Anjo,
A mulher e a poesia, em seus seios se unem,
Trabalham o sentir, na ventura ou na dor.

Em cada estrofe sua - a poesia entona,
Em cada nota sua - o tango vibra e canta.
Lembrando, em delírio e em delirante,
A alma que a forte paixão lhe deu.

E na hora em que o tango se ergue,
Como um rio que se lança ao mar,
Com o ritmo vivo e estropeado,
Sentindo, então, do verso a sublime magia.

A poesia inquirida, por o tango, é amor,
A alma de um tango, é a alma de um poeta.

Páginas dos Novos



Poesia e Tango

Marilza Ribeiro

Poesia e tango - eis duas artes supremas,
Criando a inspiração divina, pelo Amor!
À música e a poesia, em seus sublimes temas,
Traduzem o sentir, na ventura ou na dor.

Em cada estrofe sua — a poesia encanta!
Em cada nota sua — o tango sofre e chora!
Evocando, em delirio e em tristeza tanta,
Alguem que a gente quer, na febre que devora.

E na doce emoção dos nossos corações,
Como tudo que é sentimento, como o Amor,
Compômos versos e criamos as canções ...

Sentindo, então, do Verso a sublime magia,
A própria inspiração, que é o próprio Amor,
Ao som de um tango, Amor que se faz Nostalgia ...

Recordando

Antidia Coutinho

(Yara de Léste)

Onze e dez. Lá fora o vento rodopia
num bailar sinistro que apavora!
Ha um frio cortante lá por fóra
enquanto vae rugindo a ventania.

Minhalma envolta em nostalgia
de saudade amargamente, chora!
Arqueja o tufão pela arcania.
Em tudo ha tristeza lá por fóra!

Tambem neste meu peito um tufão
soprou o frio da descrença
ferindo a fibras do meu coração...

Hoje, triste e só, sem fé, sem crença
recordo meu passado tão risonho
que fugiu nas brumas do meu sonho!

Araguaiana — 1952

Canto em Nebulosas

Minerva Ferreira

Fugiu de mim...
Sem que me apercebesse...
E o mutismo cercou-me, estranho,
Inconfundível...
Absorta, a vagar,
Errante, sem venturas,
Eu me puz a sonhar
Em vãs conjecturas...

Fugiu de mim...
Embora compreendesse
Quão feliz se eu pudesse traduzir
Em versos
De emoção... o que penso nest' hora
E não escrevo...
Se traduzir pudesse o meu anseio intenso
Coroadado de enlevo!...

Canção da Saudade A

Hoje fui vidente a noite
 Foi quando lá se foi
 Com o teu olhar
 Tudo é lá no peito

Choramos juntos
 Tudo aconteceu
 O teu lábio
 Hoje nada mais

Choramos lá
 De repente
 O seu olhar

Fugiu de mim...
Não quiz meu coração
Enternecer...
 Nem tão pouco
 Queria
 A Esperança acender,
 Na profundidade
 De minh' alma vazia...

Soyim

.....
Fugiu de mim...
Mas... se eu tivesse
Ao menos pressentido,
Se eu tivesse siquer, adivinhado,
Que voltaria,
 Um dia,
 Sorrindo, aos braços meus,
 Não teria chorado tantas noites!
 Quantas noites chorado não
 Teria,
 Porque se fôra sem dizer-me
 Adeus!

A Cachoeira da chacara

MARIA CURSINO CURVO

Hoje fui visitar a nossa velha e querida chacara.
Pela estrada fóra ia pensando,
Como tudo passa, o tempo não espera nem perdôa
Tudo é luta, pelo que mais amamos

Chegamos enfim. Tudo exprimia saudade
Tudo acabado, quasi tapéra,
Querida chacara, já foste tão linda, bem cuidada
Hoje nada mais daquilo que éra.

Cheguei à beira do rio, olhei a cachoeira,
No seu gargalhar constante me falou.
De repente, como por encanto
O seu gargalhar constante estancou.

Porque? já sei querida cachoeira,
Perguntas -- que é feito do velho e querido amigo?
Deus, o nosso Pai divino o levou

Continas parada, porque?
Porque não voltas novamente a gargalhar?
já sei. Tu também o amaste muito.
Continuas parada. compreendo,
E' para poder chôrar.

Choras querida amiga,
Como você eu muito tenho chorado.
Saudades... lagrima sentida
Por aquele que foi muito amado

Adeus, querida cachoeira,
Volta a gargalhar, isto é o rodar da vida
Nascemos, crescemos e por tudo lutamos
Ao deixar-te, deixo uma lagrima sentida
De saudades daquele que juntas amamos.

Cuiabá, 8 de Outubro de 1951.

Serenata

Gitinha Maranhão

Uma canção maviosa
Sob a plenitude do luar,
Quebra a monotonia,
Latente, na luz
Tremulante da cálida
Noite...
Vibram em uníssono
Os leques das frondosas
Palmeiras.
Trilam os ninhos,
Onde se extinguiu
A luz do amor.

Desperta a saudade
De tudo que passou...
A promessa que viveu
No apogeu do rosais,
E as garras impiedosas,
Da traiçoeira separação
Cairam como maldição,
Sobre a arquitetura
Do fragil realismo.

ESTRELA

o jardim em silêncio

E o som do violino,
Refloresce o encantamento,
Que avassala ternamente
E prende sem maguar;
Intacto altar, oculto
Na penumbra do manto
Da personalidade:
Como um pássaro cativo
Liberto dos grilhões
Que o prendiam,
Canta os seus doces
Madrigais.
Sonhar com o passado
É volver tristemente
Um jardim emurchecido,
De rosas esmaecidas
Espalhadas pelo chão,
E a litânia das pétalas
E das folhas secas,
Impulsionadas pelo vento,
É a síntese funesta
De um perfume ...
De um vida ...

Você!..

Luis Lopes de Brito

Você passou
bem pertinho de mim.
E logo, c' os diabos!...
Olhei você todinha.
Ví o cogóte nu...
vi as omoplátas
se mexerem
querendo aparecer...
vi as sandálias brancas
amarradinhas
só no peito dos pés.
E vi os calcanhares
que se apagavam e acendiam
cada vez que pisavas.
Que bom.
ter fogo nas veias!
Que bom.
ser sandálias!...

SERVIDÃO

Manoel Gralheiro

"Emege tu recuerdo de la noche
en que estoy."

NERUDA.

Inutilmente procuro colocar-te
fora do horízonte.
Em intermitências de cometa
reconheço, alegre e derrotado:
— És a poesia de tôdas as coisas
onde vivo encerrado.
Saltas como o fruto nos braços da pereira.
O ouro do trigo da terra violentada.
A água pela rocha, vergastada.
O amor antigo e novo, reencontrado.

Meu cântico é o raio de ti refletido.
Com meu dedo te toco alvoroçado
se meu olhar em mim se refugia.
Sou o gênio épico de um rio
à terra do teu ser acorrentado.

Vida ! . . .

Agener Leão

Vida ! ..
Punhados de pensamentos,
Solueços, prantos, lamentos,
Segredos e sensações;
Carícias, sonhos, desejos,
Espoucamentos de beijos,
Amôr de dois corações;

Vida ! ...
Pluma que vai esgarçando
Ao vento sempre bailando,
Sem destino, ao léu da sorte,
Constantemente açoitada,
Para depois ser lançada
Às garras frias da morte;

Vida ! ...
Cantiga de passarinhos,
Flores enchendo os caminhos
E o cheiro agreste dos prados;
Voz dos veios cristalinos,
Homem ! Mulher ! — dois destinos
Num destino transformados;

Vida!...
Flóco alvíssimo de néve
Que se vai tornando bréve
Quanto mais o tempo passa;
Novelos espiralados,
Transparentes, delicados,
Inconstantes, de fumaça;

Vida!...
A chama da véia, acêsa
Que não nos dá a certeza
Duma longa claridade;
Ave implume e delicada,
Perdida sôlta, sem nada,
Nos campos da imensidade.

Vida!...
As sombras lentas da tarde
Que se deitam sem alarde
Em colchões feito de fôlhas;
Existência transitória
Que se resume na história
De um sabão desfeito em bôlhas.